

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM
ENSINO DE HISTÓRIA**

ALANA RASINSKI DE MELLO

**"QUE SABE DOS HOMENS E DAS MULHERES": O ENSINO DE HISTÓRIA A
PARTIR DA REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA COLUNA DO JORNAL O
TIBAGI (1948-1950)**

**PONTA GROSSA
2020**

ALANA RASINSKI DE MELLO

**"QUE SABE DOS HOMENS E DAS MULHERES?": O ENSINO DE HISTÓRIA A
PARTIR DA REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA COLUNA DO JORNAL O
TIBAGI (1948-1950)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Ensino de História,
no Programa de Pós-Graduação em Ensino de
História.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Angela Ribeiro Ferreira

**PONTA GROSSA
2020**

M526 Mello, Alana Rasinski de
"Que sabe dos homens e das mulheres": o ensino de História a partir da
representação de gênero na coluna do jornal O Tibagi (1948-1950) / Alana
Rasinski de Mello. Ponta Grossa, 2020.
205 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - Área de
Concentração: Ensino de História), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Angela Ribeiro Ferreira.

1. Ensino de história. 2. Gênero. 3. Papeis sociais. 4. Jornal. 5.
Representações sociais. I. Ferreira, Angela Ribeiro. II. Universidade Estadual de
Ponta Grossa. Ensino de História. III.T.

CDD: 370.981

TERMO DE APROVAÇÃO

ALANA RASINSKI DE MELLO

"QUE SABE DOS HOMENS E DAS MULHERES": O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NA COLUNA DO JORNAL O TIBAGI (1948-1950)

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História, no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 08 de dezembro de 2020, pela seguinte banca examinadora:



Profª Drª. Angela Ribeiro Ferreira (UEPG - Orientadora)

Profª Drª. Júlia Glaciela da Silva Oliveira (IFPR)

Profª Drª. Andréa Mazurok Schactae (IFPR/UEPG)

Ponta Grossa, 08 de dezembro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram importantes para a realização desse trabalho. Alguns homens estiveram comigo nessa trajetória, mas foram principalmente elas, as mulheres da minha vida que me inspiraram para a conclusão dessa jornada. Tive a sorte de crescer rodeada de mulheres fortes e guerreiras. Me orgulho de cada uma delas.

Agradeço às minhas queridas avós Nilva e Lurdes que infelizmente não estão mais aqui, mas que sempre falaram (quebrando alguns estereótipos que temos de avós) que os estudos e o conhecimento é o que há de mais precioso no mundo para uma garota.

À minha mãe, professora Ana Lúcia, meu maior exemplo de ser humano, que sempre esteve ao meu lado. Que além de todo amor e carinho, me mostrou que como ser professora é uma tarefa desafiadora, mas também muito gratificante e divertida.

À minha querida professora Angela, que eu escolhi como orientadora. Para mim um exemplo de como uma professora deve ser: dedicada, organizada, paciente, firme e compreensiva. Será para sempre minha professora preferida.

Ao meu parceiro da vida, Alan, por me aconchegar em momentos de desespero, quando achei que não conseguiria. Por me incentivar e me fazer acreditar em mim mesma.

Ao meu pai, professor Jader, que sempre fez com que eu me sentisse a menina mais inteligente do mundo.

Às minhas tias, Lurdinha e Nilvania que sempre foram exemplos de mulheres inteligentes e decididas. Quando criança, queria ser como vocês quando me tornasse adulta, espero estar no caminho certo.

A todos os meus colegas do mestrado, pelas risadas e reflexões das sextas-feiras.

A todos os meus amigos que de alguma forma ajudaram, seja me ouvindo, dando sugestões ou me descontraindo nos momentos em que me sentia sobrecarregada.

RESUMO

Esta pesquisa analisa como os papéis sociais de gênero foram construídos e naturalizados ao longo do tempo, como eles reforçam preconceitos e até mesmo justificam violências e como é necessário que isso seja problematizado na escola e no ensino de História. Partimos da ideia de que o papel da escola na nossa sociedade está muito além de simplesmente repetir estes conteúdos canônicos, o dever da escola é também formar um cidadão, uma cidadã crítica que saiba compreender o que vive e o que vê. E, trazer temas de gênero para a sala de aula têm o objetivo de demonstrar para os alunos como os papéis de homens e mulheres são construídos socialmente e não algo natural que não deva ser contestado. Para tornar esta discussão possível, foi utilizada como fonte da pesquisa a coluna “Que sabe dos homens e das mulheres”, do jornal semanal O Tibagi, que foi publicada entre os anos de 1948 e 1950, na cidade de Telêmaco Borba-PR. A partir desta coluna e da fundamentação teórica foi possível discutir como os papéis de gênero eram representados e reforçados na sociedade da época, entender as mudanças e permanências na representação destes papéis. Para a análise das fontes foi utilizada a teoria da análise de conteúdo de L. Bardin e para entender a construção das representações sociais foi usada a teoria de S.Moscovici. Os objetivos deste estudo foram: compreender a construção histórica e social do papel feminino e masculino; identificar os estereótipos de gênero reproduzidos na coluna “que sabe dos homens e das mulheres”; relacionar o contexto histórico com o conteúdo da coluna; discutir a utilização do jornal como fonte histórica; discutir a importância das questões de gênero na sala de aula. Ao realizar a análise das fontes, conseguimos perceber como a construção de alguns papéis de é feita e reforçada em nossa sociedade. Para realizar essa análise, as colunas foram divididas em categorias que fazem parte do nosso cotidiano. Após realizada a pesquisa foi realizada a construção de um material didático que possibilita a reflexão dos alunos sobre as questões de gênero, que mostre como a história tem diversas possibilidades de estudo, que o jornal pode ser uma fonte histórica bastante frutífera e como os ideais de homem e mulher foram construídos socialmente e como alguns desses ideais mudaram e outros permanecem até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História, gênero, papéis sociais, jornal, representações sociais.

ABSTRACT

This research looks at how gender social roles were built and naturalized, over time, how they reinforce prejudices and even justify violence and how it is necessary that this be problematized in school and in history teaching. We start from the idea that the role of the school in our society is much more than simply repeating these canonical contents, the school's duty is also to train a citizen, a critical citizen who knows how to understand what she lives and what she sees. And, bringing gender issues into the classroom are meant to demonstrate to students how the roles of men and women are socially constructed and not something natural that should not be contested. To make this discussion possible, the column "Who knows about men and women", from the weekly newspaper O Tibagi, was used as the source of the research, that was published between 1948 and 1950, in the city of Telêmaco Borba-PR. From this column and the theoretical foundation it was possible to discuss how gender roles were represented and reinforced in society at the time, L. Bardin's theory of content analysis was used to analyze the sources, and S. Moscovici's theory was used to understand the construction of social representations. The objectives of this study were: understand the historical and social construction of the female and male role; identify the gender stereotypes reproduced in the column "Who knows about men and women"; relate the historical context to the content of the column; discuss the use of the newspaper as a historical source; discuss the importance of gender issues in the classroom. By performing the analysis of the sources, we are able to see how the construction of some paper roles is made and reinforced in our Society. To perform this analysis, the columns were divided into categories that are part of our daily lives. After conducting the research the construction of didactic material was carried out which allows students to reflect on gender issues, that shows how history has different possibilities of study, that the newspaper can be a very fruitful historical source and how the ideals of man and woman were built socially and how some of these ideals have changed and others remain today.

KEYWORDS: History Teaching, gender, social roles, newspaper, social representations.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Imagem presente na coluna de 12 de junho de 1949.....	55
Figura 2: Imagem presente na coluna de 24 de maio de 1950.....	125
Figura 3: Imagem presente na coluna do dia 12 de julho de 1949.....	126
Figura 4: Imagem presente na coluna do dia 07 de dezembro de 1948.....	131
Figura 5: Imagem presente na coluna do dia 15 de novembro de 1949.....	132
Figura 6: Imagem presente na coluna do dia 20 de setembro de 1949.....	137
Figura 7: Imagem presente na coluna do dia 11 de abril de 1950.....	138
Figura 8: Imagem presente na coluna do dia 26 de junho de 1949.....	145
Figura 9: Imagem presente na coluna do dia 17 de maio de 1950.....	146
Figura 10: Imagem presente na coluna do dia 01 de novembro de 1949.....	150
Figura 11: Imagem presente na coluna do dia 12 de abril de 1949.....	151
Figura 12: Imagem presente na coluna do dia 27 de setembro de 1949.....	157
Figura 13: Imagem presente na coluna do dia 01 de outubro de 1950.....	158
Figura 14: Imagem presente na coluna do dia 28 de fevereiro de 1950.....	162
Figura 15: Imagem presente na coluna do dia 14 de março de 1950.....	163
Figura 16: Imagem presente na coluna do dia 21 de dezembro de 1948.....	167
Figura 17: Imagem presente na coluna do dia 18 de julho de 1949.....	168
Figura 18: Imagem presente na coluna do dia 11 de janeiro de 1949.....	173
Figura 19: Imagem presente na coluna do dia 02 de agosto de 1949.....	174
Figura 20: Imagem presente na coluna do dia 28 de dezembro de 1948.....	179
Figura 21: Imagem presente na coluna do dia 30 de agosto de 1949.....	180

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO 1 - GÊNERO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ENSINO	20
1.1. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.....	21
1.2. MULHERES NA HISTÓRIA E A QUESTÃO DE GÊNERO.....	27
1.3. EDUCAÇÃO, ENSINO DE HISTÓRIA E GÊNERO.....	33
CAPÍTULO 2 - O QUE SABE DOS HOMENS E DAS MULHERES NO JORNAL O TIBAGI	42
2.1. HISTÓRICO DO JORNAL.....	42
2.2. ANÁLISE DA FONTE.....	47
2.2.1. Casamento.....	47
2.2.2. Comportamento.....	61
2.2.3. Maternidade e paternidade.....	74
2.2.4. Dinheiro, consumo e economia.....	82
2.2.5. Política e vida pública.....	85
2.2.6. Aparência.....	90
2.2.7. Trabalho.....	104
2.2.8. Violência.....	113
CAPÍTULO 3 - MATERIAL DIDÁTICO	120
3.1. APRESENTAÇÃO.....	120
3.2. PAPEIS SOCIAIS DE HOMENS E MULHERES.....	120
3.3. SOBRE CASAMENTO.....	123
3.3.1. Colunas sobre casamento.....	125
3.3.2. Proposta de atividade sobre casamento.....	127
3.4. SOBRE MATERNIDADE E PATERNIDADE.....	128
3.4.1. Colunas sobre maternidade e paternidade.....	131
3.4.2. Proposta de atividade sobre maternidade e paternidade.....	133
3.5. SOBRE VIOLÊNCIA.....	134

3.5.1. Colunas sobre violência.....	137
3.5.2. Proposta de atividade sobre violência.....	139
3.6. SOBRE TRABALHO.....	140
3.6.1. Colunas sobre trabalho.....	145
3.6.2. Proposta de atividade sobre trabalho.....	147
3.7. SOBRE MULHERES COM COMPORTAMENTO MASCULINO.....	148
3.7.1. Coluna sobre comportamento masculino.....	150
3.7.2. Proposta de atividade sobre comportamento masculino.....	152
3.8. SOBRE COMPORTAMENTO FEMININO.....	153
3.8.1. Coluna sobre comportamento feminino.....	157
3.8.2. Proposta de atividade sobre comportamento feminino.....	159
3.9. SOBRE COMPORTAMENTO MASCULINO.....	160
3.9.1. Coluna sobre comportamento masculino.....	162
3.9.2. Proposta de atividade sobre comportamento masculino.....	164
3.10. SOBRE DINHEIRO, CONSUMO E ECONOMIA.....	164
3.10.1. Coluna sobre dinheiro, consumo e economia.....	167
3.10.2. Proposta de atividade sobre dinheiro, consumo e economia.....	169
3.11. SOBRE POLÍTICA E VIDA PÚBLICA.....	170
3.11.1. Coluna sobre política e vida pública.....	173
3.11.2. Proposta de atividade sobre política e vida pública.....	175
3.12. SOBRE APARÊNCIA.....	176
3.12.1. Coluna sobre aparência.....	179
3.12.2. Proposta de atividade sobre aparência.....	181
3.13. CONCLUSÃO DO MATERIAL DIDÁTICO.....	182
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
FONTES.....	189
REFERÊNCIAS.....	194
APÊNDICE A – TABELA DAS COLUNAS.....	198

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo a história manteve seu foco nos “grandes acontecimentos” e nos “grandes homens”. Esta foi e é a forma de se fazer a história e a maneira de se ensinar história nas escolas e nos materiais didáticos. Mas esse tipo de abordagem é suficiente para compreender a sociedade em que vivemos?

Transformar a disciplina escolar de história apenas em uma sucessão de acontecimentos “importantes” feitos por pessoas “importantes” a afasta do cotidiano do aluno e a torna desinteressante. Além disso, ensinar história desta maneira nos leva a fazer a seguinte reflexão: Qual o papel desta história? O que ensinamos quando repetimos esses fatos escritos a tantos anos em manuais didáticos?

O papel social das escolas está muito além de simplesmente repetir estes conteúdos que já estão a anos nos programas. O dever da escola é também formar um cidadão crítico que saiba compreender o que vive e o que vê. Criticar, questionar, desconstruir, desnaturalizar, esses são objetivos que permeiam nos dias de hoje o ensino de história nas escolas. Para isso é necessário entender que a história:

É um discurso, resultado de relações de poder que autorizam ou silenciam fatos históricos. Os fatos históricos, assim como seus heróis, são construções culturais muito distantes da verdade almejada por muitos historiadores. A verdade é uma interpretação. A interpretação é uma invenção. Quem interpreta não descobre a verdade, quem interpreta a produz. As diferentes interpretações são resultado de diferentes pontos de vista, de diferentes posições, de diferentes perspectivas. Nada pode ser visto como natural, justo, verdadeiro, belo, desde sempre. As formas que os objetos históricos adquirem só podem ser explicadas pela própria história. O professor de História é responsável pela sua seleção, pelo seu recorte, pela sua elaboração e até pelo seu silenciamento. A história não implica apenas lembrar, mas também produzir o esquecimento. (COLLING; TODESCHI, 2015, p.310).

A História não é uma ciência que está presa no passado e que só se interessa por ele. São os questionamentos que partem do presente que determinam o que iremos estudar a respeito do passado.

O tema desta pesquisa parte justamente de fatos que são vistos e analisados no presente. Observando a sociedade em que vivemos atualmente, que se mostra tão violenta com as chamadas minorias, a escola pode e deve ser um espaço para desconstruir preconceitos. É pensando nesta afirmativa que esta pesquisa foi desenvolvida.

Quando acompanhamos as notícias cotidianamente percebemos o quanto o nosso país é violento com as mulheres e como ainda temos diversas desvantagens em relação aos homens. Salários menores, a constante cobrança para que sejamos boas esposas, boas mães, boas profissionais e tudo ao mesmo tempo. Atingir o corpo perfeito, precisamos ser inteligentes (mas não muito para não intimidar os homens). Sexo frágil. Todos esses estereótipos perpetuam uma sociedade machista e patriarcal e a escola como reflexo da sociedade, reflete estes preconceitos. Mas este ciclo pode ser quebrado. Segundo Colling e Tedeschi (2015, p.310), 'se a história é um reflexo das discriminações, desigualdades e preconceitos instalados na sociedade, poderá também ser um espaço de mudanças.'

Partindo destes pontos, esta pesquisa discute as questões de gênero, entender como estas fazem parte da história e como naturalizamos papéis e estereótipos que são construídos socialmente e como eles reforçam preconceitos e até mesmo justificam violências.

Ainda pensando sobre a nossa atualidade, estudar determinados assuntos parece ser tarefa difícil e desafiadora, mas nem por isso deve deixar de ser feito. Trazer este assunto para escola tem se tornado cada vez mais polêmico, mas não menos necessário. Há muita especulação sobre o conceito de gênero e o que significa trazer esse assunto para as salas de aulas e, em uma sociedade que se torna a cada dia mais conservadora, a temática tem sido vista com maus olhos e considerada algo que deve ser evitada.

Apesar do termo estar banalizado de maneira negativa, o termo gênero nem sempre é bem definido. Segundo Scott (1995, p. 25):

O termo gênero torna-se uma forma de indicar 'construções culturais' - a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. 'Gênero' é segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. (SCOTT, 1995, p. 25)

Trazer o assunto gênero para a sala de aula teria o objetivo de demonstrar para os alunos como os papéis de homens e mulheres são construídos socialmente e não algo natural que não deva ser contestado. Segundo Louro (2008, p. 18) 'nada há de

puramente natural e dado em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura’.

Para tornar esta discussão possível, será utilizada a coluna “Que sabe dos homens e das mulheres”, do jornal semanal *O Tibagi*, que foi publicada entre os anos de 1948 e 1950. A partir desta coluna e da fundamentação teórica foi possível discutir como os papéis de gênero eram representados e reforçados na sociedade da época, entender as mudanças e permanências na representação destes papéis.

Sobre o material escolhido para a análise, apesar do jornal ser local, produzido na localidade de Monte Alegre, atualmente cidade de Telêmaco Borba, a coluna era escrita nos Estados Unidos e traduzida para ser publicada no periódico. Por esta razão, muitas delas trazem informações em dólares e de cidades como Nova Iorque. Em todas elas há o Copyright The George Mathews Adams Service e era distribuída por APLA. Este fator gera um outro questionamento, será que o que esta coluna trazia representava a sociedade da cidade de Telêmaco Borba na época?

Os exemplares do jornal encontram-se na Biblioteca Municipal de Telêmaco Borba. Entre os anos de 1948 e 1950, foram encontradas 73 colunas. Depois desse período as colunas não são mais encontradas no jornal.

O objetivo principal deste estudo é analisar a representação dos papéis de gênero feita na coluna "que sabe dos homens e das mulheres" e produzir um material didático a partir desta pesquisa. Além disso, compreender a construção histórica e social do papel feminino e masculino; identificar os estereótipos de gênero reproduzidos na coluna “que sabe dos homens e das mulheres”; relacionar o contexto histórico com o conteúdo da coluna; discutir a utilização do jornal como fonte histórica; discutir a importância das questões de gênero na sala de aula.

Após realizada a pesquisa, com o seu resultado foi realizada a construção de um material didático que possibilita a reflexão dos alunos sobre as questões de gênero, que mostre como a história tem diversas possibilidades de estudo, que o jornal pode ser uma fonte histórica bastante frutífera e como os ideais de homem e mulher foram construídos socialmente e como alguns desses ideais mudaram e outros permanecem até os dias atuais.

Pensar sobre as questões de gênero em sala de aula é algo que tem gerado diversas discussões no campo acadêmico. Os temas de gênero e ensino de história já se articulam em algumas pesquisas.

O que se pode perceber é que um questionamento feito em vários trabalhos é por que as mulheres são deixadas de lado e silenciadas? Por que quando vemos algo sobre a história das mulheres é como algo a parte ou complementar como se as mulheres fossem um apêndice da história? Feitos esses questionamentos, percebemos como a escrita da história reflete a sociedade em que vivemos, machista, patriarcal e excludente. Constatado esse fato, o que muitas historiadoras e historiadores buscam mudar é esse paradigma e mostram também, como trazer essas discussões para as aulas de história pode contribuir para a construção de uma sociedade mais igual.

Colling e Tedeschi (2015) discutem como a história dos homens se tornou a história universal, que é vista em livros didáticos e que é realmente relevante, já às mulheres cabe a história marginalizada. Não só a história das mulheres se encontra nesta posição, mas também a dos negros, índios, homossexuais. Grupos que não correspondem ao padrão homem, branco, heterossexual e de preferência que pertença as classes mais ricas da sociedade, pertencem a esta parte marginalizada da história, que pouco apareceu na historiografia brasileira durante muito tempo.

As autoras citam a historiadora Michelle Perrot que divide a história em alguns momentos e diferente pensamentos. O pensamento positivista pensava a história a partir de documentos produzidos pelo Estado e pelo exército. Nota-se então como é feita a exclusão das mulheres nesta forma de se interpretar a história já que guerras e política, lugares que nunca foram ou demoraram muito para ser ocupados por mulheres.

Outra forma de se analisar a história é levando em conta o pensamento marxista que pensa na história através do viés das lutas de classe e não a partir das questões de gênero.

Então, é a partir principalmente da década de 1970, que ganhou força a “história em migalhas” que começou a pensar as questões históricas a partir de outros ângulos como a sexualidade, as crianças, a loucura e as mulheres. Segundo Colling e Tedeschi (2015) é nesta época que começam a existir mais mulheres pesquisadoras. As autoras ainda reforçam a importância da escola de Annales para a introdução da História das Mulheres na disciplina História. Em 1920, quando Bloch e Febvre propuseram ampliar a ideia de fontes e dar novas abordagens aos estudos históricos.

Segundo Colling e Tedeschi (2015, p. 302) ‘A História é um discurso, resultado de relações de poder que autorizam ou silenciam fatos históricos’. Assim, mesmo

sabendo de diversas histórias de mulheres que contribuíram para a história do país, não há menção a elas e a exclusão das mulheres desde o início da história do Brasil reflete uma relação de poder e a dominação masculina. E a escola como reflexo da sociedade assim como os professores desempenhando seu papel podem colaborar ainda mais com o silenciamento das mulheres na história.

Assim, este trabalho se propõe a pensar a história ensinada levando em consideração as questões de gênero. Para Colling e Tedeschi (2015, p. 299) ‘Gênero tem sido o termo utilizado para teorizar a diferença sexual, questionando os papéis sociais destinados às mulheres e aos homens’. Ainda, segundo as autoras sobre definição de gênero:

Falar em gênero em vez de falar em sexo, indica que a condição das mulheres e dos homens não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção, de uma engenharia social e política. Ser homem/mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos. O gênero, diferença de sexos baseada na cultura e produzida pela história, é secundariamente ligado ao sexo biológico e não ditado pela natureza. (COLLING; TEDESCHO, 2015, p. 299)

A história como ciência e como disciplina escolar pode reforçar essa construção de papéis e naturaliza os estereótipos de gênero.

Sobre a historiografia brasileira, Soihet e Pedro (2007, p. 281) fazem em seu trabalho, uma análise focada no que foi publicado sobre histórias das mulheres e nas relações de gênero no Brasil a partir da década de 1980, e como esses assuntos estão sendo discutidos e apropriados. Mostram como o campo de estudos “História das mulheres e Relações de gênero” foi constituído. As autoras citam:

Em 1989, a Revista Brasileira de História publicou um número inteiramente dedicado ao tema da Mulher, intitulado ‘A mulher no espaço público’ (v.9, n.18) e organizado por Maria Stella Martins Bresciani. Em sua apresentação, a organizadora dizia ser esta uma ‘história da exclusão’. Falar de Mulher na história significava, então, tentar reparar em parte essa exclusão, uma vez que procurar traços da presença feminina em um domínio sempre reservado aos homens era tarefa difícil. Nesse número, categorias como ‘mulher’, ‘mulheres’ e ‘condição feminina’ eram utilizadas nas análises das fontes e nas narrativas que eram tecidas. A categoria ‘gênero’ ainda era novidade na historiografia brasileira. (SOIHET; PEDRO, 2007, p. 281)

Um marco bastante importante para o estudo de gênero do Brasil foi a publicação, em 1990, da tradução de um artigo da historiadora norte-americana Joan

Scott: “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” na Revista Educação e Realidade.

Outro ponto foi a constituição de um Grupo de Trabalho de Estudos de Gênero, visando articular em âmbito nacional uma rede de contatos entre pesquisadoras, articulado à Associação Nacional de História, foi criado em 25 de julho de 2001, durante o XXI Simpósio Nacional da Anpuh, realizado em Niterói (RJ).

Soihet e Pedro (2007, p. 84) ainda ressaltam que a ‘disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão de ‘mulher’ ou de ‘mulheres’ como categoria analítica na pesquisa histórica’.

Outra pesquisa que destaco é a dissertação de Juliana Cristine Kapp de Oliveira Visnieki (2018) em que a autora utiliza o jornal Gazeta de Palmeira, periódico de propriedade de uma mulher, para mostrar as representações feitas sobre homens e mulheres na cidade de Palmeira, Paraná. Posteriormente a pesquisa contribuiu para a elaboração de um material paradidático. Então a pesquisa traz consigo, a discussão sobre gênero, o jornal como fonte histórica e como articular esses assuntos com o ensino de história.

Visnieski utiliza a coluna feminina “O assunto é mulher” do jornal para desenvolver sua pesquisa. A autora mostra como os papéis femininos eram apresentados nesta coluna. É importante ressaltar que este jornal era encabeçado por mulheres, a dona e a editora chefe do jornal eram mulheres. A coluna também era assinada por uma mulher que Visnieski teve oportunidade de entrevistar

Outro ponto discutido pela autora é a dificuldade em trazer o tema para a sala de aula. Visnieski (2018, p. 18) salienta:

O que se percebe é que mesmo com a inclusão de novos temas e abordagens para o ensino de história, a questão gênero ainda não está contemplada no cotidiano escolar de nossas alunas e alunos, ou muitas vezes aparecem apenas através de trabalhos extracurriculares ou em épocas distintas como forma de seguir um calendário específico. (VISNIESKI, 2018, p. 18).

Durante muito tempo as mulheres pareciam silenciadas pela história. Com raras exceções, não há mulheres que fizeram parte da história de maneira mercante. Enquanto os homens governam países, dirigem empresas, lutam em guerras, para as mulheres cabe o papel de mãe e esposa, o espaço doméstico que não faz parte dos grandes acontecimentos que mudam e moldam a história.

Outro ponto a ser levado em conta quando pensamos sobre este silenciamento feminino na história é o que discutem Colling e Tedeschi (2015, p. 296) é o fato de que por muito tempo há muito mais historiadores homens do que mulheres:

A história das mulheres é uma história recente, porque desde que a História existe como disciplina científica, ou seja, desde o século XIX, o seu lugar dependeu das representações dos homens, que foram, por muito tempo, os únicos historiadores. (COLLING; TEDESCHI, 2015, p. 296).

Para realizar a discussão sobre a presença das mulheres na história, a forma que ela é representada na imprensa (fonte utilizada para esta pesquisa) e discutir as relações e representações de homens e mulheres se faz necessário compreender o significado de gênero e entendê-lo como uma maneira de se pesquisar e também ensinar história.

Segundo Scott (1995) a palavra gênero foi utilizada durante algum tempo como sinônimo de mulher. O termo gênero seria um termo mais brando do que história das mulheres. Falar em história das mulheres, segundo a autora, 'proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo 'gênero' inclui as mulheres, sem lhes nomear, e parece, assim, não constituir forte ameaça.' (SCOTT, 1995. p. 75).

Nos dias de hoje, a palavra gênero carrega um estigma muito mais forte do que no passado devido à grande onda conservadora que invadiu a política e a nossa sociedade e por consequência, reflete em nossas escolas. Segundo Miguel (2016, p. 595), no ano de 2014 começam a ganhar mais destaque projetos de lei contra a doutrinação marxista nas escolas e contra a ideologia de gênero. O Movimento Escola sem Partido, tem como sua principal pauta combater a "ideologia marxista nas escolas". Porém, como o movimento conta com o apoio dos setores mais conservadores da política como a chamada bancada evangélica, outra pauta se uniu ao tema, o combate a "ideologia de gênero".

Este combate a "ideologia de gênero" reforça a ideia de que homens e mulheres já nascem com papéis predestinados na sociedade, como se as diferenças entre os gêneros masculino e feminino fossem explicados por aspectos biológicos dos corpos.

Os estudos de gênero questionam esse predeterminismo. Segundo Scott:

Na sua utilização mais recente, o termo 'gênero' parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra

indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como 'sexo' ou 'diferença sexual'. (SCOTT, 1995, p. 72).

Gênero vai além das diferenças biológicas entre homens e mulheres, ele traz consigo todas as diferenças socialmente construídas e impostas a homens e mulheres.

Para estudar gênero é necessário perceber e analisar os papéis que cabem as mulheres e aos homens e analisar as diferenças de um a partir do outro. E segundo Scott (1995, p. 75), trazer esse ponto de vista para a pesquisa em história e estudar a história das mulheres, por muito tempo deixada a margem, traria nova visão para a história e até mesmo uma nova metodologia.

Ao estudar estas questões, questionar os papéis de gênero e perceber como estes são construídos e reforçados é nossa sociedade poderemos finalmente começar a questioná-los para que possamos finalmente ter uma sociedade mais igual e justa para as mulheres. 'Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual'. (SCOTT, 1995, p. 84).

Para este trabalho, o jornal é utilizado como fonte para a pesquisa e para o ensino de História e os papéis sociais de gênero. Em contato com as fontes, os alunos podem perceber como o conhecimento histórico é construído e como essa construção não é acabada, ela sempre se renova. Segundo Cerri e Ferreira (2010, p. 53):

O texto jornalístico traz várias vantagens, conforme a escolha feita e a utilização desenvolvida pelo professor: pode ser capaz de dar visibilidade ao cotidiano, ao registro contemporâneo do evento estudado, ao tipo de atenção ou análise que tal evento despertou em sua época. Permite acompanhar dados ausentes na 'grande história', como o acompanhamento do cotidiano, a parcialidade e a velocidade das mudanças, o desenrolar das polêmicas e seu esquecimento. Por ser uma fonte relativamente acessível, o jornal pode aproximar a história ensinada da história local, ajudando a relativizar a ideia de processos históricos amplos (nacionais) submetidos a apenas uma lógica. Permite algum acesso à opinião pública, pois, apesar das seleções operadas pela linha editorial do jornal, o sucesso de vendas está ligado a atender os interesses de informações da população – seja a polêmica, os crimes ou as mudanças políticas e econômicas. (CERRI; FERREIRA, 2010, p. 53).

Os jornais trazem consigo a história do cotidiano das pessoas, mas durante muito tempo, foi visto com desconfiança pela história e nem sempre foi utilizado como fonte do conhecimento. Assim como a questão de gênero, o jornal não se enquadrava na história até tempos atrás. As questões de gênero não se enquadravam na história

dos “grandes homens”, das “grandes instituições” e dos “grandes acontecimentos”. Para produzir esta antiga história, o jornal era descartado por considerava-se como fontes históricas confiáveis os documentos produzidos pelo Estado e instituições ligados a ele, como o exército.

Durante o século XIX, esperava-se “neutralidade” da história enquanto uma ciência. Esta “neutralidade” deveria refletir nas fontes históricas também, e isso afastava os jornais do ideal de fonte já, segundo Luca (2006, p. 112) essas ‘enciclopédias do cotidiano continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas’.

Hoje em dia sabemos que buscar a neutralidade na história não faz sentido, que não existe uma “história pura” assim como não existe a busca do passado exatamente como este aconteceu.

É importante citar a escola de Analles que foi muito importante para transformar o modo que a história via os jornais e inclui-los como fonte para produção do conhecimento histórico. Esta corrente teórica, além de trazer novos temas para a história também trouxe a possibilidade de usar outras fontes. Assim, da mesma forma que a escola de Analles abriu caminho na década de 1930 para os estudos de gênero, também possibilitou o uso de jornais e periódicos como fontes históricas partindo da ideia de “novos objetos, problemas e abordagens”.

Na década de 1970 ainda havia poucos trabalhos que usavam jornais como fonte histórica para estudar a história do Brasil. Já havia muitos jornais do país e se fazia pesquisa sobre a imprensa, mas não a utilizando como fonte. Mas é a partir desta década que começam a aparecer trabalhos históricos que levam como fonte os jornais. Luca (2006) menciona trabalhos importantes e pioneiros da década. A autora cita o trabalho de Arnaldo Contier, *Imprensa e ideologia em São Paulo* (1973) que fala sobre a política do fim do Primeiro Reinado e o início da Regência estudada através de periódicos da época. Também fala sobre as dissertações de Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado (1974) que falam sobre o início do período republicano no Brasil. Vavy Pacheco Borges, já na segunda metade da década de 1970, estudou o governo de Getúlio Vargas e sua relação com oligarquias através de jornais de São Paulo.

O jornal pode ser uma fonte muito frutífera para história, e é bastante reconhecida para a construção do conhecimento histórico. Segundo Capelato (1988,

p.13), ‘a imprensa registra, comenta e participa da história’.

Porém, como qualquer fonte histórica que pode ser utilizada para uma pesquisa, é preciso perceber que o jornal traz consigo pontos de vista, seu conteúdo e discurso está geralmente associado a ideologia de alguém ou de um grupo, por isso são necessários critérios para a utilização desta fonte. Capelato (1988, p.13) cita:

Para compreender a participação de um jornal na história, o pesquisador faz, de início, algumas indagações: quem são seus proprietários? a quem se dirige? com que objetivos e quais os recursos utilizados na batalha pela conquista dos corações e mentes? (CAPELATO, 1988, p. 13).

Pensar nestas questões para compreender que realmente, o jornal não é uma fonte neutra, há interesses, discursos, preconceitos reproduzidos em suas páginas. Capelato (1988, p. 13) diz que ‘desde os seus primórdios, a imprensa se impôs como uma força política. Os governos e os poderosos sempre a utilizam e temem; por isso adulam, vigiam, controlam e punem os jornais’. Mas estas questões não invalidam o jornal como fonte, afinal hoje sabemos que não existe nenhum tipo de fonte, história ou até mesmo historiador neutro. Tudo deve ser lido com criticidade e desta forma, o jornal pode representar um ótimo ponto de vista para visitar e questionar o passado.

A fonte utilizada na pesquisa é a coluna “Que sabe dos homens e das mulheres?” que fez parte do jornal *O Tibagi* entre os anos de 1948 e 1950. O Fundador e diretor do jornal foi Horácio Klabin e a sua primeira edição é do dia 23 de novembro de 1948.

O periódico era produzido semanalmente e foi digitalizado em um projeto de extensão no ano de 2017 com o apoio estrutural do Museu Campos Gerais. O acervo digitalizado é composto por publicações do jornal *O Tibagi*, correspondente aos anos de 1948 e 1964, e pertence ao Sr. Eduardo Lagos.

As fontes serão analisadas utilizando a metodologia de análise de conteúdo.

Após a análise das fontes e concluída a parte da pesquisa, esta será utilizada para produzir um material paradidático. Utilizando as colunas, os alunos terão contato com as fontes históricas, entenderão o jornal como fonte e o objetivo principal, trazer a discussão de gênero para sala de aula.

No capítulo 1 apresentamos o referencial teórico utilizado para o desenvolvimento da pesquisa. Os conceitos discutidos são o de gênero, gênero e ensino de história, representações sociais utilizando a teoria de Moscovici, análise de

conteúdo, utilizando a metodologia de Bardin e a utilização do jornal como fonte histórica.

No capítulo 2 está o desenvolvimento da pesquisa histórica que utiliza como fonte as colunas do jornal. É retratada a história do jornal, quando e por quem ele foi criado, quem produzia e escrevia e qual era o público do impresso. Depois, no mesmo capítulo, está a análise da coluna dividida de maneira temática.

No capítulo 3 está o material didático desenvolvido a partir da pesquisa realizada no capítulo 1 e 2 que tenta mostrar como o jornal pode ser uma fonte interessante para a sala de aula e como a partir dele podemos perceber como as representações sociais de homens e mulheres foram construídas.

CAPÍTULO 1

GÊNERO, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E ENSINO

A história é uma ciência ancorada no presente. Buscamos no passado informações e conhecimentos que nos ajude a compreender nossa sociedade atual. Talvez, desta forma, olhando para o passado, possamos entender por que as coisas são como são e se a realidade em que vivemos não for satisfatória, podemos a analisar, questionar e pensar em maneiras para modificá-la.

Quando nasce uma criança, seja ela mulher ou homem, nascem juntamente expectativas e desejos de como deveria ser o comportamento deste ser humano de acordo com seu sexo biológico. Profissão que deve seguir, comportamentos que deve ter, cores que deve usar, o que se deve desejar para o futuro até mesmo a maneira como essa pessoa deve se sentar e se vestir está ligada a este fato: menino ou menina.

Muitas das coisas que esperamos socialmente de um ser humano está ligado ao sexo biológico que este possui. Mas, atualmente, esse é um pensamento que merece ser questionado quando buscamos viver em uma sociedade mais igual, justa e que busca combater preconceitos. Buscar entender, porque “as coisas são como são”. Porque quando nascemos, homens e mulheres, espera-se que tenhamos certos comportamentos e se fugimos dessas expectativas, tudo aquilo que é diferente é visto como estranho, anormal e muitas vezes como algo errado que deve ser recriminado e combatido.

Para buscar as respostas destes questionamentos, a primeira etapa a ser executada foi conhecer a literatura já existente sobre esses temas e embasar-se teoricamente para que ao olharmos para as colunas e ler o seu conteúdo possamos ver o que existe além do seu texto.

Nesse primeiro capítulo discutimos os conceitos teóricos necessários para o desenvolvimento desta pesquisa. O conceito de representações sociais usando a teoria de Moscovici. Será debatido também, o conceito de gênero segundo Joan Scott e a forma como incluir esta categoria nos estudos históricos. A utilização do jornal como fonte histórica através do trabalho de Capelato. A análise de conteúdo a partir

da perspectiva de Bardin. E por fim, a discussão de gênero no ensino de história, suas contribuições e desafios.

1.1. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A teoria das representações sociais elaborada por Moscovici está entre a sociologia e a psicologia e ajuda em trabalhos de diversas áreas das ciências humanas. Esta teoria nos ajuda a compreender que as regras da vida particular de um indivíduo não servem para a vida no coletivo.

Para desenvolver o conceito de representação social e entender como esta teoria significa foi utilizado o livro “Representações sociais: investigações em psicologia social” escrito por Moscovici no ano 2000. Na introdução da obra, escrita por Duveen (2000, p. 28), o autor afirma que:

Na psicologia social de Moscovici, é através dos intercâmbios comunicativos que as representações sociais são estruturadas e transformadas. É essa relação dialética entre comunicação e representação que está no cerne da ‘imaginação sociopsicológica’ de Moscovici e é a razão para se descrever essa perspectiva como uma psicologia social genética. (DUVEEN, 2000, p. 28).

A psicologia social, quando estudada de maneira científica pressupõe os seguintes pontos: Primeiro: pessoas comuns reagem a fatos, fenômenos ou pessoas da mesma forma que cientistas reagem. Segundo: Compreender é processar informações (MOSCOVICI, 2000, p. 30)

No entanto, há fatores que contradizem ou complementam estes pontos. Por exemplo, nós não estamos conscientes de alguns fatos bastante óbvios. Estamos condicionados a não "ver" certas coisas e a ignorá-las. Outro ponto é, alguns fatos que para nós são muito concretos e certos podem deixar de ser com o passar do tempo. E ainda, nossas ações e suposições muitas vezes são determinadas de acordo com a sociedade onde vivemos. Por isso, indivíduos de uma mesma sociedade agem parecido quando passam pelos mesmos acontecimentos.

As representações interferem na forma de ver e interpretar o mundo em que vivemos. Moscovici (2000) menciona duas formas como essas interpretações nos influenciam.

Elas convencenam os objetos, pessoas ou acontecimentos:

Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. Assim, nós passamos a afirmar que a terra é redonda, associamos comunismo com a cor vermelha, inflação como decréscimo do valor do dinheiro. Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adéquam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sob pena de não ser nem compreendido, nem decodificado. (MOSCOVICI, 2000, p. 34).

As representações nos impõem uma força que dificulta a nossa capacidade de resistir. Ela já faz parte de nossa sociedade e cultura e antes mesmo de pensarmos sobre um assunto, já estamos sobre influência desta. 'Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado'. (MOSCOVICI, 2000, p. 36).

Nas interações humanas, entre duas ou mais pessoas, estão presentes as representações e, para Moscovici (2000, p. 41) a 'tarefa principal da psicologia social é estudar tais representações, suas propriedades, suas origens e seu impacto'. E, segundo Ferreira (2005, p. 75), a 'noção de representação social favorece a compreensão das relações dos mundos individual e social, no contexto dinâmico de uma sociedade em transformação'.

Um ponto importante para se ressaltar ao estudar a teoria das representações sociais é o fato de que existem dois universos que dividem o nosso conhecimento e as representações sociais fazem parte de um destes universos. Segundo Ferreira (2005, p. 77), 'As ciências e as representações ocupam espaços diferentes na sociedade, sendo que dentro da teoria das representações sociais, as representações fazem parte do universo consensual; e a ciência do universo reificado'.

O universo consensual baseia-se no senso comum, aquilo que torna familiar o não-familiar, associando o desconhecido a coisas que já conhecemos. Já o universo reificado é o universo da ciência e dos cientistas, aqueles indivíduos que decidem sobre a validade ou não de um conhecimento.

Levando em conta estes universos, podemos afirmar que, uma parcela do que sabemos consiste em um conhecimento produzido na academia com embasamento científico, mas esse saber representa apenas uma parte do que usamos para

representar a nossa realidade. Boa parte do conhecimento utilizado para compreender e justificar os acontecimentos e conceitos do nosso dia a dia fazem parte do senso comum e não há nenhuma comprovação científica sobre ele.

Sobre a ciência e as representações sociais, Moscovici (2000, p. 60) afirma:

Ciência e representações sociais são tão diferentes entre si e ao mesmo tempo tão complementares que nós temos de pensar e falar em ambos os registros. O filósofo francês Bachelard observou que o mundo em que nós vivemos e o mundo do pensamento não são um só e o mesmo mundo. De fato, não podemos continuar desejando um mundo singular e idêntico e lutando por consegui-lo. Ao contrário do que se acreditava no século passado, longe de serem um antídoto contra as representações e as ideologias, as ciências na verdade geram, agora, tais representações. (MOSCOVICI, 2000, p. 60)

É importante ressaltar também que o fato de um conhecimento não ser certificado pela ciência não o torna irrelevante. Pelo contrário, o fato desses conhecimentos estarem inserido em nosso cotidiano muito mais do que os saberes acadêmicos o tornam bastante relevantes para conhecer a sociedade em que vivemos. Para estudar e compreender este conhecimento, é necessário o estudo das representações sociais que 'é um conhecimento prático, que dá sentido aos eventos que nos são normais, forjam as evidências da nossa realidade consensual e ajuda a construção social da nossa realidade'. (ARRUDA, 2002, p. 128).

Segundo Alexandre (2004, p. 127):

É uma modalidade particular porque não é todo 'conhecimento' que pode ser considerado representação social, mas somente aquele que faz parte da vida cotidiana das pessoas, através do senso comum, que é elaborado socialmente e que funciona no sentido de interpretar, pensar e agir sobre a realidade. É um conhecimento prático que se opõe ao pensamento científico, porém se parece com ele, assim como os mitos, no que diz respeito à elaboração destes conhecimentos a partir de um conteúdo simbólico e prático. (ALEXANDRE, 2004, p. 127).

Esse estudo ajuda na reflexão sobre os papéis de gênero em nossa sociedade, pois, aquilo que muitas vezes é definido como masculino ou feminino não está relacionado a um conhecimento científico, e sim conectado ao senso comum e aquilo que as pessoas acreditam ser o correto e imutável. Reconhecer que esses aspectos fazem parte de uma construção social que nos ajuda a construir uma versão da realidade, demonstra que esses papéis não são naturais ou imutáveis.

Aqui existe outro ponto interessante para ser analisado sobre a teoria das representações sociais e que faz todo sentido com estudos das ciências humanas. Estas representações e a forma como interpretamos o mundo através delas nos ajuda a formar uma versão da realidade. Arruda (2002, p. 128) afirma que:

As representações sociais se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana, uma forma de conhecimento da atividade mental desenvolvida pelos indivíduos e pelos grupos para fixar suas posições em relação a situações, eventos, objetos e comunicações que concernem. (ARRUDA, 2002, p. 128).

A autora continua 'a representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. É dinâmica, móvel'. (Arruda, 2002, p. 134).

Desta forma, a teoria das representações sociais é uma forma de interpretar a realidade. Segundo Alexandre (2004, p. 123):

O conceito de representação coletiva nasceu na sociologia, nos estudos de Durkheim. Foi empregado na elaboração de uma teoria da religião, da magia e do pensamento mítico. O sociólogo argumentou que esses fenômenos coletivos não podem ser explicados em termos de indivíduo, pois ele não pode inventar uma língua ou uma religião. Esses fenômenos são produto de uma comunidade, ou de um povo. (ALEXANDRE, 2004, p. 123)

Outro conceito importante para esta pesquisa abordado na obra de Moscovici (2000) é a "ancoragem". Segundo o autor, 'Esse é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada'. (MOSCOVICI, 2000, p. 62). Ferreira (2005, p. 79) afirma que a ancoragem 'É uma forma de transformar aquilo que é estranho e inscrevê-lo em categorias já conhecidas'. Uma forma de tornar mais familiar aquilo que é desconhecido.

Para realizar esta ou qualquer pesquisa científica é necessário encontrar uma metodologia que permite a análise dos dados coletados. No caso desta pesquisa, é necessário encontrar uma metodologia que compreenda a análise de diversas colunas do jornal de modo a demonstrar como estas trazem ideias e conceitos que fazem parte da nossa sociedade e até mesmo ajudam a construí-los. De acordo com Cappelle, Melo e Gonçalves (2003, p. 1):

A transformação de dados coletados, ainda no seu estado bruto, em resultados de pesquisa envolve a utilização de determinados procedimentos para sistematizar, categorizar e tornar possível sua análise por parte do pesquisador. No caso específico da análise de comunicações, são exigidos mecanismos apropriados para encontrar em dados obtidos por meio de entrevistas, mensagens e documentos em geral, informações que ilustrem, expliquem ou ajudem a revelar os fenômenos investigados. (CAPPELLE; MELO; GONÇALVES, 2003, p. 1).

A análise de conteúdo foi escolhida neste caso para demonstrar como os meios de comunicação, neste caso o jornal, contribui para a propagação de uma ideia e ajuda a construir um papel social. Que método pode ser utilizado para demonstrar e provar como o jornal influencia na construção das representações sociais de homens e mulheres na nossa sociedade.

O referencial teórico-metodológico utilizado neste trabalho foi a análise de conteúdo de Bardin (1977). Segundo a autora a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicações muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977, p. 31)

Bardin (1977, p. 38) ainda define que 'a análise de conteúdo aparece como conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.'

A análise de conteúdo oscila entre os dois polos que envolvem a investigação científica: o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade, resultando na elaboração de indicadores quantitativos e/ou qualitativos que devem levar o pesquisador a uma segunda leitura da comunicação, baseado na dedução, na inferência. Essa nova compreensão do material textual, que vem substituir a leitura dita "normal" por parte do leigo, visa a revelar o que está escondido, latente, ou subentendido na mensagem. (CAPPELLE; MELO; GONÇALVES, 2003, p. 4).

É importante mencionar que este método de pesquisa tem como foco principal a linguagem e a interpretação de mensagens produzidas através da linguagem, no caso desta pesquisa, de maneira escrita.

Bardin (1977, p. 16) menciona como a análise de conteúdo ganhou foco nos Estados Unidos, principalmente nas pesquisas que envolviam o meio jornalístico.

Muitas destas pesquisas relacionavam-se com o contexto da Segunda Guerra Mundial e eram voltadas para entender o posicionamento político dos jornais neste período. A autora cita que:

Os problemas levantados pela Segunda Guerra Mundial acentuaram o fenômeno. Durante este período, 25 por cento dos estudos empíricos que relevam da técnica de análise de conteúdo pertencem à investigação política. Pesquisa está muito pragmática e que tem por objetivo específico o conflito que agita o mundo. Por exemplo, durante os anos da guerra, o Governo americano exortou os analistas e desmascararem os jornais e periódicos suspeitos de propaganda subversiva (principalmente nazista). (BARDIN, 1977, p. 16).

Nos jornais deste período eram analisados a forma que cada jornal tratava sobre os assuntos da Segunda Guerra. Havia mais matérias criticando ou defendendo certos posicionamentos políticos. Isso também demonstra como a análise de conteúdo pode ser tanto qualitativa como quantitativa. Quantas pessoas dizem o que? Segundo Caregnato e Mutti (2006, p. 682):

Análise de conteúdo pode ser quantitativa e qualitativa. Existe uma diferença entre essas duas abordagens: na abordagem quantitativa se traça uma frequência das características que se repetem no conteúdo do texto. Na abordagem qualitativa se “considera a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou conjunto de características num determinado fragmento da mensagem. (CAREGNATO; MUTTI, 2006, p.682).

A forma de se desenvolver esta análise pode ser variada como mencionado anteriormente. Separar as fontes, descrevê-las, analisar a quantidade de material. No caso das fontes jornalísticas, destacar o título das matérias, perceber as palavras, assuntos, temas que mais se repetem.

Depois de perceber a quantidade de vezes que algo é mencionado, o próximo ponto é questionar como a insistência em um assunto ou a repetição de alguns estereótipos pode ajudar um meio de comunicação de massas a reafirmar e construir as representações sociais que existem em nossa sociedade.

Para concluir esse tópico, é necessário conhecer e compreender o conceito de representações sociais para entender como estas representações nos fazem já termos formado em nosso imaginário aquilo que entendemos como masculino e feminino. Como já esperamos certas ações partindo apenas de homens ou de mulheres.

1.2 MULHERES NA HISTÓRIA E A QUESTÃO GÊNERO

Simone de Beauvoir (1949), no famoso livro Segundo Sexo diz logo na introdução de obra 'A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem, e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro'. (BEAUVOIR, 1949, p. 13).

O homem branco, heterossexual, que pertence às classes mais altas da sociedade é o sujeito da história. É sobre ele que estudamos, ele é a referência. É ele quem realiza os grandes feitos. É este homem que possui mais páginas nos livros das escolas. Para aqueles que são se encaixam nestas características, sobram as margens, ou nem mesmo isso. São silenciados, são os outros.

As mulheres, por um longo período, foram privadas de suas vozes e não faziam parte da grande história, aquela que fala sobre os grandes feitos e acontecimento ligados aos Estados e as guerras. Enquanto os homens governam países, dirigem empresas, lutam em guerras, para as mulheres cabe o papel de mãe e esposa, o espaço doméstico que não faz parte dos grandes acontecimentos que mudam e moldam a história. Perrot (2006, p. 17) afirma:

As mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa, ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranquila. (PERROT, 2006, p. 17)

Além disso, Perrot (2006) afirma que não havia fontes para discutir a história das mulheres já que até algum tempo atrás, nosso conceito de fontes ainda era bastante limitado e muito ligado aos materiais escritos. As mulheres, além de não pertencerem ao espaço público, também demoraram mais para ter acesso à educação, isto é, as mulheres não produziram tanto material escrito quanto os homens, o que também dificultou em sua inclusão na história oficial.

Outro ponto a ser levado em conta quando pensamos sobre este silenciamento feminino na história é o que discutem Colling e Tedeschi (2015, p. 296), é o fato de que por muito tempo há muito mais historiadores homens do que mulheres:

A história das mulheres é uma história recente, porque desde que a História existe como disciplina científica, ou seja, desde o século XIX, o seu lugar dependeu das representações dos homens, que foram, por

muito tempo, os únicos historiadores. (COLLING; TEDESCHI, 2015, p. 296).

Mas a partir de que momento houve a definição de que o homem seria o Sujeito Absoluto e a mulher seria o Outro? Segundo Zerzan (2011, p. 1), ‘civilização, fundamentalmente, é a história da dominação da natureza e da mulher. Patriarcado significa o domínio sobre as mulheres e a natureza.’. A relação que o autor faz entre a natureza e as mulheres é explicada da seguinte forma: ‘A mulher é definida como passiva, assim como a natureza, com valor intrínseco para tornar-se algo produtivo, à espera da fertilização, de estimulação externa para se realizar’. (ZERZAN, 2011, p. 15).

Esta submissão da mulher, segundo Zerzan (2011) também estaria ligada a divisão do trabalho que aconteceu ainda no período da pré-história. Neste momento, a sociedade humana teria tomado algumas decisões e feito esta divisão do trabalho partindo da divisão de homens e mulheres. Segundo o autor:

Sabemos que a divisão sexual do trabalho conduz à domesticação e à civilização, que, por sua vez produziu o sistema globalizado de dominação atual. Também parece que a divisão sexual do trabalho, artificialmente importa, foi a primeira forma e a responsável pela formação daquilo que hoje entendemos como gênero. (ZERZAN, 2011, p. 7)

Para realizar a discussão sobre a presença das mulheres na história, a forma que ela é representada na imprensa (fonte utilizada para esta pesquisa) e discutir as relações e representações de homens e mulheres se faz necessário compreender o significado de gênero e entendê-lo como uma maneira de se pesquisar e também ensinar história.

Falar em história das mulheres, segundo a autora, ‘proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às práticas habituais) que as mulheres são sujeitos históricos válidos, o termo ‘gênero’ inclui as mulheres, sem lhe nomear, e parece, assim, não constituir forte ameaça.’ (SCOTT, 1995. p. 75).

Para estudar gênero é necessário perceber e analisar os papéis atribuídos as mulheres e aos homens e analisar as diferenças construídas nas relações entre eles, um a partir do outro. E segundo Scott (1995, p. 75), trazer esse ponto de vista para a pesquisa em história e estudar a história das mulheres, por muito tempo deixada a margem, traria nova visão para a história e até mesmo uma nova metodologia.

Ao estudar estas temáticas, questionar os papéis de gênero e perceber como estes são construídos e reforçados na nossa sociedade poderemos finalmente começar a desconstruí-los e buscar maneiras para atingir uma sociedade mais igual e justa para as mulheres. 'Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual.' (SCOTT, 1995, p. 84).

Porém, a forma como abordar o assunto gênero e incluir as mulheres nos estudos históricos não é uma tarefa tão simples. Quando o interesse pela história das mulheres começou a surgir, essa história não foi escrita e nem inserida no contexto geral da história de maneira satisfatória. Segundo Siqueira (2008, p. 112):

A questão era simples, escrevia a respeito das mulheres trabalhadoras, dava visibilidade a elas no processo de industrialização, falava de seu cotidiano, de sua inserção ao mundo do trabalho etc, porém, não se tratava de questões que esclarecia porque aqueles que escreveram sobre a história do trabalho ignoraram evidências a respeito das mulheres, ou seja, não explicava a ausência de atenção às mulheres no passado (SIQUEIRA, 2008, p. 112)

Isto é, passou-se a falar de mulheres, mas antes disto o primeiro ponto que deveria ser esclarecido era: Por que as mulheres não apareciam antes? Quais são as raízes desta exclusão? Além desses questionamentos, não basta apenas contar uma história das mulheres separada daquela que já foi escrita, como uma forma de preencher lacunas ou acrescentar um apêndice ao conhecimento histórico já existente.

Scott (1995) em seu texto "Gênero: Uma categoria útil para análise histórica" inicia a sua discussão falando sobre a genealogia da palavra "gênero", a utilização da palavra e seu significado gramatical. Depois o foco passa a ser entender a partir de que momento se passou a utilizar a palavra gênero com o significado que atribuímos atualmente. A autora afirma que mais recentemente "as feministas começaram a utilizar a palavra 'gênero' mais seriamente, num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos.' (SCOTT, 1995, p. 72).

Utilizados primeiramente por feministas americanas que queriam demonstrar como as distinções entre os sexos era algo de caráter social e não biológico. Além disso, o termo traz a necessidade de estudar as questões de homens e mulheres de

maneira conjunta e não de maneira separada dividida entre a "história dos homens" e a "história das mulheres". Só é possível entender a relação entre homens e mulheres um a partir do outro. (SCOTT, 1995, p. 72)

Quando estudadas de maneira separada, a impressão que fica é que a história dos homens é a "história principal", aquela necessária para entender as coisas mais importantes do mundo, enquanto a história das mulheres parece um apêndice, algo a parte que não faz parte destes grandes acontecimentos. A história das mulheres deve ser a História e as relações de gênero uma maneira de analisar a história e melhor compreendê-la.

Mas para pesquisar e estudar estas relações entre homens e mulheres, segundo Scott (1995), esta categoria de mulheres e gênero faz-se necessária uma nova forma de pesquisar a história, como novas metodologias já que as velhas maneiras de se estudar a história, muitas vezes não são suficientes para analisar estes assuntos.

Um ponto mencionado por Scott (1995) que é importante ser ressaltado é que a história passou a se interessar pelos chamados "excluídos", dos sujeitos que estão à margem da sociedade e que geralmente não fazem parte da história oficial. Estes excluídos levam em consideração: gênero, raça e classe. A categoria classe já possui uma teoria elaborada por Marx. Gênero e raça ainda não a possuíam.

Para começar a entender o gênero, além da questão da "história das mulheres", Scott (1995, p. 74) afirma:

Para os/as historiadores/as das mulheres, não tem sido suficiente provar que as mulheres tiveram uma história, ou que as mulheres participaram das principais revoltas políticas da civilização ocidental. A reação da maioria dos/as historiadores/as não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres e, em seguida, seu confinamento ou rejeição a um domínio separado. (SCOTT, 1995, p. 74)

Scott (1995, p. 74) continua fazendo o seguinte questionamento: 'Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?'

Em muitos trabalhos o termo "gênero" tornou-se sinônimo de mulher. Então, em muitos casos, trabalhos que levam em seu título a palavra gênero tratam na verdade de história das mulheres. A razão para este fato seria que o termo gênero

traria um caráter mais científico para o trabalho e menos político. Quando se fala “história das mulheres”, há um caráter político, de reivindicação. ‘Esse uso do termo ‘gênero’ constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80.’ (SCOTT, 1995, p. 75)

Além disso, o termo gênero traz a noção de que a história das mulheres não está a parte e só se entende a questão das mulheres da sociedade na história a partir de sua relação com homens. Neste sentido, gênero faz referência ao estudo desta relação entre homens e mulheres, como e por que esta relação é construída e como ela reflete no estudo da história. Ajuda a questionar as relações sociais construídas entre os sexos e se opõe a ideia e que naturaliza e que justifica as diferenças entre homens e mulheres através da biologia.

A história oficial, que fala sobre política, governos e guerras parecia ter pouco a ver com essas questões de gênero. Desta forma, gênero não quebrava com os paradigmas já existentes. Tornava-se apenas um anexo da história já escrita.

No início, os historiadores que começaram a pesquisar a categoria gênero tentaram a encaixar em metodologias já conhecidas pela história. Scott (1995, p. 77) cita três maneiras que os historiadores encontraram para fazer seus estudos:

Os/as historiadores/as feministas têm empregado uma variedade de abordagens na análise do gênero, mas essas podem ser resumidas a três posições teóricas. A primeira, uma tentativa inteiramente feminista, emprenha-se em explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no interior de uma tradição marxista e busca um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relação do objeto (object-relation theories), se inspira nessas diferentes escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. (SCOTT, 1995, p. 77)

Apesar de terem sido utilizadas, as três perspectivas teóricas apresentavam problemas:

Problemas para as teóricas do patriarcado: não explicam outras desigualdades. Ligam-se muito as diferenças físicas entre homens e mulheres. Ao fazer isso, as questões sociais na criação dos papéis de gênero ficam de lado e passa ter mais

importância as características biológicas que muitas vezes passam a ideias de que essas diferenças entre homens e mulheres são imutáveis.

Problemas para as teóricas marxistas: relações de gênero e a subordinação feminina é anterior ao capitalismo e continua sob o socialismo. (SCOTT, 1995, p. 79). O gênero torna-se um sub-produto de estruturas econômicas e não possui uma forma de análise independente.

Problemas da teoria psicanalítica: Esta teoria possui duas escolas. A Anglo-americana e a francesa. 'Ambas as escolas estão preocupadas com os processos pelas quais a identidade do sujeito é criada, ambas se centram nas primeiras etapas do desenvolvimento da criança a fim de encontrar pistas sobre a formação da identidade de gênero' (SCOTT, 1995, p. 80). Muito destas teorias está ligada a criação das crianças no âmbito familiar. Isto é, a criança observa como são as relações entre o pai e a mãe em sua própria casa e assimila isso como o natural. O problema desta teoria é não discutir os fatores coletivos de uma sociedade para a construção do gênero. Reforça a oposição binária que na realidade deve começar a ser rejeitada.

A preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só apareceu no final do século XX. Scott afirma (1995, p. 85):

O termo gênero faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens. (SCOTT, 1995, p. 85).

A definição de gênero para Scott (1995) tem duas partes e vários subconjuntos. A primeira parte: 'o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos. A segunda parte: Gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.' (SCOTT, 1995, p. 86).

Scott (1995) ainda faz uma crítica aos antropólogos que limitam a questão de gênero as relações familiares. A visão em relação a este tema deve ser mais ampla e levar em conta fatores políticos, o mercado de trabalho e a educação. Outra crítica feita pela autora é em relação a psicanálise e sua universalização. 'A psicanálise fornece uma teoria importante sobre a reprodução do gênero.(...) Mas a pretensão universal da psicanálise constitui, para mim, um problema.' (SCOTT1995, p. 87).

Enfim, a categoria gênero serve para mostrar novas perspectivas e visões a respeito do conhecimento histórico. ‘O gênero, então, fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana.’ (SCOTT, 1995, p. 89) Então, a categoria gênero não é apenas uma parte isolada da história que deve ser estudada separadamente de outras questões. Ela pode e deve ser utilizada para compreender diversos aspectos da história, como a política, economia, mundo do trabalho, etc.

1.3 EDUCAÇÃO, ENSINO DE HISTÓRIA E GÊNERO

Atualmente a temática gênero nas escolas tem se tornado algo bastante controversos. Mas de fato as pessoas entendem o que é o conceito de gênero e como este tema seria tratado nas escolas?

Nos dias de hoje, a palavra gênero carrega um estigma muito mais forte do que no passado devido à grande onda conservadora que invada a política e a nossa sociedade e por consequência, reflete em nossas escolas. Segundo Miguel (2016, p. 595), no ano de 2014 começaram a ganhar mais destaque projetos de lei contra a doutrinação marxista nas escolas e contra a ideologia de gênero. O Movimento Escola sem Partido, tem como sua principal pauta combater a “ideologia marxista nas escolas”. Porém, como o movimento conta com o apoio dos setores mais conservadores da política como a chamada bancada evangélica, outra pauta se uniu ao tema, o combate a “ideologia de gênero”.

Este combate a “ideologia de gênero” reforça a ideia de que homens e mulheres já nascem com papéis predestinados na sociedade, como se as diferenças entre os gêneros masculino e feminino fossem explicados por apenas por aspectos biológicos.

Gênero vai além das diferenças biológicas entre homens e mulheres, ele traz consigo toda as diferenças socialmente construídas e impostas a homens e mulheres.

Este combate à “ideologia de gênero” reforça a ideia de que homens e mulheres já nascem com papéis predestinados na sociedade. E ao naturalizarmos e reproduzirmos estes papeis como sempre fora, sem questioná-los, continuamos a repetir alguns erros, como excluir e silenciar as mulheres na história.

Quando estudamos a disciplina de História nas escolas, infelizmente é fácil de se perceber a ausência de personagens femininas. É como se as mulheres não tivessem feito parte da história, já que pouco elas aparecem em materiais didáticos.

Podemos perceber que nas universidades, o número de pesquisas sobre gênero e história das mulheres tem aumentado muito nos últimos anos. Dossiê lançado pela Revista Estudos Feministas e 2011 traz artigos que discutem as questões de gênero na escola através de diversas abordagens diferente. As autoras, Silva e Ribeiro (2011, P. 463), responsáveis pelo dossiê afirmam que desde 2006:

temos coordenado o Simpósio Temático Gênero e Sexualidade nos Espaços Escolares, no Seminário Internacional Fazendo Gênero, que visa oportunizar um espaço de discussões e reflexões relativas às questões de gênero e sexualidades nas práticas escolares da Educação Básica, pensadas, aqui, como construções culturais, sociais e políticas. Nesse Simpósio Temático buscamos promover debates sobre como se produzem as identidades e diferenças sexuais e de gênero dos sujeitos envolvidos nas relações escolares, enfatizando-se também suas intersecções com questões de classe, raça e geração. (SILVA; RIBEIRO, 2011, p. 463)

Um dos textos publicado neste dossiê discute o fato do número de professoras mulheres ter crescido muito entre os séculos XIX e XX no Brasil, mostrando que como profissionais da educação, as mulheres têm entrados nas escolas.

Até o século XIX o magistério primário era ocupado por uma maioria masculinas, mas esta realidade mudou a partir do século XX quando boa parte dos profissionais de educação desta faixa etária tornaram-se mulheres. Isto se deve ao fato de que, depois de algum tempo, a visão sobre educação escolas começou a mudar e o 'ensino como uma extensão da função maternal' (HAHNER, 2011, p. 467). Então, o número de professoras mulheres, principalmente para os alunos mais jovens começou a crescer.

É importante ressaltar também que até determinado momento, o ensino era dedicado apenas aos meninos de uma determinada classe social (elites). Boa parte da população brasileira (não apenas as mulheres, mas as pessoas mais pobres também), estavam excluídas da educação.

Em 1827, no Brasil, foi feita a primeira legislação que tratava da educação feminina. Esta legislação se referia a criação de escola em todas as cidades para cuidar da educação de meninos e meninas. (HAHNER, 2011, p. 467).

A educação feminina na década de 1870 conectava-se muito as questões da maternidade. Para se ter crianças educadas, era necessário pensar na educação da mãe. Este pensamento da época estava relacionado a ideia de modernização do país, educando as pessoas que viviam nas cidades. Nesta década é possível perceber um significativo aumento do número de mulheres alfabetizadas nas cidades, o que colaborou para o aumento do número de professoras. Além disso, o fato de poder contratar mulheres com salários menores também colaborou para que esse número aumentasse. As mulheres atingiam um certo nível de instrução que permitia que elas ocupassem alguns cargos em empresas ganhando menos que os homens.

Além disso, as mulheres tinham menos opções profissionais que os homens. Segundo Hahner (2011, p. 468):

Com poucas alternativas abertas às mulheres de certa instrução e status, ensinar era o desejado, embora os salários fossem inferiores aos dos homens. O ensino trouxe a algumas mulheres uma maior independência econômica, com relação àquela que poderiam ter alcançado de outro modo. (HAHNER, 2011, p. 468)

Outro aspecto importante que diz respeito a educação feminina no Brasil é a criação de escolas mistas. Estas escolas eram uma alternativa mais econômica para o Estado, mas vista com maus olhos por algumas pessoas ainda no século XIX.

As escolas mistas se tornaram mais comuns para as classes mais baixas da sociedade. As elites demoraram mais para aceitar. Foi a Reforma Leôncio de Carvalho, feita por meio do Decreto de 19 de abril de 1879, que incentivou a criação de escolas mistas.

Podemos perceber então que, as mulheres passaram a fazer parte das escolas como professoras e alunas. Mas será que elas também faziam parte do que era estudado? Nas aulas de história, aprendemos sobre a contribuição das mulheres? Ou discutimos sobre como elas viviam no passado? Sobre suas conquistas?

Crocco, em seu texto “Making Time for Women’s History” discute sobre a história das mulheres nas aulas de história. Crocco menciona que Lerner, em sua dissertação afirmou que gostaria que a História das mulheres se tornasse parte de todos os currículos de todos os níveis de educação. Que a história das mulheres que

está cada vez mais ganhando espaço nas pesquisas universitárias também chegasse nas escolas.

Segundo Crocco, este desejo de Lerner, de ver a história das mulheres como algo que mereça ser estudado, tem sido atingido na universidade onde estudos deste tipo têm sido feitos de maneira bastante ampla, porém, quando observamos a questão da história das mulheres nos níveis anteriores de ensino, este quadro não se repete. Segundo a autora, não existem muitos materiais para trabalhar sobre o assunto nas escolas secundárias dos Estados Unidos. (CROCCO, 1997, p. 32).

Muitos fatores contribuem para este fato. Existe nas escolas uma pressão para dar conta dos conteúdos canônicos já propostos para a aula de história. Definir o que é importante ser ensinado para que os alunos possam responder a testes padronizados, acabam por fazer com que a história das mulheres seja deixada para segundo plano. Segundo Crocco (1997, p. 72):

Embora as mulheres representem metade da população mundial e, nesse sentido, tenham experimentado metade da história humana, suas histórias são frequentemente marginalizadas, se não omitidas inteiramente, quando a história mundial ou americana é ensinada na classe da nação. (CROCCO, 1997, p. 32, tradução nossa)¹.

Uma questão levantada pela autora, que é visível também em livros didáticos brasileiros, é que quando, em alguns casos, é dado espaço para a história das mulheres, esta aparece apenas como um apêndice (sidebars). Apresentada desta maneira, segundo Crocco (1997), a história das mulheres não se mistura com a "verdadeira história" que é aquela que fala sobre economia e política, a história dos "grandes homens" e dos "grandes acontecimentos". Abordada desta maneira, a história das mulheres permanece marginalizada. A autora fala que apesar de ruim, esta apresentação nos livros didáticos ainda é melhor do que a total ausência da história das mulheres.

Então, quais as razões pelas quais ensinar a história das mulheres no high school (no caso do trabalho de Crocco)? Por que ensinar a história das mulheres aqui, na realidade do nosso país? E como abordar este tema sem que a professora ou

¹ Even though women represent half the world's population, and in that sense have experienced half of human history, their stories are often marginalized if not omitted entirely when world or American history is taught in nation's classroom. (CROCCO, 1997, p. 32)

professor precise abrir mão do conteúdo que precisam ser cobertos? É necessário que se encontre um equilíbrio, e não que se deva escolher entre ensinar uma ou outra coisa.

Um currículo representa a verdade para os estudantes, desta forma, elementos que são deixados de lado pelo currículo (neste caso, a história das mulheres) podem ser considerados pelos alunos assuntos que não possuem relevância.

Em pesquisa sobre a história das mulheres nos livros didáticos apresentada em 2006, Ferreira (2005, p. 120) já apontava que

As pinceladas de história das mulheres propostas nos livros não dão conta de formar, ou melhor, de abalar as representações sedimentadas pela sociedade sobre os papéis da mulher, mesmo que os novos papéis já tenham sido reconhecidos e legitimados juridicamente, através da legislação. (2005, p. 120).

Um outro problema mencionado por Crocco (1997) em deixar de lado a história das mulheres é o fato que ficamos sem conhecer parte da história do mundo, já que as mulheres representam metade da população mundial, tornar essa parcela da história invisível torna o conhecimento histórico escolar incompleto.

É importante mencionar que autora frisa em seu texto que na história tradicional dos "vencedores" e dos "grandes homens", além de excluir as mulheres, muitos homens também são deixados de lado, geralmente os das classes mais baixas já que esta história tradicional mencionada pela autora é bastante elitista.

Além disso, conhecer a história a partir de outros pontos de vista é muito importante. Os alunos precisam se reconhecer na história e eles também tem a necessidade de conhecer o outro, o diferente, o mundo. Por isso, Crocco (1997) defende que não é necessário que se escolha entre ensinar a antiga história oficial ou a história das mulheres e outros que foram menos influentes na história política, econômica e militar, mas que é possível ensinar ambas as abordagens históricas. É necessário que se encontre um balanço. 'Tanto as histórias sobre os poderosos quanto as vidas das mulheres e outras que são menos poderosas devem ser

publicadas no currículo secundário de estudos sociais.’ (CROCCO, 1997, p. 34, tradução nossa) ².

Existiram e existem várias maneiras de incorporar a história das mulheres nas escolas. No ensaio de Crocco (1997), a autora escolheu a abordagem de Peggy McIntosh para demonstrar isso que destaca as cinco fases da história das mulheres. As cinco fases não representam níveis e não estão organizadas de maneira hierárquica. As fases são:

1. Uma história sem as mulheres, focada nos homens da elite ligados ao poder político e econômico.
2. A mulher na história que traz algumas figuras femininas das elites que foram de alguma forma marcantes nesta história política e econômica ligada aos “grandes homens”. Histórias de rainhas fazem parte desta fase.
3. Esta fase traz a mulher como um “problema” para a história, pois ela é a excluída e esta as margens da história oficial.
4. As mulheres como história, que busca mostrar a contribuição das mulheres em geral para a sociedade e começa a salientar o fato de que a história das mulheres é importante para reconhecer a história da humanidade como um todo.
5. Uma redefinição da história que inclua todos nós. Uma história que busca reconhecer a relevância de todos os indivíduos, incluindo aqueles, que como as mulheres, durante muito tempo foram invisíveis para a história.

As transformações trazidas por cada uma destas fases fazem com que, segundo a autora, haja uma mudança a respeito das perguntas que fazemos sobre as mulheres do passado. Ao invés de perguntar ‘O que as mulheres fizeram ou produziram de importante?’, agora nos perguntamos “Como as mulheres do passado viviam?’ (CROCCO, 1997, p. 34).

Passar por essas mudanças não é algo necessário apenas no Brasil ou nos Estados Unidos. A ausência das mulheres nos conteúdos da disciplina de História é um problema que acontece em diversos lugares do mundo. E é de diversos lugares do mundo que surge o questionamento do porquê isso acontece.

² Both the stories of the powerful and the lives of women and others who are less powerful should find a place in the secondary social studies curriculum. (CROCCO, 1997, p. 34).

Em uma pesquisa na Espanha, pediu-se para os alunos citarem o nome de três personagens que participaram da história do país. O número de personagens femininos citados nesta pesquisa foi muito menor do que o número de personagens masculinos. (PAGÉS; SANT, 2011, p. 130).

Não há uma única resposta, segundo Pagés e Sant (2011), para explicar por que as mulheres são invisibilizadas na história. Os autores citam três fatores que podem contribuir para este fato. Primeiramente, na escola se prioriza a história política. As mulheres praticamente não aparecem como personagens nesta história. Elas estão muito mais relacionadas a história social e, quase sempre, de maneira anônima e as que aparecem são personificadas como princesas, bruxas ou feministas. (PAGÉS; SANT, 2011, p. 131).

Um ponto que deve ser sempre lembrado quando discutimos o que se ensina nas escolas é o papel do livro didático tem nas aulas, e como o que e de que forma algo aparece nos livros pode ser relevante para o entendimento do aluno do que é importante o suficiente para ser estudado nas aulas de história.

Além disso, segundo Pagés e Sant (2011, p. 131), 'el libro de texto es, a nuestro pesar, el que determina la mayoría de selecciones de contenidos que se realizan en las aulas de Historia y Ciencias Sociales'. Isto é, muitas vezes o livro didático determina o que vai ou não ser ensinada em sala de aula. Então, usando os conteúdos de um livro didático como exemplo, os autores demonstram como estes levam em conta primeiramente a história política, depois a história econômica. Desta forma, os livros acabam priorizando muito mais os personagens masculinos do que os femininos já que são os homens que aparecem mais na história política e econômica de um país. Inclusive no que diz respeito as imagens dos livros pesquisados pelos autores, a maioria das pessoas retratadas são do sexo masculino.

En los ocho temas mencionados dedicados a la historia política, hay 17 imágenes donde aparecen representadas personas. En 14 de ellas sólo hay hombres "aproximadamente el 82%"; en dos de ellas hay hombres y mujeres "aprox. 12%"; y sólo en una de ellas aparece únicamente una mujer "aprox. 6%". Por lo que se refiere al texto escrito, se citan 36 hombres con nombre propio - ya sea nombre o cargo - y solo 5 mujeres. En consecuencia, las mujeres representan aproximadamente el 12% de las personas citadas en el texto. (PAGÉS; SANT, 2011, p. 132).

Quando se encontram personagens femininas, nos livros didáticos pesquisados pelos autores, geralmente elas são divididas em duas categorias, a das mulheres masculinizadas, que fazem a mesma coisa que os homens na história, e as mulheres vítimas, que são martirizadas, espiritualizadas, que sofreram com a crueldade dos homens. (PAGÉS, SAIT, 2011, p. 136). Já na história contemporânea, há uma nova forma de representação da mulher, a feminista.

Apresentadas estas questões, fica o questionamento: O que podemos fazer para que as mulheres se tornem visíveis na história e nas aulas de história nas escolas?

Pagés e Sant (2012), assim como Crocco (1997), mencionam que é necessário buscar um equilíbrio nos assuntos ensinados em sala de aula. Isto é, não devemos substituir a história dos homens pela história das mulheres:

Las mujeres deben formar parte de los contenidos de Historia y de Ciencias Sociales. Es necesario buscar un equilibrio entre hombres y mujeres ya que, si no es así, el agravio que representa para las mujeres no estudiar a otras mujeres puede ser utilizado para justificar una supuesta subordinación a los hombres." (PAGÉS; SANT, 2012, p. 139).

Na Catalunha, Espanha, os currículos de todas as etapas educativas frisam a necessidade de mostrar a importância do papel tanto de homens e mulheres para a história, buscando um equilíbrio para que ambos sejam contemplados nos conteúdos didáticos.

Outra questão é que incluir a história das mulheres em sala, além de tornar o ensino de história mais amplo e "completo" abre espaço dentro das escolas para que possamos questionar a desigualdade de gênero que existe em nossa sociedade. Pois se a escola reflete a nossa sociedade, o fato de as mulheres serem ignoradas na disciplina de história nos mostra como a sociedade trata as mulheres.

Marolla e Pagés (2015), também mencionam a participação do professor na construção da visão que os alunos têm sobre os papéis de homens e mulheres. Os autores usam a teoria de representações sociais de Moscovici e de Jodelet para mostrar como é esta representação das mulheres para os professores de história chilenos.

Os autores mencionam que ‘En diversas sociedades el sistema educativo está fuertemente contaminado de las formas particulares de la ideología dominante.’ (MAROLLA, PAGÉS, 2015, p. 225). Isto é, em uma sociedade patriarcal em que o discurso masculino é o dominante e a mulher é subjugada, veremos um reflexo desta realidade ao analisarmos o que se ensina e o que se aprende em sala de aula. O sexismo está enraizado em vários aspectos de nossa sociedade, e a escola não consegue escapar desta dominação.

CAPÍTULO 2

O QUE SABE DAS MULHERES E HOMENS NO JORNAL O TIBAGI

Neste capítulo apresentamos as análises realizadas a partir da fonte histórica trabalhada nesta pesquisa. Primeiramente falaremos sobre o jornal O Tibagi, o contexto em que esse jornal circulava e qual era o público deste jornal. Depois, trataremos sobre a coluna “O que sabe das mulheres e homens” e a análise deste material.

2.1 HISTÓRICO JORNAL/CONTEXTO DO JORNAL

O jornal, como já foi mencionado, nem sempre foi considerado uma fonte confiável para os estudos históricos. Na década de 1970, segundo Luca (2005) ainda não havia muitos trabalhos no Brasil que se utilizassem desta fonte. O jornal era algo muito importante e difundido no Brasil na época, mas segundo a autora, “reconhecia-se, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História da imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa.” (LUCA, 2005, p. 111).

Então, já se compreendia os jornais como parte importante da história de algo, ou de um indivíduo ou lugar, mas tratá-lo como fonte histórica demonstra que esses impressos não só fazem parte da história, mas como também ajudam a construí-la.

O jornal O Tibagi, jornal da cidade de Telêmaco Borba, no interior do Paraná, não faz apenas parte da história desta cidade, mas ajudou a construir sua história, identidade e memória das pessoas que ali viviam. Segundo Vieira (2019, p. 83):

A escolha do jornal O Tibagi para o estudo do discurso fundador de Telêmaco Borba está pautada na prerrogativa de que, durante o processo de organização oficial, a mídia recebe destaque. Entendendo que a memória, assim como as identidades, são também constituídas a partir de discursividades, os jornais impressos desempenharam, e ainda desempenham, papel fundamental na disseminação de narrativas organizadas pela classe dominante com o intuito de elaborar memórias que atendam aos seus interesses. (VIEIRA, 2019, p. 83)

O periódico teve seu primeiro exemplar datado do dia 23 de novembro de 1948. Já nesta primeira edição encontra-se presente a coluna utilizada para a realização desta pesquisa, Que sabe dos homens e das mulheres. Nesta primeira coluna,

publicada na primeira edição do jornal, é abordada as diferenças que existem na linguagem das mulheres e dos homens.

A coluna foi publicada no jornal até o dia 14 de junho de 1950, mas o jornal existiu até 1996, ano em que seu diretor e fundador Horácio Klabin faleceu. O jornal foi digitalizado até 1964, ano em que Telêmaco Borba se tornou município, emancipando-se de Tibagi. Durante o período estudado de circulação da coluna no jornal, a cidade de Telêmaco Borba ainda era apenas uma localidade e chamava-se Monte Alegre³.

A história teve dificuldades em aceitar o jornal como fonte histórica, pois compreendia que este era um documento que trazia um recorte de acontecimentos, defendiam a opinião daqueles que eram donos ou responsáveis por suas publicações.

Por outro lado, é necessário questionar se todos os leitores de jornais tinham este mesmo pensamento. O que muitas vezes parece, é que naquela época, e até mesmo atualmente, parte da população tinha a ideia de que o jornal trazia um recorte na verdade e que o único objetivo do jornal era informar sobre os fatos que aconteciam, sem deixar-se influenciar por opiniões.

Vieira (2019, p. 92) afirma que na sua análise entre os anos 1948 e 1964 'outro ideal recorrente nos discursos jornalísticos desse período foi a neutralidade. O jornal procurava divulgar as informações em linguagem que objetivava a isenção, não opinando nem persuadindo os leitores.'. Análise que diz respeito ao recorte definido também para esta pesquisa.

A busca por divulgar informações isentas de opinião, tentando sempre retratar os fatos o mais próximo possível da realidade davam credibilidade aos jornais, por mais que saibamos que esses são objetivos muito difíceis ou até mesmo impossíveis de serem alcançados.

Sobre a fundação do jornal O Tibagi, é necessário informar que houve antes do surgimento do jornal estudado nesta pesquisa um outro jornal que possuía este

³ Este trabalho não tem como objetivo se aprofundar na história de Monte Alegre, posteriormente Telêmaco Borba nem na história da fábrica Klabin. Nessa pesquisa, o foco será a análise da coluna O que sabe dos homes e das mulheres e nas possibilidades de se trabalhar com esse material na sala de aula. Para aqueles que estiverem interessados e buscando conhecer mais sobre a história da cidade ou da fábrica fica a recomendação do livro da historiadora Ana Flávia Braun Vieira "Para além do papel O jornal O Tibagi e a construção do discurso fundador de Telêmaco Borba – PR" (2019).

mesmo nome. Segundo Vieira (2019, p. 96) 'o primeiro jornal que recebeu o nome de O Tibagi data de outubro de 1904 teve como proprietário e diretor, Telêmaco Augusto Enéas Morocines Borba'. Esse personagem é descrito pelo segundo jornal O Tibagi como político de prestígio, historiador, etnológico, sertanista, foi prefeito de Tibagi e deputado estadual.

O outro jornal O Tibagi, que é o segundo a utilizar este nome e que é o material e fonte histórica para a realização desta pesquisa, "teve sua primeira edição publicada no dia 23 de novembro de 1948 e foi um dos primeiros veículos de comunicação de massa de Monte Alegre." (VIEIRA, 2019, p 97)

Seu diretor e fundador foi Horácio Klabin que era sócio da fábrica de papel Klabin que existe na cidade. Exerceu o cargo de diretor do jornal desde sua fundação até 1996, ano de seu falecimento e posteriormente, do fechamento do jornal.

Horácio Klabin nasceu em São Paulo em 1912. Formou-se em Engenharia Civil, mas exerceu diversas atividades durante a sua vida. Segundo Vieira (2019, p. 98), 'foi instrutor de dança, banqueiro, garimpeiro, reflorestador, colecionador de livros raros, vendedor de ferro velho, crítico literário, agricultor e radialista'. Também se envolveu na área do esporte construindo um estádio de futebol em Monte Alegre. É notável a diversidade de interesses que este dono de indústria possuía além de sua direção no jornal.

Por mais de 50 anos, este periódico esteve presente na história de Telêmaco Borba, informando seus habitantes, sobre notícias locais e internacionais e ajudando a difundir ideias e a construir as representações sociais.

Apesar da coluna Que sabe dos homens e das mulheres não ter sido escrita na região ou país em que ela circulava, é possível perceber como ela reforçava alguns estereótipos de gênero presentes em nossa sociedade nas décadas de 1940 e 1950, as representações sociais de homens e mulheres e os papéis que esses deveriam exercer.

Sobre o público, o jornal era destinado, principalmente aos operários da indústria Klabin. Para muitos, esse era provavelmente o primeiro e único material impresso para leitura disponível após a alfabetização nas escolas. Semanalmente,

nas quintas-feiras, os funcionários da fábrica recebiam exemplares do jornal para levarem para suas casas.

Sobre a circulação do jornal, Vieira (2019, p. 99) afirma:

No início das publicações, o jornal possuía tiragem de 500 exemplares, quando muito. Distribuído às quintas-feiras na Klabin aos funcionários da empresa, este também era lido pelas pessoas que moravam nos acampamentos mais distantes da sede da fábrica. Semanalmente, os operários levavam para casa um exemplar. Nas cidades onde havia escritórios ou representantes da Klabin, estes também eram enviados. Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Castro e Tibagi eram alguns dos destinos dos exemplares deste jornal. Segundo o próprio jornal, outro fator que contribuiu para o aumento significativo do número de leitores dentro e fora do Paraná foi uma parceria entre o Lions Club local com os demais espalhados por todo o Brasil. (VIEIRA, 2019, p. 99)

A ligação entre o jornal O Tibagi e as indústrias Klabin se tornaram bastante clara quando se pesquisa a história do periódico. O fundador e diretor do jornal fazia parte da família Klabin e os seus leitores eram principalmente pessoas que trabalhavam na indústria. Além disso, o jornal conseguiu chegar em outras cidades e até mesmo em outros estados por intermédio de escritórios da empresa que estavam presentes em outras cidades.

Outras ligações entre o jornal e a indústria são mencionadas por Vieira (2019, p. 101). Os funcionários que trabalhavam no periódico eram contratados pela Klabin:

O Tibagi era produzido e impresso em um prédio próprio, longe das edificações onde ocorria a fabricação de papel, no entanto era totalmente vinculado à indústria: seus funcionários eram contratados pela Klabin, mesmo que não trabalhassem diretamente nas dependências desta. (VIEIRA, 2019, p. 101)

Um outro ponto mencionado pela autora era o fato de o jornal ter fácil acesso ao papel para a sua impressão. Hoje em dia esta pode parecer uma questão corriqueira, mas na época este era um fato bastante significativo:

A questão do papel para a imprensa, tão cara aos jornais, não foi uma dificuldade efetiva enfrentada pelo jornal O Tibagi, uma vez que o material necessário para a impressão era produzido nas próprias indústrias Klabin. Talvez seja por isso que o jornal fosse rico em elementos gráficos, utilizando a iconografia como legitimadora de informações já referenciadas no texto. (VIEIRA, 2019, p. 101)

Então, o fato de ter-se um fácil acesso ao papel que era a matéria prima do jornal afetava diretamente a qualidade e apresentação. Com uma breve folhada no

material é possível perceber como o periódico é realmente rico em imagens. A própria coluna pesquisada neste trabalho é sempre composta por um texto e uma imagem.

Sobre a equipe que trabalhava no jornal, é necessário salientar que praticamente nenhum dos seus membros possuía uma formação jornalística acadêmica. Esse primeiro grupo que fazia parte do corpo editorial do jornal permaneceu o mesmo nas primeiras décadas de sua circulação.

A única exceção, segundo Vieira, era Hellê Vellozo Fernandes que, fazia parte desta equipe e que durante a década de 1960, cursou na Universidade Federal do Paraná os cursos de Letras e Jornalismo.

Por fim, cabe aqui mencionar quais eram os elementos que compunham o jornal do período em que esta pesquisa está inserida. Vieira (2019, p. 103) cita todos elementos que fazem parte do jornal no período de 1948 até 1964, ano da fundação do jornal até a emancipação de Telêmaco Borba, que é também o espaço de tempo em que se tem o material digitalizado:

Foram organizadas seções de diversão, literária, sentimental, folhetim, concursos, espaço destinado às contribuições dos leitores. O jornal, então, apresentava colunas fixas como 'Última Hora' e 'Crônicas Internacionais', que traziam notícias sobre os últimos acontecimentos do país e do exterior. Existiam ainda colunas 'O que sabe dos homens e das mulheres', 'Já conhecia este prato?' e a 'Página Esportiva'. Merecem destaque também as séries em quadrinhos, bem como a coluna 'Sociais', onde eram abordados os eventos da cidade, como casamentos, batizados e festividades em geral. Além dessas colunas que eram fixas nos primeiros anos do jornal, existia grande espaço reservado para poesias e crônicas. (VIEIRA, 2019, p. 103).

Outra seção que compunha o jornal e não mencionado acima era uma coluna feminina, diferente da coluna utilizada nesta pesquisa da pesquisa, e que tratava dos temas comuns às colunas dessa natureza da época como beleza, culinária, moda e comportamento. A coluna feminina dedicava-se apenas a escrever para mulheres. Já a coluna Que sabemos dos homens e das mulheres falava tanto pra homens quanto pra mulheres.

A coluna, Que sabe dos homens e das mulheres, não era escrita pelos funcionários do jornal. Esta era uma coluna escrita no Estados Unidos e traduzida para o português, e O Tibagi não era o único periódico que a publicava em nosso país. Mas, o fato dela fazer parte do jornal mostra que, de alguma forma, era possível

encontrar elementos que ajudassem a pessoa que a lia a se identificar com o que estava lendo. Ou então, demonstra a imagem que o jornal gostaria de transmitir das representações que se tinham de papéis masculinos e femininos.

Apesar de não ser de autoria própria, o jornal e seu corpo editoria não publicariam colunas com as quais não concordassem ou que passassem valores que fossem contrários e transgressores a sociedade leitora. São as representações sociais de homens e mulheres descritas pela coluna, presente neste jornal que serão discutidas a partir de agora.

2.2 A ANÁLISE DA FONTE

Para realizar a análise das fontes as colunas foram divididas em categorias de acordo com o assunto que cada uma fala e se ela se refere mais as mulheres, aos homens ou se compara um com o outro.

As categorias são: linguagem, casamento, trabalho, maternidade e paternidade, idade, consumo e economia, aparência, política, serviços domésticos, hábitos e comportamento, sensibilidades, diferenças de interesses e infância.

2.2.1 Casamento

Um dos assuntos bastante retratado em várias colunas é o casamento. Essa parte da vida em que as relações de gênero estão bastante presentes já que temos, de acordo com os padrões da sociedade, uma mulher e um homem compartilhando sua vida, suas experiências, seus problemas cotidianos.

Algumas colunas que tratam desse assunto se dirigem ao casal, mencionando tanto a mulher quanto o homem. Já algumas colunas são direcionadas mais para a mulher ou para o homem. Um fato interessante é que mais colunas são direcionadas para as mulheres. Um número maior delas falam sobre a responsabilidade e o comportamento das mulheres em relação ao casamento.

O fato de haver mais colunas direcionadas às mulheres a respeito do casamento pode indicar que se esperava mais das mulheres do que dos homens no relacionamento?

Mulher e casamento

Qual o papel da mulher no casamento na sociedade no final da década de 1940 e década de 1950, esse é um dos principais pontos a serem discutidos quando analisamos as colunas.

O primeiro elemento para se destacar a respeito deste assunto é o fato de que a mulher esperava pelo casamento mais do que o homem:

Recentemente, um homem de 33 anos anunciou pelos jornais que receberia propostas de casamento. Logo depois seu telefone começou a funcionar ininterruptamente – finalmente, ele resolveu desligar o aparelho, afim de poder dormir. (Coluna do dia 01/02/1949).

Neste texto, fica claro o fato de que existe até um certo “desespero” feminino em relação ao casamento. Não é para menos, se o principal objetivo das mulheres do período era o casamento, afinal esse era o destino determinado às mulheres, ser esposa e mãe:

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidade de contestação. (PINSKY, 1997, p. 609)

Mencionadas estas questões, fica claro que o fato de permanecer solteira por muito tempo ou efetivamente não conseguir casar-se e ter filhos poderia ser considerado um grande fracasso na vida das mulheres dos anos dourados.

Em outro trecho da mesma coluna, o autor menciona: ‘Se uma mulher decide casar com um homem, nada a não ser uma fuga imediata poderá salvá-lo.’ (Coluna do dia 01/02/1949). Mas isso não significava que as mulheres deveriam sair se declarando e pedindo a mão de homens em casamento. Essa atitude não era bem-vista pela sociedade desta época, segundo Pinsky (1997, p. 614):

Além de supostamente comprometer as chances das candidatas à esposa, a prática do flerte por parte das mulheres revelava uma iniciativa feminina na conquista do homem, o que também era condenável. A iniciativa da conquista e das declarações de amor, conforme o costume, cabia ao homem, pois a mulher deveria 'a todo momento saber conservar o seu lugar. (PINSKY, 1997, p. 614)

A coluna não diz que é obrigação da mulher esperar a iniciativa do homem, em um momento o autor chega a mencionar que esta é a preferência feminina, mas o que estudos da sociedade da época mostram é que essa espera feminina era na verdade o que se esperava das mulheres.

Outro ponto bastante frisado nas colunas que relacionam as mulheres e o casamento é a questão do trabalho feminino. As colunas não condenam o trabalho para as mulheres solteiras, mas deixam como certo o fato de que as mulheres que trabalham esperam somente pelo pedido de casamento para deixarem seus empregos. A mulher pode ter um emprego enquanto estiver solteira, mas deve largá-lo assim que se casar para que este não atrapalhe as suas atividades domésticas.

Em alguns momentos na coluna, o trabalho não é visto como algo relacionado a conquistas e anseios pessoais para as mulheres. Algo que a mulher faz para alcançar a sua independência financeira.

Na coluna do dia 30 de novembro de 1948, que começa com a pergunta “A mulher empregada tem mais facilidade para casar?”, o trabalho é visto apenas como mais um espaço onde as mulheres podem encontrar possíveis pretendentes. ‘É que as possibilidades de uma mulher encontrar o homem que lhe convém, aumenta na medida em que ela conhece mais pessoas e seu emprego pode exercer grande influência nesse sentido’. (Coluna do dia 30/11/1948).

Sobre o trabalho feminino e casamento, Brito (2016, p. 183) menciona:

O acesso das mulheres ao mercado de trabalho também é tratado pelas revistas femininas dos Anos Dourados. *Jornal das Moças* critica a mulher casada que trabalha, na década de 1940 e início dos anos de 1950, por entender que a consequência natural disto é o abandono aos afazeres domésticos. O trabalho seria indicado apenas para as mulheres solteiras e que estavam, em razão de sua personalidade, destinadas a ficarem assim, por não serem aptas ao casamento e à maternidade. (BRITO, 2016, p. 183).

Após o casamento, mulher e homem deveriam assumir seus papéis dentro da nova família. Esses papéis eram bem definidos na sociedade da época, e para a

mulher, o trabalho fora de casa não fazia parte do cotidiano de uma esposa ideal. O trabalhar fora e obter recursos para manter a família fazia parte das funções desempenhadas pelo homem.

A elas cabem tarefas de cozinhar, limpar, lavar, passar e cuidar dos filhos, enquanto os maridos devem ser responsáveis em manter financeiramente a família e dentro de casa, pelos pequenos concertos e pelas tarefas esporádicas que exijam força física. Consideram o trabalho de casa como algo que não cabe aos homens e, por isto, apenas uma delicadeza do marido em momentos muito especiais. (BRITO, 2016, p 184)

A mulher que trabalhava após estar casada, muitas vezes não era bem-vista, pois não teria tempo suficiente para suas responsabilidades dentro da sua casa, o que poderia pôr em risco o seu casamento. 'Trabalhando, a mulher deixaria de lado seus afazeres domésticos e suas atenções e cuidados para com o marido: ameaça não só à organização doméstica como também à estabilidade do matrimônio.' (PINSKY, 1997, p. 624).

O comportamento das mulheres em relação ao marido, no casamento, também era assunto na coluna. Como as mulheres tratam seus maridos.

Na coluna do dia 27 de dezembro de 1949, intitulada "A resposta das esposas", o autor fala sobre diversas coisas que as mulheres falam que irritam seus maridos. O que fica bastante claro nesta coluna é que, segundo o autor, o que mais irrita os maridos é quando as suas esposas opinam sobre seus empregos ou sobre as questões de finanças da casa.

Neste ponto fica bem claro que este território, o do dinheiro e finanças da casa é o território do homem, e que a mulher quando tenta de alguma forma fazer parte dele, pode irritar o seu marido, algo que deve ser evitado a todo custo. Segundo Brito (2016, p. 184), esperava-se que a esposa se comportasse de forma a:

Satisfazer e contentar seus esposos em todas as suas demandas; manter-se equilibradas e emocionalmente controladas para não contrariá-los e não levá-los a rompantes, destemperos e atos de violência, considerados como próprios à natureza masculina; garantir sossego e liberdade aos maridos; amá-los incondicionalmente e fazer o que for possível para serem amadas." (BRITO, 2016, p. 184)

As diferentes expectativas de homens e mulheres sobre o casamento são mencionadas nas colunas dos dias 23 de janeiro de 1950 e 4 de abril de 1950. O autor

menciona o desejo que as mulheres têm em modificar e melhorar os seus maridos. ‘Em geral, quando dois namorados se casam a mulher espera modificar o marido – e o marido espera que a sua mulher não se modifique.’ (Coluna do dia 23/01/1950).

Em contrapartida, o autor também deixa claro que os homens dificilmente são modificados pelas mulheres, o que mostra que elas fazem um esforço inútil e ainda colocam em risco a felicidade matrimonial. ‘No fim de contas, a verdade é que as mulheres quase sempre, perdem o tempo com essas chofadeiras, porque, os homens são se deixam modificar assim do pé para a mão.’ (Coluna do dia 23/01/1950).

O que você está procurando fazer com seu marido, Esmeralda, é uma completa futilidade. O homem não gosta de ser reformado. Tomemos qualquer um dos tradicionais vícios masculinos contra os quais se manifestam as esposas: Como pode uma mulher evitar que seu marido pisque os olhos para a Vênus que passa na esquina – quando o relatório Kinsley mostra que pelo menos 30 dos maridos são infiéis. (Coluna do dia 04/04/1950)

Aqui o autor demonstra novamente a inutilidade da mulher querer mudar hábitos em seus maridos que são “naturalmente” masculinos. As questões sobre a masculinidade, hábitos masculinos e a questão sobre a fidelidade dos homens será abordada em tópicos posteriores, mas o que já se pode deixar claro é que a infidelidade era vista como algo que fazia parte da natureza dos homens, portanto era passível de perdão. Tal atitude para as mulheres era imperdoável e a mulher que fosse infiel era punida com o divórcio, ou pior, com algum tipo de violência.

Homem e casamento

No que diz respeito aos homens e o casamento, o número de colunas e recomendações é bem menor, o que, como já foi dito, nos faz pensar que o peso do matrimônio era muito maior para a esposa do que para o marido. O casamento era algo muito mais importante para a mulher, já que esse era, junto com a maternidade, o maior objetivo de sua vida. Cabia a mulher também boa parte da responsabilidade da felicidade do casal.

Mas esses fatos não isentavam o homem de seu papel e suas responsabilidades dentro do laço do matrimonial.

A principal função do homem dentro do casamento é de provedor, o que mantém financeiramente a família. Esse fato é citado em diversas colunas que falam também das mulheres. Muitas vezes, quando o autor fala sobre o papel da mulher como a responsável pela casa e pela educação dos filhos, fala também sobre o papel do marido, como aquele que deve trabalhar fora e sustentar financeiramente a família. 'O marido era considerado o chefe da casa e, sendo assim era o responsável por prover a família materialmente.' (CHORTASZKO, MOREIRA, 2013, p. 9).

Pinsky (2012), ao discutir sobre qual era o dever de cada um dentro do casamento, fala sobre o papel de provedor do marido e ainda ressalta o que poderia significar para o homem o fato da esposa precisar trabalhar fora:

Um marido que trabalha tem todo o direito de mandar e desmandar em casa. Uma mulher que trabalha (fora) envergonha o marido perante a sociedade, pois denota sua incapacidade de sustentar sozinho a família. Essa mesma esposa com emprego também pode constranger o companheiro no sentido de expor-se demais, comprometendo sua honra; só em casa é que ela pode preservar sem riscos sua honestidade sexual. O correto é, pois, a esposa economicamente dependente e satisfeita com o que lhe é dado para as despesas pessoais e domésticas. (PINSKI, 2012, p. 487).

Mas se as mulheres dependem financeiramente de seus maridos, em alguns momentos na coluna o ator gosta de salientar a dependência que os homens têm das mulheres:

Os homens gostam de parecer independentes. Não querem que ninguém pense por um instante sequer que eles precisam de mulheres na sua vida. Vai passear com os amigos e não dão a mínima atenção aos conselhos das mulheres. Dizem que as mulheres não raciocinam, falam demais e são fingidas. Mas, há, separem-nos das mulheres por algum tempo e eles correm para as pequenas como os meninos procuram o regaço da mãe. (Coluna do dia 08/02/1949).

Aqui fica claro que, apesar de apontar diversas características negativas das mulheres, há uma dependência emocional que liga os homens a elas. Em outro momento, o autor fala que os homens somente são felizes na companhia de mulheres.

Por mais que o homem seja responsável pelas questões materiais, nesta mesma coluna do dia 08 de fevereiro de 1949, o autor pede para que o leitor faça seguinte questionamento: "Teria eu tudo isto, se não fosse a minha mulher?". Isto é, apesar do homem ser o indivíduo responsável pelos bens materiais, o apoio emocional que sua parceira dá para ele ajuda-o nas suas conquistas. Importante

salientar que o autor pede para o leitor pensar na sua parceira, ‘aquela que está lá na cozinha, lavando os pratos, enquanto o homem está sentado na poltrona.’ (Coluna do dia 08/02/1949).

Já na coluna do dia 25 de janeiro de 1949, o assunto é: Quais as características que um homem busca ao procurar uma esposa? A beleza não é um aspecto fundamenta, já que segundo o autor da coluna, não há tantas mulheres bonitas por aí. Um ponto frisado é o fato de que alguns homens buscam em suas parceiras características de sua mãe.

A beleza seria algo mais importante nas mulheres quando os homens ainda são jovens, mas depois, são outras características que passam a chamar mais atenção: ‘1) Que goste de casa; 2) Que deseje ter filho; 3) Que seja boa cozinheira; 4) Inteligente; 5) Simpática; 6) Bem educada; 7) Bonita.’ (Coluna do dia 25/01/1949).

Um ponto que merece destaque também em relação aos homens, e que é muito diferente das esposas é a questão da fidelidade.

Como já foi mencionado anteriormente, em uma coluna e citado o fato de que uma mulher não pode exigir que seu marido não olhe para outras mulheres já que a porcentagem de homens infiéis (dados que são citados pelo autor, mas esse não menciona a fonte) é bastante alta. Isso ocorre pois essa seria uma das características que fazem parte da natureza masculina.

Esperava-se que o homem casado se tornasse um responsável pai de família, provedor da casa. As regras sociais eram menos rígidas com relação às suas aventuras eróticas extraconjugais; com o casamento, o homem não perdia, na prática, o direito a ter as ‘liberdades’ terminantemente negadas às suas esposas. O argumento principal baseava-se na ideia de que os homens tinham necessidades sexuais diferentes e bem maiores se comparadas com as das mulheres - uma característica natural masculina. (PINSKY, 1997, p. 632).

Certamente, a cobrança em relação as mulheres sobre a questão da fidelidade eram bastante diferentes. Uma mulher comprovadamente infiel dificilmente conseguiria se manter casada, isso quando não acontecia algo ainda muito pior a ela. Segundo Mittanck (2017, p. 9):

Já as esposas infiéis, que se atrevessem a buscar relações extraconjugais, se fossem descobertas, sofreriam grandes preconceitos e críticas, podendo receber punições por tais atitudes e comportamento. O marido que tivesse

sua honra manchada por culpa de uma esposa infiel, no caso de crime passional, seria perdoado pela lei. (MITTANCK, 2017, p. 9).

Fica claro que através da leitura destas colunas, que o papel da mulher dentro do casamento maior responsabilidade do que do homem. Enquanto as mulheres precisavam acumular diversas qualidades para alcançar o status de boa esposa, ao homem cabia apenas o papel de ser o provedor. Nem a fidelidade era esperada de um homem para que este se tornasse um bom marido. E aqui é que entra o próximo tópico abordado pela coluna: Será que o casamento é realmente vantajoso para homens e mulheres? Quais são as vantagens e desvantagens do casamento para esposas e maridos?

Ônus para a mulher e para homens

A coluna do dia 29 de março de 1949 discute de maneira bastante clara sobre as vantagens do casamento para homens e mulheres. A pergunta inicial que abre o texto é a seguinte: 'O casamento é mais desvantajoso para o homem ou para a mulher?' (Coluna do dia 29/03/1949).

Das desvantagens para as mulheres são citados os seguintes fatos: Após o casamento a mulher perde seu nome, em alguns casos, perde um bom emprego, deixa de lado a sua independência financeira e precisa aprender uma nova profissão: a de doméstica.

Já no caso dos homens é mencionada apenas uma desvantagem: Trabalhar o resto da vida para sustentar a família.

O peso do casamento é muito maior para as mulheres, já que estas precisam abrir mão de inúmeras coisas importantes (como seu próprio nome) quando sobem no altar.

Quanta responsabilidade sobre os ombros femininos! A 'boa esposa' é o segredo imutável da felicidade conjugal, da harmonia do lar, da estabilidade do casamento ('a verdadeira estrutura da sociedade'), da paz na família ('o mais importante suporte do Estado', 'a base do esplendor de um povo moralmente sadio')... e da ordem social com suas hierarquias estabelecidas. Enquanto ao marido basta o esforço para sustentar a família com dignidade,

à esposa cabe desdobrar-se em cuidados para que ele fique satisfeito. (PINSKY, 2012, p. 486)

Em alguns momentos, é possível perceber uma tentativa de valorização deste trabalho desempenhado pelas esposas dentro dos casamentos. A forma que estas tentativas são feitas é tentando colocar um valor em todo o serviço desempenhado pelas mulheres dentro de suas casas.

A coluna do dia 12 de julho de 1949 inicia com a seguinte questão: “Quanto vale uma esposa?”. A pergunta se torna um tanto quanto estranha quando observamos a imagem que acompanha a coluna. Se trata de um homem observando uma mulher com uma etiqueta de preço, como se esta estivesse em uma vitrine.

Figura 1 Imagem presente na coluna do dia 12 de julho de 1949



O autor então apresenta a soma de quanto esses serviços, de doméstica, babá e cozinheira custariam ao homem no decorrer de sua vida e compara com os gastos que esse homem terá com sua esposa, e a conclusão é: O homem lucra com o casamento.

A mulher larga do seu emprego para se casar e assumir os serviços domésticos. Os gastos que alguns homens têm com suas mulheres não pagam todo o serviço doméstico que estas fazem por eles.

Casamento e divórcio

O divórcio era visto, principalmente pelas mulheres, como algo que deveria ser evitado a todo custo. Segundo Mittanck (2017, p. 8):

Um casamento feliz e harmonioso poderia durar para sempre. Esse era o desejo de praticamente todas as mulheres, que temiam muito a possibilidade de uma separação ser cogitada. A mulher não via possibilidade de viver sem o marido que visava a sua proteção tanto financeira quanto perante a sociedade. Não se viam com bons olhos as mulheres separadas, muitas vezes sendo preferível um casamento infeliz, mas de fachada, a enfrentar preconceito e ser apontada pelos demais como incapaz de manter um casamento. (MITTANCK, 2017, p. 8).

Apesar deste fato, a coluna do dia 26 de abril de 1949 trata não apenas sobre a questão do divórcio, mas até mesmo do segundo casamento. Ao falar sobre esse assunto, ao contrário do que se espera para a época, o autor não condena quem se separa e se casa novamente. Ao contrário, o autor discute o fato de que muitas vezes, as pessoas conseguem ser mais felizes em seu segundo casamento.

A coluna inicia com o seguinte questionamento: “A vida em comum é mais fácil nas segundas núpcias?”

O segundo casamento em geral é mais bem pensado do que o primeiro – não há mais precipitações, nem amor à primeira vista. Os casais são um pouco mais velhos. Setenta por cento dos homens e oitenta por cento das mulheres esperam um ano ou mais antes de contrair novo casamento. Muitos homens que casam pela segunda vez dizem que o fizeram principalmente para ter companhia e por gostarem da vida familiar – as mulheres pela companhia e pela segurança. (Coluna do dia 26/04/1949)

O autor ainda cita o fato de que homens e mulheres que se casam pela segunda vez aprendem lições e conseguem ser felizes no segundo casamento.

Apesar da coluna expressar esta opinião, é bom lembrar que ela não era escrita no Brasil. A coluna era produzida nos Estados Unidos e veiculada por alguns jornais, incluindo *O Tibagi*. Por isso, apesar de muitas temáticas discutidas na coluna fazerem sentido com parte da sociedade que a lia, algumas realidades mostradas na coluna não condizem com a realidade brasileira do período.

A verdade é que no Brasil o divórcio ainda não existia como lei, foi aprovado apenas em 1977, com a promulgação da Lei 6515/77. Havia na época o chamado desquite, e mesmo este ainda era bastante recente na sociedade do final da década de 1940 e início de 1950:

Num tempo em o desquite era coisa recente – foi instituído no Código Civil de 1942 (artigo 315), estabelecendo a separação sem dissolução de vínculo matrimonial -, não bastava o reconhecimento legal para que a nova situação fosse socialmente bem-aceita. Aqueles que tinham a coragem de escolher essa via eram frequentemente vistos como párias (sobretudo as mulheres), indivíduos que haviam falhado na importante tarefa de constituir e manter uma família. (SCOTT, 2012, p. 21).

O segundo casamento não era possível, já que não havia divórcio, o que existia era segunda união, mesmo essas, não eram bem vistos pela sociedade do final da década de 1940 e início de 1950:

Divórcio é um “veneno para a estabilidade social”; *mulher separada*, uma condenada à solidão e ao desamparo moral; e *a que se une a um homem separado*, alguém que não merece respeito e ainda compromete o futuro dos filhos. (PINSKI, 2012, p. 490).

Casamento e finanças

A coluna do dia 24 de maio de 1950 inicia com uma pergunta: “As mulheres casam por interesse?”

Durante a história, percebemos que o casamento serviu para diversos fins. Um arranjo político, uma aliança entre famílias ou países, acordos eram selados com casamentos, ou ainda, questões financeiras. Casamentos arranjados que tinham inúmeros objetivos e onde não havia espaço para o amor.

Nas décadas de 1940 e 1950, a realidade já não era mais essa, e já se esperava que o amor fosse o ponto principal que levava homens e mulheres a se casarem. Mittanck (2017, p. 7) afirma que ‘o casamento por amor já se torna possível neste momento, até porque durante os Anos Durados, o romantismo e a sensibilidade passaram a ser abordados na literatura, despertando nas moças o desejo de viverem e sentirem o amor.’

Veiga (2017, p. 22) escreve sobre a mudança das finalidades do casamento:

A finalidade do casamento passou a ser não mais a manutenção de propriedades, bens ou alianças políticas, e sim a celebração de um vínculo de amor e felicidade, a satisfação de impulsos afetivos e sexuais. Essa aliança burguesa privilegiou a escolha do parceiro por amor, o enaltecimento do amor materno, a privacidade, a intimidade, o conforto da família e a durabilidade do casamento. (VEIGA, 2017, p. 22).

Torna-se claro que no período chamado de Anos Dourados o casamento é, acima de tudo, a união entre um homem e uma mulher que se amam.

Além disso, segundo Scott (2012), muitas transformações ocorreram no Brasil no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. O Brasil estava deixando de ser uma sociedade atrasada e começando a se tornar um país mais “moderno e higiênico”.

Para este novo modelo de sociedade, surgiu um novo modelo de família urbana em que cabia ao homem o trabalho fora de casa para prover financeiramente os seus e para mulher fica o espaço doméstico. É este o modelo promovido por diversas das colunas que tratam do tema casamento:

A ‘nova família’ também exigia uma ‘nova mulher’: uma mãe dedicada que dispensava especial atenção ao cuidado e à educação dos filhos (não recorrendo mais às amas de leite, por exemplo), responsabilizando-se também pela ‘formação moral’ das crianças. Essa “nova mulher” seria também a esposa afetiva, ainda submissa ao marido, mas não mais completamente sem voz. Desobrigada agora de qualquer trabalho “produtivo”, o espaço feminino por excelência, ao passo que o espaço público seria o domínio dos homens. (SCOTT, 2012, p. 17).

Desta forma, não cabia a mulher casada sair de casa para procurar um emprego que sustentasse seus próprios gastos e ambições. O homem deveria ser o responsável em suprir estes gastos.

A questão que abre a coluna de maio de 1950 nos faz refletir sobre uma representação social das mulheres e a imagem de um tipo específico de casamento que não era visto com bons olhos pela sociedade: o *casamento por interesse*, e imagem da pessoa interesseira estava muito mais relacionada a mulher do que ao homem. Já que a mulher casada não deve trabalhar, deve encontrar um homem que tenha dinheiro o suficiente para cobrir seus gastos.

A representação da mulher como uma pessoa interesseira está associada a imagem que se tem da mulher “gastadeira” que empenha o seu dinheiro, ou melhor, o dinheiro de seu marido, em gastos fúteis e desnecessários. Sobre essa representação, Pinsky (2014, p. 227) afirma:

Nos Anos Dourados é comum ler e ouvir que as mulheres, em geral, são ‘gastadeiras’, adoram comprar, têm enormes despesas com futilidades, bobagens da moda, etc. Esse perfil está presente principalmente nas piadas, mas também, mais discretamente, em vários artigos das revistas femininas. (PINSKY, 2014, p. 227).

Gastos associados ao mundo feminino muitas vezes são tidos como superficiais e existe a impressão que todas as mulheres se interessam pelos mesmos assuntos como roupas e itens associados a beleza. Os gastos que seriam “tipicamente” masculinos não recebem esse status de futilidade ou algo desnecessário.

Além da imagem de “gastadeira”, há outra representação da mulher que faz parte do imaginário da sociedade dos Anos Dourados, a da “interesseira”, aquela que usa o matrimônio para encontrar um homem que sustente os seus gastos. Sobre essa imagem na mulher “interesseira”, Pinsky (2014, p. 227) comenta:

Em decorrência da imagem de ‘gastadeira’, surgem a da ‘interesseira’, que se casa por dinheiro, e a da ‘exploradora’, que esfolia economicamente o marido – todas essas imagens negativas, em última instância, por meio da censura ou do riso, colaboram para desqualificar e controlar os gastos femininos. (PINSKY, 2014, p. 227).

Voltando para a coluna do dia 24 de maio de 1950, após o questionamento se as mulheres casam por interesse, o autor comenta que ‘se há um momento em que a mulher não pensa em dinheiro é quando está realmente apaixonada’, contrariando esta visão de as mulheres se casam por interesse. ‘E quando a mulher é jovem coloca em primeiro lugar o caráter e as perspectivas financeiras em último, ao julgar um homem, segundo revela um inquérito entre jovens universitárias.’ (Coluna do dia 24/05/1950).

No entanto, após essas declarações o autor passa a discutir o fato de que mulheres, que geralmente tem um sentimento de inseguranças, procuram qualidades

em um futuro marido que transmitam segurança em diversos aspectos da vida, incluindo o financeiro:

As mulheres, em geral, têm prolongado senso de insegurança, diz um especialista. Só se sentem seguras depois de casadas. Por isso procuram algo que signifique seguranças – não somente dinheiro, mas também força, tranquilidade, ambição, otimismo e confiança e si mesma. As mulheres, instintivamente, procuram casar com homens de melhor educação e boas finanças. (Coluna do dia 24/05/1950)

Neste modelo de família construído pelas colunas que tratam do assunto casamento, é muito claro os papéis de homens e mulheres no que diz respeito às questões financeiras da família. O homem como o responsável pelas finanças e para mulher administrar os gastos da casa. Deste modo, entende-se o porquê de as mulheres buscarem um homem com boas condições já que elas não são incentivadas a irem sozinhas buscar o seu dinheiro para sustentar seus próprios gastos. Como já foi mencionado, era vergonhoso para alguns maridos terem suas esposas trabalhando fora de casa já que isso significava que estes não tinham condições de manterem sozinhos a sua própria família.

Mas que família está sendo representada com este discurso? Todas as famílias brasileiras dos chamados “Anos Dourados” viviam desta forma?

Sobre o final do século XIX e início do século XX, Scott (2012, p. 18) afirma:

Se, por um lado, era desejável para a construção da ‘nova sociedade’ pretendida pelos grupos dirigentes que todas as famílias aceitassem o modelo considerado mais ‘civilizado’ (inspirado em padrões europeus), esperava-se, por outro lado, que as classes populares fornecessem mão de obra adequada e disciplinada para a indústria que se disseminava, o que incluía o trabalho produtivo de mulheres e crianças. (SCOTT, 2012, p. 18).

Ainda segundo a autora, apesar do número de mulheres ter diminuído nas indústrias nos anos seguintes, passando de 76 por cento para pouco mais de 20 por cento, isso não se deve ao fato da construção deste novo modelo familiar, mas a quantidade de mão de obra masculina que vinha aumentando nas cidades devido a imigração (SCOTT, 2012, p 18).

Então, para as famílias que possuíam mais recurso, era possível que apenas o homem trabalhasse para o sustento de todos. Para as famílias mais pobres, essa não era uma realidade possível:

Na prática, porém, as mulheres pobres, mesmo alijadas dos postos de trabalho nas indústrias, não deixaram de combinar atividades domésticas com as que pudessem gerar rendimentos para garantir condições mínimas de sobrevivência para a sua família. (SCOTT, 2012, p. 20).

O que podemos concluir é que, este modelo de família em que o homem trabalha e a mulher permanece em casa cuidando apenas dos filhos e dos afazeres domésticos pertence a uma classe social, a das famílias burguesas, de classe média ou alta. As mulheres das classes mais baixas deveriam, além de cumprir com seu papel de esposa, também ajudar no sustento de sua família.

Pensando no público do jornal O Tibagi, que era composto em sua maioria por operários da fábrica, qual era o modelo de família dos leitores? Eles estavam representados nesta família descrita e defendida nas colunas?

Apesar do público que lia o jornal, talvez não ser o das classes que podiam depender apenas do salário do marido, o fato destas pessoas lerem o jornal tornava este o modelo de família, de marido e mulher ideal, correto e que deveria ser seguido ou buscado.

2.2.2 Comportamento

Nesta categoria estão as colunas que tentam mostrar como eram, ou deveriam ser os comportamentos de mulheres e homens. O que esperar de cada um deles em determinadas situações, quais são as representações de papéis sociais de homens e mulheres a respeito de diversos temas de nossa sociedade como: bebidas alcoólicas, cigarros, sua relação com o amor, o que atrai cada um dos sexos.

Outra questão muito abordada no decorrer das colunas selecionadas para esta seção é uma comparação direta entre mulheres e homens em alguns aspectos, demonstrando claramente quais os papéis que se esperava que cada um representasse.

A coluna do dia 12 de abril de 1949 começa com um questionamento: “A bebida é um passatempo exclusivamente masculino?”. Neste texto, se discute sobre o hábito de consumir bebidas alcoólicas, como este hábito praticado por homens ou mulheres é percebido socialmente, e como o hábito é visto como uma atividade masculina.

O autor começa com a informação de que as mulheres sempre citam como defeito masculino o hábito de consumir álcool. No entanto, segundo a coluna, ‘para cada três homens que bebem, há duas mulheres que gostam de molhar a garganta’ (Coluna do dia 12/04/1949). Ainda, segundo a coluna, o hábito de fumar vem muitas vezes junto com o hábito de beber e seriam hábitos tipicamente masculinos.

Podemos perceber ao ler o texto do jornal, como esses costumes vistos como tipicamente masculinos são considerados, para as mulheres, um hábito ruim. Ou seja, uma mulher que bebe ou fuma como um homem, torna-se desagradável. Apesar de informarem na coluna que as mulheres estão cada vez mais se apropriando destes hábitos. Segundo o autor, ‘o fumo – outro hábito masculino agora feminilizado – seguiu uma tendência paralela a bebida. Há alguns anos, uma mulher que fumava provocava olhares de censura. Atualmente 2 em cada 5 mulheres fumam.’ (Coluna do dia 12/04/1949).

O autor não deixa claro que considera errado mulheres bebendo e fumando em público, mas comenta como esse fato pode despertar os olhares e censura de parte da sociedade, o que parece não acontecer com os homens. Esperava-se e espera-se das mulheres certos hábitos e que elas evitem outros. Existe a construção de uma representação do que é ser uma mulher. Segundo Ribeiro (2012, p. 25):

a mulher não é somente uma espécie biológica, uma fêmea/sexuada, mas ela vai se constituindo em mulher/feminina a partir de uma identidade construída nos parâmetros culturais e sociais. Não há uma essencialidade nessa identidade, mas uma identificação a partir de padrões préestabelecidos e que estão em constante mudança com os padrões da época. (RIBEIRO, 2012, p. 25).

É importante mencionar como o autor traz dados e estatísticas dos Estados Unidos para provar seu ponto: ‘Um inquérito nacional mostra que 75% dos homens norte-americanos gostam de beber; a porcentagem de mulheres é 59%.’ (Coluna do dia 15/04/1949).

Na coluna do dia 24 de maio de 1949, a pergunta que inicia o texto é “Suas medidas são aproximadas da média geral?”. Nesta coluna, o autor fala sobre

características físicas gerais e médias da população dos Estados Unidos e faz uma comparação sobre as características do homem e da mulher média.

Compara-se as preferências de homens e mulheres em relação à procura de parceiros, sua própria aparência, altura e peso de homens e mulheres médias. Sobre o homem médio, o autor o descreve:

deve pesar 158 libras, medir 5 pés e 9 polegadas, gosta mais das morenas do que das loiras, aprecia mais o futebol do que qualquer outro esporte, faz questão de estar sempre barbeado, e acha que a melhor qualidade de uma boa esposa é ser boa companheira. (Coluna do dia 24/05/1949).

Já a mulher média é descrita pelo autor como:

Pesa 132 libras, mede 5 pés e 9 polegadas, admite que come demais, prefere o casamento a uma carreira, gosta de 'obedecer', acha que os maridos bebem demais, detestam um rosto barbado e acreditam que a consideração mútua é o fator mais importante para a felicidade conjugal. (Coluna do dia 24/05/1949).

Importante ressaltar como no final, tanto do parágrafo que trata dos homens, quanto do que trata das mulheres, o texto encerra comentando sobre o que cada um busca no sexo oposto, o que maridos e esposas buscam em seus companheiros, demonstrando a importância do casamento para essa sociedade.

A coluna do dia 05 de julho de 1949 começa com a seguinte pergunta: "São as mulheres mais descuidadas que os homens?". No texto o autor diz que as mulheres eram mais negligentes e descuidadas que os homens. Nesta coluna nota-se vários reforços de estereótipos que observamos na sociedade em relação a homens e mulheres.

Além de apresentar a ideia de que as mulheres são mais descuidadas, tentando dar um exemplo deste fato, no texto é apresentada a ideia do homem como aquele que presenteia a sua companheira com presentes caros: 'Na verdade as mulheres deixam cair pela rua uma verdadeira chuva de ouro. Os homens gastam milhares de dólares para ornamentá-las – e elas perdem adereços a granel.' (Coluna do dia 05/07/1949).

Outra questão que chama atenção neste trecho é o fato de o autor mencionar que a mulher é ornamentada por um homem. Lembrando que nesta época, e uma ideia bastante reforçada em diversos textos das colunas analisadas, reforçam o papel

do marido como aquele que deve sustentar financeiramente a esposa e os filhos, e a mulher cabe os serviços domésticos.

A coluna do dia 27 de setembro de 1949 começa com a pergunta: “As mulheres imaginam mais do que os homens?” Nesta coluna o autor tenta justificar porque as vezes as mulheres se preocupam com pequenas coisas, remoem o passado, e veem coisas onde não existem. Tenta explicar para os maridos por que as vezes quando chegam em casa do trabalho suas esposas estão chorando e lamentando-se pelos maridos não as compreender.

A coluna faz uma afirmação que faz parte, até os dias de hoje, da representação social que se faz de homens e mulheres: ‘As mulheres têm imaginação mais forte que os homens, pois a imaginação é emocional e as mulheres são mais emotivas que os homens.’ (coluna do dia 27/09/1949).

Relacionar mais a mulher com as questões emocionais e os homens com questões racionais é uma ideia que foi construída socialmente. De acordo com Nascimento (2006, p. 82), no século XIX:

Segundo a medicina social, a fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal, constituía-se em características biologicamente femininas. Em contraposição, os homens eram vistos como portadores de uma natureza autoritária e racional. (NASCIMENTO, 2006, p. 82).

Outro ponto trazido pela coluna que diz respeito ao papel da mulher e do homem e que é reforçado em diversos momentos pelo autor é o fato de que o lugar das mulheres é a casa enquanto os homens saem para trabalhar fora. Argumenta que o fato de a mulher passar muito tempo sozinha, já que os serviços de casa são acompanhados da solidão, daria mais brechas para a imaginação:

Cuidar da casa na verdade é uma profissão muito solitária. E quem anda de ônibus ou alhures não tem tempo para fazer trabalhar a imaginação. A imaginação só funciona desenfreada na solidão. O homem sai para o trabalho toda manhã, encontra os amigos, novas situações e deixa em casa a maior parte dos problemas domésticos. Mas a sua esposa fica em casa sozinha e solta as asas da imaginação. (Coluna do dia 27/09/1949).

O homem, segundo o autor, não tem tempo para “dar asas” a sua imaginação, pois tem seu dia ocupado por diversas atividades e tem contato com várias pessoas diferentes, o que não acontece com a mulher, confinada na solidão do lar.

A ideia de a mulher pertencer ao lar não era algo que estava apenas no imaginário das pessoas da época, fazia parte da legislação do país até pouco tempo antes da publicação desta coluna:

Sublinha-se ainda que foi somente no ano de 1943 que a legislação brasileira concedeu permissão para a mulher casada trabalhar fora de casa sem a 'autorização expressa do marido'. A situação de dependência e subordinação das esposas em relação aos maridos estava reconhecida por lei desde o Código Civil de 1916. Neste código, o *status* civil de mulher casada era equiparado ao "dos menores, dos silvícolas e dos alienados", ou seja, 'civilmente incapaz'. (SCOTT, 2012, p. 23).

A coluna do dia 01 de novembro de 1949, inicia com a afirmação 'A adoção de costumes masculinos não torna as mulheres mais felizes.'. Segundo a coluna, 25 por cento das mulheres, de acordo como uma pesquisa, gostaria de ter nascido homem, diferentemente dos homens, que dificilmente falam que gostariam de ter nascido mulher.

Na continuidade do texto, explora-se o porquê destas mulheres desejarem ter um sexo diferente. Afirma-se que: 'Mesmo as mulheres que dizem que não queriam quereriam ser por nada neste mundo acham às vezes que seu sexo foi roubado quando a natureza não lhe deu músculos, a liberdade de ação e os empregos bem pagos dos homens.' (Coluna do dia 01/11/1949).

O autor aqui deixa entendido que essas diferenças existentes entre os sexos é algo natural, e vista como natural tanto para homens como para as mulheres. Foi a natureza que não deu às mulheres músculos, liberdade e empregos com bons salários. As mulheres desejam ser homens por atributos sociais e não meramente físicos ou sexuais.

Além disso, fala-se novamente sobre hábitos que são "tipicamente masculinos" e que estavam sendo adotados por mulheres: 'Milhares de mulheres estão hoje procurando fazer o mesmo que os homens. Usam calças compridas, embora estas nem sempre lhes assentem bem. Fumam e tragam. Ficam num bar até a hora do fechamento da casa.' (Coluna do dia 01/11/1949).

Fica claro que, usar calças compridas, fumar e beber e ficar até tarde fora de casa em bares não são atitudes que se espera de mulheres, são hábitos masculinos que as mulheres têm se apropriado. Este fato não é visto com bons olhos por boa parte da sociedade.

O autor menciona o ato de frequentar bares e permanecer neles até tarde e como esta não é uma atitude esperada de mulheres, principalmente desacompanhadas. Essa é uma ideia que, em certa medida, acompanha a mentalidade de algumas sociedades até hoje. Segundo Miguel e Rial (2012, p. 150):

Os costumes mudaram, as diferenças sociais entre homens e mulheres diminuíram, mas, mesmo atualmente, pode-se dizer que, em vários aspectos, o lazer não é vivenciado pelas mulheres da mesma forma que é pelos homens. Basta pensarmos em quanto incômodo, espanto ou admiração ainda pode causar em alguns lugares do Brasil a cena de uma mulher desacompanhada no balcão de um bar ou em viagem de turismo, provocando talvez pena ('coitada, está sozinha, não consegue um marido...') ou reprovação ('está mal-intencionada ou disponível para qualquer assédio...'). Não é rara a sensação que lhe é cobrado uma espécie de visto, ou prestação de contas, para poder transitar por certos lugares. Também não é raro, ainda que menor, o sentimento de culpa por ocupar-se consigo mesma (ou qualquer outra atividade 'inútil') quando se tem marido, filhos e uma casa à espera de sua atenção. (MIGUEL; RIAL, 2012, p. 150).

Outra questão trazida novamente pelo autor neste texto é o ato de consumir bebidas alcoólicas. Segundo ele, as mulheres não podem acompanhar os homens na bebida pois não podem perder suas inibições em público.

Para finalizar, fala-se sobre o fato de que as mulheres não são mais felizes tentando "viver como um homem" e que elas ficariam muito mais satisfeitas se aceitassem viver como uma mulher:

Tanto quanto posso observar a maioria das mulheres não se diverte realmente com o estilo de vida masculino. Naturalmente seriam muito mais felizes se procurassem viver como mulheres. Mas elas querem imitar os homens e não adianta dar conselhos, pois seria pregar no deserto. (Coluna do dia 01/11/1949)

O que seria viver como uma mulher no ano de 1949? Em colunas de outros dias essa ideia fica bem apresentada: Trabalhar até casar e, depois de casada, viver uma vida de dona de casa, cuidando do marido e dos filhos. Neste cenário se encontra a felicidade feminina. Mas se as mulheres são tão felizes vivendo desta forma, por que na coluna do dia 01 de novembro de 1949 o autor afirma que uma boa parcela das mulheres desejava ter nascido homem?

A coluna do dia 01 de janeiro de 1950 começa com a afirmação: "As mulheres não são boas organizadoras". O autor começa justificando o porquê as mulheres não ocupam cargos de lideranças dentro de empresas:

Metade da população dos EE. UU. é constituída de mulheres. No entanto, praticamente todo o trabalho administrativo é desempenhado pelos homens. Aliás, sob um ponto de vista geral, as mulheres não foram feitas para os postos de direção e organização, preferindo dedicar-se aos detalhes. (Coluna do dia 10/01/1950)

Essa naturalização da divisão sexual do trabalho ainda é utilizada como argumento por conservadores e moralistas antifeministas até os dias atuais. E como já mencionado anteriormente em outra coluna, o autor justifica essas diferenças na sociedade em relação aos sexos como base em coisas que seriam "naturais". As mulheres não foram feitas (pela natureza) para ocupar cargos de direção e organização, pois elas não são "naturalmente" organizadas.

Hoje em dia sabemos que muitas dessas diferenças tratadas como "naturais" entre homens e mulheres fazem parte de uma construção social de papéis que se espera que cada um dos sexos desempenhe e não tem uma legitimidade científica. Fazem parte apenas das relações de poder e dominação da mulher e que permaneceu no imaginário das pessoas. Sabemos também que uma das lutas constantes que as mulheres enfrentam é ter o mesmo reconhecimento profissional que os homens. Não serem rebaixadas e discriminadas em seu ambiente de trabalho, ou ter dificuldade em ser promovida apenas por ser mulher.

O autor prossegue com seus argumentos dando exemplos de como considera difícil para as mulheres manter o foco em relação a determinado assunto que é considerado mais importante e começam a discutir sobre tópicos de menor relevância: 'Isso é muito fácil de observar nos chamados clubes femininos. Ali, as mulheres se reúnem para tratar dos seus <direitos> - e quase sempre gastam todo o tempo tomando chá e conversando sobre... modas.' (Coluna do dia 10/01/1950).

De certa forma, neste trecho, o autor tenta demonstrar como as mulheres deixam de lado assuntos que são de seu total interesse, como a conquista de direitos, para falar sobre algo que não irá trazer mudanças e melhorias para elas. No entanto, é importante frisar que o autor não tem como fazer tal afirmação, o que nos faz pensar: Qual o interesse em descrever dessa maneira as reuniões de mulheres? Por que descrever essas reuniões de uma forma que as menospreza e diminui? Talvez, um dos interesses que poderia haver nesta época seja o de tentar desencorajar mais mulheres de participarem de tais reuniões

No entanto, no final da década de 1940 e início de 1950 muitos acontecimentos marcam a história das mulheres e demonstram como, na verdade, muitas delas buscavam direitos e igualdade.

Em 1949, Simone de Beauvoir lança sua obra “O Segundo Sexo” livro que, segundo Garcia, “colocou as bases teóricas para uma nova etapa. Tanto sua vida como sua obra são pragmáticas das razões do ressurgimento do feminismo.” (2015, p. 79).

Sobre as mulheres nos Estados Unidos neste período, Garcia (2015, p. 83) afirma que:

As mulheres foram inseridas no espaço público em particular no mundo do trabalho massivamente durante a Segunda Guerra, mas assim que esta terminou, tiveram que voltar para casa. Hitler havia perdido, mas o discurso nazista sobre as mulheres, os célebres KKK alemães (kinder, Kirche, Kurcher, que significam crianças, igreja e cozinha), se estendeu praticamente pelo mundo todo.

De novo reinava a domesticidade obrigatória. As mulheres foram dispensadas de ser empregos para dar lugar aos homens que voltavam da guerra. A sociedade do consumo que estava nascendo necessitava de muitas mulheres dispostas a comprar. Perfeitas donas de casa que necessitavam de perfeitos eletrodoméstico. (GARCIA, 2015, p. 83).

Apenas em 1963 foi lançado nos Estados Unidos o livro “Mística Feminina” de Betty Friedman que ‘analisou a profunda insatisfação das mulheres norte-americanas consigo mesmas e com suas vidas.’ (GARCIA, 2015, p. 83).

Já no Brasil, ainda na década de 1940 tivemos algumas organizações femininas que demonstram o interesse delas em assuntos que iam além de “modas”:

O ano de 1947 marca a criação do jornal *Momento Feminino*, editado por Arcelina Mochel, no Rio de Janeiro, e que existiu por aproximadamente dez anos, com uma boa aceitação entre as mulheres, chegando a ter representantes em dezesseis estados. Em maio de 1947 é criada também a Federação das Mulheres do Brasil (FMB), cuja primeira presidente foi Alice Tibiriçá, batalhadora do direito do voto e da defesa do nosso petróleo. A FMB se propunha a impulsionar a ação das mulheres e a debater questões de seu interesse, seus direitos, a proteção da infância e a paz mundial. (TELES, 2017, p. 55).

Podemos perceber então que diversas mulheres, em lugares diversos, se interessavam e discutiam vários assuntos que consideravam importantes muito além de suas vidas particulares. Essa visão de que as mulheres se interessavam apenas por “modas” ou assuntos considerados menores e fúteis não corresponde a totalidade da realidade da época.

O texto da coluna prossegue e, apesar da falta de atenção e organização das mulheres ser o foco da primeira metade do texto da coluna, o autor muda a perspectiva quando fala sobre a organização da casa e dos trabalhos domésticos. O autor usa um exemplo da Nicarágua para dizer que pelo menos em relação aos afazeres domésticos, as mulheres conseguem ser mais organizadas.

A coluna do dia 30 de janeiro de 1950 inicia com a pergunta: "A moral feminina é diferente da nossa?". Nesta pergunta, torna-se evidente o fato de o autor da coluna ser um homem.

A narrativa começa com a história de um juiz que em uma sentença, deu o direito a um marido de seguir a esposa, já que este tinha descoberto "aventuras" desta antes do casamento. Neste trecho fica bastante claro a visão que os homens têm e que é assegurado pela sociedade e até mesmo pela justiça de que a mulher é propriedade de seu marido. Seu corpo e sua vida pertencem a ele. E mesmo aquilo que aconteceu antes do casamento em sua vida, diz respeito agora a seu marido.

Além disso, para a mulher, não era bem-visto que esta tivesse experiências antes de se casar. Não era uma atitude das chamadas "moças de família" e, a ideia era que apenas essas "moças de família" seriam escolhidas para tornar-se esposas. Pinsky (1997, p. 610) faz uma definição das qualidades que essas moças deveriam possuir:

As moças de família eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem mal faladas. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com rapazes. Eram aconselhadas a comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade, mantendo-se virgens até o matrimônio enquanto aos rapazes era permitido ter experiências sexuais. (PINSKY, 1997, p. 610).

Para acentuar ainda mais a diferença existente entre os homens e as mulheres, o texto da coluna menciona que o homem havia tido suas "aventuras". No entanto, para os homens isso não se tornava um problema para conseguir ou prosseguir em um relacionamento.

A sexualidade masculina não era um problema para o homem no que diz respeito a sua reputação. Ao homem sempre foi permitido desfrutar dos prazeres do sexo com diversas mulheres sem censuras, mesmo durante o casamento. Pinsky (1997, p. 635) afirma que:

Se o marido infiel mantivesse minimamente as aparências e continuasse provendo a sua família com bens materiais, as esposas não deviam se queixar. Afinal, a infidelidade masculina justificava-se pelo temperamento poligâmico dos homens – um fator natural que, mesmo quando considerado uma franqueza, merecia a condescendência social e a compreensão das mulheres. Paciência e sacrifícios, integridade e determinação para manter a integridade da família. (PINSKY, 1997, p. 635)

O autor da coluna usa para justificar essa diferença de julgamento entre homens e mulheres o fato de os homens olharem para as mulheres como um "ente perfeito". Sobre essa visão que os homens têm em relação as mulheres, o autor afirma:

Tal sentença devia fazer com que as mulheres se sentissem muito contentes - e, no entanto, é provável que as tenha deixado irritadíssimas. É que as mulheres lutaram durante cem anos para conquista os mesmos direitos e os mesmos vícios dos homens, e estes continuam afirmando que as filhas de Eva devem ser verdadeiros poços de virtude! (Coluna do dia 30/01/1950).

Então, segundo a coluna, as mulheres deveriam sentir-se lisonjeadas em serem vistas como entes perfeitos por homens. Não se traz a discussão do peso, das expectativas, das cobranças e impedimentos que acompanham esta visão.

O autor ainda menciona neste trecho a luta pelos direitos das mulheres, mas ao mesmo tempo que fala que as mulheres buscam os mesmos direitos que os homens, fala que elas também buscam os mesmos vícios, falando como hábitos considerados "masculinos" não caem bem para as mulheres. É sobre essa adoção de hábitos masculinos pelas mulheres que o autor prossegue:

Tanto pior para elas! O diabo é que as mulheres que preferem se 'divertir' um pouco, acompanhando os hábitos do chamado sexo forte, tem, na opinião daquele juiz, duas vezes mais a perder que os homens. Isso, porém, não constitui um empecilho para elas. É que a moral feminina nada mais é que um verdadeiro código de proteção às mulheres num mundo predatório. (Coluna do dia 30/01/1950).

Importante ressaltar aqui a presença da expressão "sexo forte" para referir-se aos homens, o que já deixa subentendido que o "sexo frágil" representa as mulheres e, como "sexo frágil" necessita de proteção dos fortes. Aqui, no caso do texto desta coluna, a proteção das mulheres deve ser feita pela sua própria moral, mas essa moral é supervisionada por figuras masculinas, o juiz.

No dia 28 de fevereiro de 1950, a coluna dedica-se a falar apenas sobre os homens e seu comportamento. A coluna inicia com uma afirmação bastante direta: “Os homens são muito nervosos”.

Nesta coluna o autor fala sobre o nervosismo dos homens e como este sentimento está ligado a quantidade de trabalho e tarefas que um homem deve realizar. Aqui cabe falar sobre a representação social de um homem. Em vários momentos a coluna fala sobre a mulher como a responsável por cuidar da casa e o homem como o que trabalha fora e traz o dinheiro para sustentar a família e nesta coluna, mesmo não questionando esses papéis diretamente, trata sobre as desvantagens de o homem ter a responsabilidade de ser o único provedor da casa. Essa questão fica bastante clara no seguinte trecho:

A tensão nervosa, quando surge com sua feia cabeça durante um longo período, pode matar qualquer pessoa. É uma pena que os homens não possam abandonar tudo com frequência. Deixar o emprego, o patrão, os ônibus, os impostos, os taxis, despertadores, máquinas de escrever, telefone, as filas - e ir repousar à beira de um lago. Eliminar tudo o que possa lembrar o trabalho - e depois eliminar o eliminador. (Coluna do dia 20/02/1950).

Fica bastante claro como o autor relaciona o estresse masculino ao trabalho. Já que não cabe a mulher sair de casa para trabalhar, ela não é mencionada nesta coluna e não é relacionado a elas esse tipo de comportamento.

Os homens são avaliados pelo seu poder aquisitivo mesmo antes de casar-se. Já que é ele que será o responsável pela manutenção financeira da família, um homem com melhores condições econômicas será, muitas vezes, considerado um marido ou futuro marido melhor. Segundo Pinsky (2014, p. 100):

As condições econômicas estão ligadas às possibilidades de manter uma mulher e filhos. De preferência, não se deve contar com o trabalho da esposa para complementar o orçamento doméstico. O ideal é que os recursos do marido sejam suficientes para que a mulher possa se dedicar inteiramente ao lar. (PINSKY, 2014, p. 100).

Então, sendo o homem o único a trabalhar, esse motivo pode ser usado como argumento para certas agressividades do dia a dia. E a mulher, como dependente financeiramente de seu marido, deve estar preparada e ser compreensiva com tais situações.

Lembrando que é um privilégio de apenas algumas pessoas que pertencem às classes sociais mais altas no Brasil ter apenas um membro da família trabalhando

para sustentar o restante. Nas famílias das classes mais baixas sempre foi comum que a mulher também trabalhasse para o sustento de todos.

A coluna do dia 14 de março de 1950 também fala apenas sobre o comportamento dos homens, mas neste texto o autor fala sobre questões amorosas.

O texto inicia com a afirmação: “Muitos homens acreditam no amor à primeira vista”. O autor, nesta coluna, afirma que os homens se apaixonam mais à primeira vista que as mulheres:

Acredita na bomba atômica? Então, por que não dá um passo à frente e não acredita também no amor à primeira vista? Entre os universitários, 4 homens e 3 mulheres em 10 acreditam nele. Vemos, pois, que os homens se apaixonam mais facilmente do que as mulheres. (Coluna do dia 14/03/1950).

O autor também menciona nesta coluna um assunto muito sensível: o número de suicídio de homens que é maior do que o número de suicídio de mulheres. A coluna relaciona este fato a questões amorosas: ‘Às vezes são mal recebidos - uma proposta de casamento em três é repelida - e o número de homens que se suicidam por amor é três vezes maior do que o de mulheres.’ (Coluna do dia 14/03/1950).

É importante lembrar que a coluna de apenas alguns dias atrás fala sobre o nervosismo dos homens e sobre as tensões relacionadas ao trabalho e a pressão que recai sobre eles por terem que desempenhar o papel de provedor da família. A questão dos suicídios masculinos, no entanto, não é relacionada a este fato, e sim aos relacionamentos amorosos.

Uma reflexão a ser feita sobre esta coluna é, como já foi visto anteriormente, as mulheres são mais levadas a pensar nos relacionamentos amorosos como o fato mais importante de suas vidas, ensinadas desde muito jovens a esperarem e se prepararem para o casamento. Mesmo com este ponto sendo frisado tantas vezes em outros textos, são os homens que cometeriam mais suicídios por questões amorosas.

O autor ainda relaciona este fato com a rejeição que muitos homens sofrem na hora de propor um casamento. Lembrando que esta era uma iniciativa que deveria ser tomada apenas pelo homem.

O autor termina esta questão com a seguinte pergunta: ‘Compreende agora, cara leitora, o que você significa para seu namorado?’ (Coluna do dia 14/03/1950). Cai nesta frase a culpa de alguns destes suicídios nas costas de algumas mulheres.

A coluna do dia 21 de março de 1950 começa com a seguinte afirmativa: “As mulheres são mais grosseiras em público”. Nela o autor fala sobre as próprias

mulheres consideram o comportamento de outras mulheres em público grosseiro. Como elas querem tomar a frente em filas ou querem fazer apenas a sua vontade valer. O autor cita a opinião masculina dizendo que, como pode se esperar, os homens concordam com essa afirmação.

Uma das passagens citadas pelo autor sobre este fato é o depoimento de uma jovem que diz: ‘As pessoas mais grosseiras nos transportes não são os motoristas – embora seu serviço seja extenuante – mas certas mulheres de meia idade que gostam muito de mandar e impor a sua vontade.’ (Coluna do dia 21/03/1950).

A coluna do dia 26 de abril de 1950 começa com a afirmativa: “A simpatia é mais importante para as mulheres”. Esse texto diz que alguns atributos de personalidade são tão importantes para as mulheres, mas podem ser dispensados pelos homens: ‘O homem pode ser frio, silencioso e retraído, e viverá bem. Mas uma mulher – nunca -. Precisa sorrir, ser agradável e graciosa. As mulheres precisam ter uma personalidade agradável. O homem basta mostrar suas habilidades.’ (Coluna do dia 26/04/1950).

O autor continua descrevendo como seria esse ideal da personalidade feminina. Para isso, ele cita um texto que descreve uma mulher no século XVII. Ele não menciona quem é o autor do trecho, ou se foi escrito por um homem ou por uma mulher, mas após citá-lo afirma que ele deve servir de lição para as mulheres que estão lendo a sua coluna:

Eis aqui uma descrição de uma jovem simpática do século XVII: ‘No seu rosto, as rosas rivalizam com lírios, a delicada cor acentuava com alegria e declinava nos momentos de tristeza. Um par de olhos ternos fixava languidamente o seu amado; e, quando fechava, o sol desaparecia da face na natureza, e ao caminhar com sua beleza sorridente, os próprios pássaros suspendiam os seus arrulhos e as flores se voltavam para admirá-la.’
Poxa, isso é simpatia! Que isso sirva de lição para as leitoras! (Coluna do dia 26/04/1950)

Importante ressaltar que muitos desses textos sobre as mulheres e representações de mulheres na literatura no século XIX foram feitas por homens. Idealizava-se as mulheres, mas se sabia exatamente o que elas achavam sobre essas imagens feitas delas mesmas. Perrot (2006, p. 22) afirma que:

Existe uma abundância, e mesmo um excesso, de discursos sobre as mulheres; avalanche de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens, mas ignora-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas as viam ou sentiam. (PERROT, 2006, p. 22).

Então, essa descrição que o autor julga ser lisonjeira para as mulheres e um exemplo a ser seguido, pode ser mais uma dessas construções ideais que alguns homens fazem das mulheres que, como citado anteriormente na mesma coluna, as veem como “entes perfeitos”, ou será como entes que deveriam buscar a perfeição?

A última coluna disponibilizada no jornal pelo período estudado nesta pesquisa, datada do dia 14 de junho de 1950, também trata sobre comportamento, especialmente sobre o comportamento masculino. A frase inicial da dessa coluna é: “Os homens não sabem fazer compras.”

No texto discute o fato de os homens não saberem fazer compras cotidianas e acabarem gastando dinheiro desnecessariamente. É interessante analisar essa afirmativa pois, como já vimos em outras colunas e como já foi discutido sobre o imaginário da época, a imagem de “gastadeira” está mais relacionada as mulheres do que aos homens.

No entanto, aqui o autor fala sobre a irresponsabilidade do homem em relação ao dinheiro quando este vai, a mando de sua esposa, fazer algumas compras. Fica claro que essas compras relacionadas a casa e ao seu funcionamento fazem parte das responsabilidades da esposa, a mulher da casa e que, apesar da imagem de “gastadeira” que a mulher possuía na época, ela é mais responsável na hora de realizar as compras da casa.

Em todo esse tópico de comportamento percebemos como as representações sociais, os papéis que homens e mulheres deveriam desempenhar em sociedade estavam presentes em vários aspectos, e as colunas desta categoria trouxeram assuntos diversos, diferentes situações que mostravam como mulheres e homens deveriam agir, ou melhor, como esperava-se que cada um agisse.

2.2.3. Maternidade e paternidade

De todas as colunas encontradas no jornal e utilizadas nesta pesquisa, apenas duas abordam o tema da maternidade e paternidade, ambas de uma maneira bastante interessante e que nos faz refletir muito sobre este papel que mulheres e homens representam na sociedade: o de mães e pais.

A primeira coluna a abordar este assunto é do dia 07 de dezembro de 1948. Nela, o autor fala apenas da maternidade e como a mulher, na figura de mãe, pode afetar a vida dos homens adultos e vários aspectos da sociedade. A pergunta que

inicia o texto é bastante forte: “Serão as mulheres responsáveis pela maioria dos sofrimentos do mundo?”

A partir desta pergunta, a coluna segue com o autor tentando respondê-la. Neste texto, é possível perceber muitas das representações sociais das mulheres e dos homens na época, começando com os homens.

No primeiro parágrafo, o autor descreve o suposto papel de liderança dos homens na sociedade. Afinal eram eles os responsáveis pela política, pelas guerras e pelo dinheiro:

Como se pode atribuir o sofrimento do mundo às mulheres? Os homens são muito mais fortes que as mulheres. Controlam os governos e as indústrias, iniciam as guerras, dirigem os negócios e as finanças, dominam a imprensa, os tribunais. São os donos do mundo, é verdade, mas nem sempre os melhores. (Coluna do dia 07/12/1948).

Como já citado anteriormente neste trabalho, sabemos que esses eram, e muitas vezes ainda são, os principais focos da história: guerras, economia e política. Quando colocamos apenas os homens como os comandantes e participantes destes processos, excluimos a história das mulheres e as transformamos em algo secundário, de menor relevância. Por isso a importância de ensinar uma História na escola que inclua todos os sujeitos, especialmente as mulheres. Para romper com esse discurso de naturalização da inferiorização das mulheres sedimentada na sociedade.

Depois deste primeiro parágrafo, o texto continua, porém agora, discutindo sobre o papel da mulher como mãe nesse processo:

No entanto, são apenas projeções dos lares e das mulheres pois as mulheres, na qualidade de mãe, fixam muitas das características e psicoses que fazem dos homens o que eles são. Os psiquiatras nos dizem que a influência materna sobre a criança nos seus anos de formação dura a vida toda. É a mãe quem, originariamente, reúne os feixes de ambições, temores, fanatismo e neuroses que são os líderes do mundo. As autoridades dizem que as cruzadas, as guerras mundiais, as ondas de crimes foram resultado de neuroses formadas na infância rejeitada frustrada e incompreendida. Nero, Hitler, Blood Mary, Capone, Judas Iscariótes – cada um deles reflete alguma coisa de uma mãe que fracassou. (Coluna do dia 07/12/1948).

Na coluna fica claro que se culpa a mãe pelos acontecimentos ruins que aconteceram no decorrer da história. O autor não usa nenhum bom exemplo para dizer como as mulheres influenciaram positivamente na história do mundo. Mas,

quando vemos um líder mundial fazendo algo que consideramos errado, ou até mesmo monstruoso, podemos encontrar a culpa para esses atos em sua mãe, uma mulher.

É importante discutir a questão da maternidade e como ela era vista (e muitas vezes ainda é) pela sociedade. Segundo Priore (2013, p. 133):

O papel social preponderante da mulher era ser mãe: 'A maternidade, o cuidado e os carinhos com sua prole são os primeiros deveres da mulher', admoestava o número de junho de 1916 de *Vida Doméstica*. E prevenia: 'A mulher que não for boa mãe, deixa por isso mesmo de ser mulher'. Atributos associados à feminilidade reforçavam o caráter 'natural' da maternidade. 'Com o nascimento dos filhos, o papel da mulher já nobilitado pelo amor, aumenta bruscamente', informava a *Revista Feminina* de maio de 1923. (PRIORE, 2013, p. 133).

Mas o que torna uma mulher uma boa mãe? Uma mãe que evitará futuros ditadores sanguíneos de existirem? Priore (2013, p. 133) continua comentando sobre o que era essa figura materna no início do século XX: "Não bastava gerar filhos. Era preciso ser educadora e dirigente moral da sociedade; era preciso pensar que o Brasil necessitava de exércitos, de braços. A 'nova mãe' possuía sentimentos cívicos."

Sobre o contexto desta época, no início do século XX o Brasil começou a passar por seu processo de industrialização. Muitas mulheres, aquelas que fazem parte das classes mais pobres, que já trabalhavam como lavadeiras, domésticas, vendedoras, cozinheiras, passaram a trabalhar também nas indústrias. Como já foi comentado anteriormente, nos EUA, no período das guerras, muitas mulheres ocuparam os cargos antes ocupados por homens em fábricas já que estes estavam envolvidos nos conflitos.

Podemos então perceber que, em um determinado momento da história, as mulheres passaram a deixar mais os seus lares e ocupar a vida pública, saindo de casa para trabalhar. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, os homens voltaram a sua função anterior de operários de fábricas e as mulheres acabam também voltando para sua antiga posição de dona de casa. Este é o contexto histórico do país em que a coluna foi escrita.

No Brasil, as mulheres desde o início do século XX trabalham em fábricas e estão ligadas as lutas operárias. 'Quando se tratava de pedir aumento de salários ou protestar contra a elevação dos impostos e do custo de vida, mulheres iam para as ruas.' (PRIORE, 2013, p. 135).

Essas manifestações de trabalhadoras e trabalhadores configuravam-se em um problema para patrões e governantes, então, foi crescendo cada vez mais o discurso para fazer com que as mulheres voltassem para dentro das casas e exercessem seus papéis “naturais”: o de esposas e mães. Esse último sendo de grande importância e responsabilidade. ‘Criar um discurso normativo que as tirasse das ruas e as fizesse voltar para a vida doméstica’ (PRIORE, 2013, p. 136).

Mostrar a importância do papel das mães na sociedade, e dar a entender que uma mãe ruim poderia gerar consequências catastróficas para o mundo todo talvez fosse um bom discurso para convencer as mulheres a deixar seus trabalhos e suas lutas para dedicar-se integralmente à maternidade.

Já a coluna do dia 04 de janeiro de 1949 trata a maternidade de uma maneira bastante diferente. A coluna não possui frase ou pergunta inicial. Nela o autor fala sobre a maternidade ser uma escolha e como algumas mulheres optam por não serem mães. ‘Não se pode obrigar uma mulher casada a desejar filhos, se ela tenciona seguir uma carreira’. (coluna do dia 04/01/1949).

A primeira questão interessante na frase de abertura do texto desta coluna é o fato de o autor colocar a maternidade como uma opção para as mulheres, não como algo intrínseco do seu ser. Aqui não está presente a ideia de que toda mulher nasceu mãe, como talvez poderíamos esperar de um texto desta época, nesta coluna. Aqui, num primeiro momento, a vida profissional é colocada como uma alternativa a maternidade. Se uma mulher decide seguir em frente com uma carreira profissional, não cabe às outras pessoas quererem obrigá-la a ser mãe.

Porém, ao seguir com o texto da coluna, acabamos percebendo que as mulheres tomam essa decisão, a de não serem mães, acabam sendo vistas como seres que se rebelam a sua real natureza, o que acaba quebrando a ideia da frase de abertura que nos faz pensar que realmente a maternidade era uma opção e não algo que espera-se de todas as mulheres. Segundo Vázquez (2015, p. 43):

A maternidade foi cobrada das mulheres em diferentes formas, até mesmo como elemento capaz de mudar, em certa medida, a personalidade de cada uma. Nesse sentido, a ‘mãe’ se descola da ‘mulher’, pois, para as representações do senso comum, a mãe assume um papel diferenciado e superior em relação à mulher ‘não-mãe’. (VÁZQUEZ, 2015, p. 43).

O autor menciona que, a maioria das mulheres que pertencem a este grupo das que não desejam ter filhos, são aquelas que também se “rebelam” contra o

trabalho doméstico e que o consideram uma perda de tempo e desperdício de suas habilidades. Em uma frase o autor revela como as mulheres que se negavam a exercer o papel que a sociedade esperava delas (o de esposas, donas de casa e mães) eram vistas: como rebeldes.

Outro ponto que chama a atenção é o fato de ser levantada a ideia de que as mulheres precisam optar pela carreira profissional ou pela maternidade. Aparentemente, para o autor, não existe a opção que concilia o trabalho e a criação dos filhos para as mulheres. Isso nos faz pensar mais uma vez sobre como os filhos são uma responsabilidade muito maior para as mães do que para os pais. Aos homens esse questionamento nunca é feito, essa escolha nunca é colocada: trabalho ou filhos. Na realidade, o homem ao representar seu papel de provedor da família, é necessário que ele ao tornar-se pai tenha um emprego para sustentar os filhos.

Das mulheres espera-se então que deixem seus anseios profissionais de lado para que se dediquem inteiramente a maternidade. Esse é um dos sacrifícios que se espera de uma mulher ao tornar-se mãe, mas existem outros mais. Vázquez (2015, p. 440) afirma:

Uma construção socialmente elaborada que, em certa medida, aprisiona mulheres em uma única representação maternal. Dentro desse ideal de maternidade e de “mulher-mãe” existe pouco espaço para a pluralidade. A mãe é poderosa, é aquela que aguenta até uma traição para manter a família, ou aquela que deixa de lado seus próprios projetos, a faculdade ou o emprego, para exercer a maternidade. (VÁZQUEZ, 2015, p.440).

No entanto, é sempre bom ressaltar que na realidade de muitas famílias brasileiras, as mulheres não podiam desempenhar o papel unicamente de mães e donas de casa, pois muitas delas precisavam sair para trabalhar fora e complementar a renda familiar ou até mesmo ser a única responsável pelo sustento da casa.

Para finalizar a análise dessa coluna, apesar do autor falar sobre a maternidade como uma opção no início de seu texto, no decorrer do artigo a ideia que predomina é de que apenas uma minoria das mulheres opta por não serem mães. Sobre essas mulheres o autor afirma:

Não creio do entanto, que representem um movimento crescente para abolir a maternidade nos Estados Unidos. Este grupo é uma parte natural de todas as gerações femininas. Ouve-se mais falar nelas porque são mulheres ativas, que trabalham no comércio ou exercem funções públicas. (Coluna do dia 04/01/1949).

O que parece ficar muito claro aqui é o fato de muitas mulheres escolherem sua carreira profissional no lugar da maternidade. Ouve-se mais sobre as mulheres que não querem ter filho pois essas seriam mais ativas na vida pública, nos espaços de trabalho, diferentemente das mulheres que optam pela maternidade e passariam a viver uma vida muito mais doméstica.

A coluna do dia 14 de junho de 1949 fala sobre violência contra criança. A escolha de encaixar esta coluna nesta seção de maternidade e paternidade se deve ao fato que, no texto, o autor fala sobre a violência que os próprios pais praticam contra seus filhos.

A coluna inicia-se com a frase: “Homens e mulheres contra as crianças”. Depois, o autor prossegue dando um aviso sobre o texto que virá a seguir ‘Esta coluna não será hoje de agradável leitura.’ (Coluna do dia 14/06/1949). E o texto segue falando sobre maus-tratos contra crianças, tanto de seus pais como em algumas situações específicas:

A desumanidade do homem para com a criança é geralmente mais dura do que a crueldade – a punição demasiado severa para pequenas transgressões; censuras impacientes e sarcásticas das mães, a ridicularização dos seus erros diante de estranhos. Uma menina, entrando num armazém, não será atendida, enquanto os adultos, um após o outro, irão sendo despachados na sua frente. Essas cousas fazem parte da provação da infância. (Coluna do dia 14/06/1949).

A seguir, o texto continua e dá alguns exemplos de crianças que foram maltratadas por seus pais e acabaram morrendo em decorrência disso.

No Brasil tínhamos, nesse período, pelo menos duas leis que previam ações de proteção às crianças e punições para pessoas que praticassem violência contra crianças: O Código de Menores de 1927 e o Código Penal de 1940. O Código de Menores tratava de todos os tipos de violência contra crianças e crimes cometidos por menores de 18 anos.

O Código Penal previa punição, em seu Artigo 136, aos adultos que maltratassem crianças:

Expor a perigo a vida ou a saúde de pessoa sob sua autoridade, guarda ou vigilância, para fim de educação, ensino, tratamento ou custódia, quer privando-a de alimentação ou cuidados indispensáveis, quer sujeitando-a a trabalho excessivo ou inadequado, quer abusando de meios de correção ou disciplina. (Código Penal, 1940).

Esse crime tinha previsão de penas que variavam de multas a prisão, dependendo da gravidade da agressão à criança:

Pena - detenção, de dois meses a um ano, ou multa, de quinhentos mil réis a cinco contos de réis.

§ 1º Se do fato resulta lesão corporal de natureza grave:

Pena - reclusão, de um a quatro anos.

§ 2º Se resulta a morte:

Pena - reclusão, de quatro a doze anos.

O texto recrimina tais ações e o autor encerra com o comentário: 'Vai ser muito difícil para essa gente conseguir uma entrada no reino do céu!'. (Coluna do dia 14/06/1949).

A coluna do dia 15 de novembro de 1949 fala sobre outro aspecto da maternidade e da paternidade: o financeiro. Aqui, o autor comenta sobre as despesas que os pais terão ao decidir ter filhos e começa com a seguinte pergunta: "Deve ser dividida entre a esposa e o marido as despesas com os filhos?"

Esta coluna dedica-se a discutir sobre como há gastos quando um casal tem um filho, e apesar de todas as alegrias que uma criança pode trazer, é necessário lembrar de todo dinheiro que será gasto na criação de um filho: 'É verdade que os filhos contribuem muito para a felicidade do lar - mas é verdade, também, dizem as autoridades, que o dinheiro gasto com os filhos daria para garantir o futuro de muitos casais.' (Coluna do dia 15/11/1949).

A questão que fala sobre dinheiro e finanças será discutida no próximo tópico desta pesquisa, cabe aqui discutir apenas a questão da maternidade e paternidade. Sobre isso, cabe citar o último parágrafo do texto: 'Talvez tenhamos que adotar o sistema da Nigéria, onde o pai recebe uma determinada quantia em pagamento para deixar a filha casar - depois, recebe uma "bonificação" para cada filho que ela dá à luz.' (Coluna do dia 15/11/1949).

A reflexão que podemos fazer sobre esse trecho é como a filha é vista como propriedade do pai. Podemos pensar que o autor está se referindo ao fato de que o pai tem direito a uma compensação financeira pelos gastos que teve com a criação dos filhos, porém, é apenas uma situação com a filha é mencionada.

Em seu livro “O mito do amor materno”, Badinter (1980) dedica algumas páginas para debater a autoridade dos pais sobre os filhos e relacioná-la com a autoridade marital. Ela busca na história da humanidade citando Aristóteles, a Bíblia cristã, pensadores absolutistas e Napoleão para encontrar a origem e as transformações desse poder que os pais têm sobre seus filhos. Segundo a autora, ‘Por mais longe que remontemos na história da família ocidental, deparamos com o poder paterno que acompanha sempre a autoridade marital.’ (BADINTER, 1980, p.27).

Badinter não fala especificamente sobre o caso das filhas mulheres, mas deixa bastante que em vários períodos da história o poder dos pais sobre os filhos esteve presente em leis, em linhas filosóficas e em regras religiosas.

Para ter-se uma ideia da dimensão da autoridade dos pais em relação aos seus filhos, Badinter (1980, p. 29) afirma que ‘no século XIII, no Sul da França, o pai ainda pode matar o filho sem sofrer consequências sérias, o poder paterno é no entanto moderado pela mãe e pelas instituições, que se imiscuem cada vez mais no governo da família’. Claro que o hábito de matar seus filhos e não receber uma punição por isso não é algo que está presente em muitas sociedades ou em muitos períodos, mas serve para refletirmos sobre como os filhos podem ser tidos como propriedades de seus pais. Pelos menos até o momento em que se casam.

Mas, até no momento da “emancipação” da autoridade dos pais representado pelo casamento tem um último marco da presença desse poder. Em muitas sociedades um casamento só é bem-visto e aceito se contar com o consentimento dos pais (isso quando o casamento todo não é arranjado por eles). Segundo Badinter (1980), foi proclamado do Concílio de Trento (1545-1563) “que casar sem o consentimento dos pais era um pecado, muito embora o casamento assim consumado continuasse sendo considerado válido”. (BADINTER, 1980, p. 42).

Percebemos então que a autoridade dos pais sobre os filhos tem suas raízes num passado distante, assim como a ideia que temos do que são as responsabilidades do pai e quais são as responsabilidades das mães, responsabilidades que estão muito relacionadas com os papéis ligados as representações de gênero em nossa sociedade.

2.2.4 Dinheiro, consumo e economia

Algumas colunas falam sobre a relação de gênero com a economia, consumo e questões financeiras. Como homens e mulheres se relacionam com estas questões, quais as diferenças entre ambos.

A primeira coluna selecionada que trata sobre este assunto é a do dia 21 de dezembro de 1948. Nela, o autor discute a relação das mulheres com o consumo, como as mulheres gastam mais dinheiro que homens e como elas se divertem mais com isso. De acordo com a coluna, ‘Alguém disse: ‘Enquanto não houver lojas nas selvas, teremos poucas mulheres exploradoras’. As maiores gastadoras são as mulheres – e ganham longe para os homens.’ (coluna do dia 21/12/1948).

Um das representações de papéis sociais que sabemos que as mulheres desempenhavam na sociedade é o de “gastadeira”. A mulher, segundo esta mentalidade, gosta mais de gastar dinheiro que os homens e em coisas menos importantes que os homens. Considerando que o papel da mulher não é o de trabalhar fora, então, elas não teriam o seu “próprio” dinheiro para gastar. Cabe ao marido sustentar sua esposa. Então, uma mulher “gastadeira” não é vista como uma boa esposa e logo não é uma boa mulher. Pensar que as mulheres não exploram outros lugares por não terem lojas nesses lugares dá a entender como seus interesses são limitados.

Depois de reforçar estes estereótipos, o autor continua seu texto e muda o rumo da discussão falando que já que as lojas são “colmeias femininas”, muitas das pessoas empregadas no setor do comércio também são mulheres, já que desta maneira fica mais fácil de atender e entender o público feminino. Segundo o autor:

Então ainda dizem que as mulheres não têm influência no comércio e na indústria? Ora, elas são os patrões da indústria. Os grandes negócios, as fábricas, as casas retalhistas, a publicidade – o emprego e a prosperidade – são na verdade conduzidos naquelas pequenas bolsas pelas mulheres. (Coluna do dia 21/12/1948).

Já a coluna do dia 10 de maio de 1949 começa com a afirmação: “As mulheres são as maiores fãs de concursos”. Nesta coluna o autor continua a reafirmar a forte ligação que as mulheres têm com o consumo dizendo que elas têm mais interesse que os homens em concursos, cupons de descontos e em “pechinchar”.

Já que são as mulheres as principais responsáveis pelas compras da casa, são elas que mais se interessam por descontos, em juntar tampas de produtos e embalagens para participar de promoções e fazer economias nas compras domésticas.

Como a coluna foi escrita em inglês nos Estados Unidos e traduzida para o português, muitos dos conteúdos refletem mais os costumes do país em que a coluna foi escrita do que o Brasil, como esta prática de promoções de cupons e trocas por produtos, por exemplo.

Na coluna do dia 19 de julho de 1949, o consumismo, e o uso e consumo de produtos voltados para o público feminino é analisado de uma maneira diferente das análises feitas anteriormente e neste texto é visto de uma maneira positiva.

Esta coluna inicia com uma pergunta sobre cosméticos, mas ela não está legível no material utilizado para realizar esta pesquisa. Depois, o texto prossegue com uma comparação entre alguns aspectos da China e dos Estados Unidos.

A informação trazida no início do texto pelo autor fala que em uma cidade chinesa em que as mulheres são proibidas de usar maquiagem e acabam sendo presas e castigadas caso descumpram esta regra. Segundo o autor, há uma justificativa para tal fato: 'Num país tão próxima a fome quanto a China, não há dúvidas de que é horrível haver milhares de pessoas trabalhando em fábricas de cosméticos, em vez de nos campos de arroz.' (Coluna do dia 19/07/1949).

Neste texto em especial, além de trazer as representações sociais de papéis de gênero também está carregado com a ideologia econômica e política da época. Não podemos esquecer, principalmente em textos que abordam mais as questões políticas e econômicas, o contexto mundial da época. Em 1949 a Guerra Fria ainda está nos seus primeiros anos, mas é possível perceber o discurso relacionado a este assunto. Opor a China aos Estados Unidos também é uma escolha que não é nada inocente. 1949 é o ano em que a China passa por sua Revolução que leva os comunistas ao poder. A oposição entre o capitalismo e o comunismo vai ficando cada vez mais claro no decorrer do texto.

Após fazer suas observações sobre a China, o autor segue falando sobre a realidade dos Estados Unidos, ainda falando sobre as questões dos cosméticos e maquiagens femininas. Aqui novamente é reforçada a ideia de como as mulheres gastam mais dinheiro que os homens, no entanto o autor traz o lado positivo destes gastos:

A sua 'maquiagem', leitora, dá trabalho a milhares e milhares de homens e mulheres. Não somente nas fábricas de cosméticos, mas também nas fábricas de papelão, de garrafas, nas tipografias, nos armazéns, 'drug stores', etc, com uma boa renda para os Estados Unidos em impostos. (Coluna do dia 19/07/1949).

Para concluir a ideia sobre a influência do contexto político da época sobre a coluna, o autor reproduz uma frase que, segundo ele, foi dita por uma influente norte-americana: 'Estaremos seguros contra o comunismo enquanto as mulheres puderem pintar-se à vontade. Se as mulheres norte americanas passarem três dias sem cosméticos teremos uma nação desanimada e decepcionada.' (Coluna do dia 19/07/1949).

Já a coluna do dia 11 de outubro de 1949 traz uma discussão mais leve a respeito de homens, mulheres e consumo. O texto inicia com uma pergunta: "Devem os artigos masculinos ser vendidos por mulheres?"

Aqui o autor discute o fato de que mesmo nas lojas de artigos masculinos, boa parte das compras são realizadas por mulheres. São as esposas que, muitas vezes, vão até as lojas para comprar aquilo que seus maridos precisam. Seria essa mais uma das funções das mulheres casadas que são responsáveis por cuidar de sua casa e de sua família? Cuidar da aparência de seu marido?

O texto continua, no entanto, mostrando como a situação poderia se tornar constrangedora para um homem. O autor cria um diálogo hipotético entre a vendedora e a esposa com o marido presente, em que ambas as mulheres ficariam discutindo sobre quais os melhores artigos para o homem e como isso se tornaria desgastante para ele.

O texto termina então com a seguinte observação (Esmeralda é a forma como o autor se refere as suas leitoras algumas vezes.): 'Isso é uma advertência Esmeralda. Por trás daquela aparência dócil, ainda brilha um traço de amor próprio e dignidade masculina.' (Coluna no dia 11/10/1949).

A coluna do dia 28 de março de 1950 fala sobre as possibilidades que as pessoas possuem de enriquecer e compara quais são essas possibilidades para os homens e para as mulheres.

O questionamento inicial é: "Por que você não precisa preocupar-se com dinheiro?". Essa pergunta começa a ser respondida quando o autor desenvolver a ideia do quão difícil é para as pessoas nos Estados Unidos se tornarem ricas.

Depois dedica-se a fazer um parágrafo falando sobre as possibilidades de homens e mulheres enriquecer: 'Se você é homem as possibilidades são de 1.500 contra 1 de que não conseguirá nem ser diretor da empresa onde trabalha. Se é mulher as possibilidades são de 700.000 contra 1 a de que não casará com um milionário.' (Coluna do dia 28/03/1950).

Apesar do foco da coluna não se tratar de maneiras de enriquecer e sim discutir como enriquecer é difícil para ambos os sexos, no texto fica bastante claro um pensamento que fazia parte do imaginário daquela sociedade: para o homem enriquecer seria necessário que ele trabalhasse, conseguisse melhores cargos em uma empresa e com o seu mérito enriquecesse. Já para as mulheres, a possibilidade de enriquecimento mostrada pelo autor é: casar-se com um milionário.

Ao concluirmos a análise das colunas que se enquadram nessa categoria, percebemos que as mulheres são muito associadas com a imagem de consumistas que os homens. Porém, não são elas que mais ganham dinheiro com seu trabalho.

2.2.5. Política e vida pública

Algumas das colunas, não muitas, dedicam-se a discutir a temática política e, principalmente, comentam sobre a relação das mulheres com a política nos Estados Unidos.

Historicamente, percebemos as mulheres excluídas da participação política e, se atualmente, questionamos a porcentagem de representantes políticos do sexo feminino em relação ao masculino e no número de votos que candidatas mulheres recebem, devemos pensar naquelas mulheres que lutaram primeiramente pelo direito de votar.

Álvares (2011) discute sobre a trajetória histórica das mulheres em busca de seus direitos políticos. A autora discute sobre a democracia e participação feminina nesse sistema desde a Grécia Antiga até os dias atuais em que são discutidas formas de aumentar o número de mulheres que ocupam cargos políticos no Brasil.

O que fica bastante claro na leitura do trabalho de Álvares (2011) e nas colunas O que sabemos dos homens e das mulheres no jornal O Tibagi, é que a política e vida pública não eram vistos como espaços "naturais" para as mulheres. Percebemos em vários momentos no decorrer da leitura das colunas que, o lugar que se espera que

as mulheres ocupem é o doméstico. Aquelas que quebram essa regra e fogem dessa representação social são vistas como exceções.

Mas a verdade é que existem mulheres por todo o decorrer da história que buscaram espaço na participação da vida pública e política. Após a Revolução Francesa em 1789, é publicada a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e:

em 1791, a francesa Olympe de Gouges denuncia o arranjo institucional desse documento e redige a Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, em 17 artigos, em que reivindica o mesmo nível de tratamento para os dois sexos. (ÁLVARES, 2011, p. 58)

Apesar do Olympe de Gouges redigir seu texto em 1791 reivindicando igualdade de direitos entre homens e mulheres, as francesas só conquistam o direito de votar em 1944 demonstrando que esta não foi uma luta fácil de se vencer.

Pensando que a coluna foi escrita nos Estados Unidos, cabe aqui fazer alguns esclarecimentos sobre como foi a conquista do direito ao voto feminino neste país. Pelo fato de que os estados estadunidenses possuem uma maior autonomia, a conquista do voto feminino foi diferente em cada região. Álvares (2011, p. 60) resume os acontecimentos que levaram ao estabelecimento de uma lei que valesse em todo o território do país da seguinte forma:

Em 6 de setembro de 1870, o Wyoming viu suas mulheres exercerem, pela primeira vez, o direito do voto. Sucessivamente, outros estados norte-americanos foram adotando a estratégia de aprovar seus projetos. Em 1920, com o movimento sufragista já mais fertilizado – desde a célebre convenção de Sêneca Falls, realizada em Nova York, em 1848 – pelas manifestações e barganhas políticas encetadas pelas líderes feministas, foi possível apresentar à Constituição da República a emenda de que necessitava esse país para a aprovação, em todo o território nacional, do voto da mulher. (ÁLVARES, 2011, p. 60)

Por fim, nos Estados Unidos o voto feminino foi conquistado em todo o território nacional em 1919 através da Emenda Dezenove. Já no Brasil, as mulheres conquistaram o direito ao voto com o Código eleitoral em 24 de fevereiro de 1932, Decreto nº 21.076.

É importante ressaltar que no caso do Brasil a desigualdade esteve presente de várias formas na participação política e que quando as mulheres conquistaram seu

direito de votar, não faziam tanto tempo que outros segmentos da sociedade haviam conquistado esse direito também:

Se a extensão do direito do sufrágio não contemplava, até há pouco tempo, uma grande parte de cidadãos do sexo masculino, por estarem fora do sistema de voto censitário, deixava de reconhecer todas as mulheres, por serem consideradas 'naturalmente' mães de família, desapossadas de renda, e sem méritos de instrução. (Álvares, 2011, p. 62)

Começando com a análise das colunas e do que elas têm a dizer sobre a questão da política, o texto do dia 11 de janeiro de 1949 fala sobre as mulheres e seus direitos políticos, seu direito ao voto e a sua participação como eleitora. O texto inicia com uma informação muito interessante: A maioria das cartas recebidas pelo Departamento de Estado são escritas por mulheres. Com essa informação o autor deseja demonstrar que as mulheres têm se interessado cada vez mais pelos assuntos nacionais.

Porém, o autor comenta que apesar de conquistarem seu direito ao voto, as mulheres não têm conseguido eleger outras mulheres para posições no governo:

Não obstante, parece-me que o máximo que as mulheres realmente conseguiram na arte de governo, durante a última geração, foi conquistar uma vitória moral sobre o sexo oposto – o direito de votar, como o homem. No entanto, deixam que quase somente homens se candidatem aos postos eletivos. (Coluna do dia 11/01/1949).

O autor fala que muitas mulheres desejam ter mais representantes de seu sexo ocupando cargos políticos. No entanto, são poucas as que se candidatam a esses cargos, e quando se candidatam, não são todas as mulheres que votam em outras mulheres. O texto soa como uma crítica as mulheres em relação a isso, como se elas próprias fossem as culpadas por não ocuparem cargos políticos.

O que parece acontecer, é que o texto em algumas colunas não leva em consideração o que está escrito em outras de outros dias. É possível perceber que na maioria dos textos, quando fala sobre o destino das mulheres, não há muitas possibilidades para além de se casar, ter filhos e tornar-se uma “boa” dona de casa.

Quando o autor parece criticar o fato de que há poucas mulheres na política pois essas mesmas não se candidatam e não votam em outras mulheres ele não leva em consideração a falta de incentivo, ou mesmo a desmotivação para que elas façam tal coisa. Ser uma representante pública, uma figura política não fazia parte dos papéis

sociais que se esperava que as mulheres representassem na época em que a coluna foi escrita. Ao ler o conjunto de todos os artigos, a própria coluna deixava bem claro que não era isso que se esperava das mulheres.

Para finalizar, o autor faz uma comparação entre os Estados Unidos e outros países no que diz respeito a quantidade de mulheres no governo:

O número de eleitoras atualmente, nos Estados Unidos, é maior do que o de eleitores. No entanto vejamos a porcentagem de mulheres nos órgãos de governo nos Estados Unidos, em comparação com outros países: Rússia 21%; Finlândia 9%; Japão 8%; Dinamarca 7%; Suécia 6%; França, Noruega e Índia 5%; Turquia 2%; Estados Unidos 1%. Não, não é um erro de tipo – exatamente Estados Unidos 1%. (Coluna do dia 11/01/1949).

A coluna dia 02 de agosto de 1949 continua a tratar sobre as mulheres e questões políticas, mas, neste texto, o objetivo é mostrar como as mulheres nos Estados Unidos são privilegiadas em relação aquelas que moram em outros lugares do mundo (apesar das informações trazidas na coluna do dia 11 de janeiro de 1949 tratada anteriormente).

O texto inicia com a seguinte afirmação: “As mulheres norte-americanas são as mais felizes do mundo”. Depois o texto segue com uma comparação entre dois países bastante emblemática para o período: Estados Unidos e União Soviética:

Há pouco tempo, um delegado russo, com ar de desprezo, disse: ‘A posição das mulheres nos Estados Unidos não pode ser comparada à da mulher soviética’. É verdade que alguns estados norte-americanos ainda não permitem que as mulheres sirvam no júri; as jovens americanas têm dificuldade em seguir certas profissões, como a medicina; o salário das mulheres raramente é igual ao dos homens, etc. etc. Mas o delegado russo se esqueceu de mencionar que muito pouco adianta haver tribunal do júri na Rússia; que uma grande parte das mulheres soviéticas trabalham no pesado; que há pouco ou nenhum equipamento para economizar trabalho nas cozinhas russas; que uma mulher norte-americana não aceitaria um trabalho mesmo com um salário de um homem nas terras do tio Joe. (Coluna do dia 02/08/1949).

Como já foi mencionado, é bom lembrar que a coluna foi escrita nos primeiros anos da Guerra Fria, e este contexto reflete na escrita do autor. A coluna traduzida para o português e veiculada por um jornal brasileiro, do interior do Paraná, demonstra a afinidade que o Brasil e principalmente alguns setores da sociedade brasileira tinham com os ideais dos Estados Unidos.

O texto então, tenta mostrar para os seus leitores, que apesar das mulheres enfrentarem dificuldades em vários setores, a situação delas nos Estados Unidos está

melhor do que em outros lugares do mundo. No entanto, o autor se mostra bastante ciente sobre quais são os problemas: Salários menores do que o dos homens, dificuldade em seguir certas carreiras profissionais, etc. Segundo o autor, em seu país ao menos, as mulheres não precisam se submeter a certos trabalhos mais “pesados”:

Politicamente as mulheres são mais fortes do que os homens – há dois milhões mais de eleitoras do que de eleitores – e, em todas as fases importante da vida, as mulheres gozam de uma situação melhor do que na Europa. A mulher média norte-americana goza de imunidade do trabalho pesado, tem liberdade, educação, momentos de ócio, boas roupas, cousas a que estão acostumadas, porém as mulheres europeias nem pensam em possuir. E, sobretudo, não são tratadas como seres inferiores – como acontece em quase toda a Europa. (Coluna do dia 02/08/1949).

A coluna do dia 23 de agosto de 1949 também fala sobre a influência feminina em assuntos políticos e econômicos. O questionamento inicial do texto é: “São os norte-americanos dominados pelas mulheres?”

Mas como estariam os norte-americanos sendo dominados pelas mulheres já que, como afirmado em algumas colunas atrás, apenas 1% dos cargos políticos nos Estados Unidos são ocupados por mulheres.

O autor fala, então, sobre o controle das mulheres sobre os homens: ‘Ah, naturalmente dizem, os homens parecem estar dirigindo, mas na verdade são as mulheres que estão na sela – pois elas governam os homens desde o berço até a vida conjugal.’ (Coluna do dia 23/08/1949).

Então, por mais que diretamente não aparente que são as mulheres que controlem diversos setores da sociedade, segundo o autor, elas controlam os homens que aparentam ser os líderes. Afirmação contraditória, como várias aliás, já que a todo momento diz que o homem é a cabeça da casa e do casamento e que a boa esposa é dedicada e até obediente.

Um fato que pode ser notado novamente no texto deste dia, é a exaltação aos Estados Unidos: ‘não há dúvida de que as mulheres norte-americanas, graças as bençãos da independência e da educação, tem maior influência sobre os homens do que em qualquer outra parte do mundo.’ (Coluna do dia 23/08/1949).

Outro ponto levantado pelo autor diz respeito a economia. Já percebemos que em diversas colunas o autor fala sobre o consumo feminino, e aqui ele traz novamente esse assunto e falando sobre como este consumo é benéfico para a economia do país. Pensando também no contexto da Guerra Fria, incentivar o consumo e o

capitalismo fazem parte da ideologia da época. Segundo o autor: ‘As compras femininas, que atingem a 80% de todas as vendas de varejo, movimentam a nossa indústria e criaram milhões de empregos.’ (Coluna do dia 23/08/1949).

O autor ainda conclui falando sobre como esse domínio feminino tem sido positivo para o país:

Mas será que essa influência feminina está arruinando o país? Se são as mulheres que governam os Estados Unidos, então devemos admitir que seu trabalho não tem sido todo mau. Não acham que elas merecem mais aplausos do que censuras? (Coluna do dia 23/08/1949)

2.2.6 Aparência

A aparência, tanto de homens como de mulheres é o tema de várias das colunas estudadas para esta pesquisa. Muitas delas dedicam-se a falar sobre o que os homens pensam sobre a imagem das mulheres, e algumas fazem a reflexão contrária. É este o tema que será explorado a partir de agora.

A coluna do dia 28 de dezembro de 1948 é a primeira das colunas analisadas que tem como seu assunto principal a questão da aparência. A coluna dedica-se a falar sobre uma parte específica do corpo: as pernas. Na primeira parte do texto, o autor fala sobre as pernas femininas chamando atenção para o fato de que esta é uma parte do corpo das mulheres que desperta muita atenção dos homens: ‘As pernas femininas sempre foram um objeto de interesse para o homem civilizado – e, de acordo com as mulheres, mais do que deve.’ (Coluna do dia 28/12/1948).

Segundo o autor, o fato de as pernas femininas despertarem o interesse masculino, faz com que as mulheres se preocupem muito com a aparência de suas pernas, embora a escritora citada pelo autor, Maria Corelli, diga que três em cada dez mulheres se preocupam com isso:

A escritora Maria Corelli, disse: ‘Considero a mulher que mostra a força de sua inteligência mais digna de respeito do que a que mostra as pernas. Mas, os homens sempre preferem as pernas.’ O resultado é, como demonstra um inquérito, que três em cada dez mulheres se preocupam com o aspecto de suas pernas. Querem sempre acrescentar ou tirar um pouco. (Coluna do dia 28/12/1948)

O autor menciona este texto demonstrando que, as próprias mulheres respeitam mais aquelas que demonstram inteligência do que aparência, mas não é a inteligência que os homens buscam nas mulheres.

Este trecho levanta duas reflexões. A primeira é muito clara, que as mulheres se preocupam muito com a opinião masculina a respeito delas e se deixam moldar, inclusive seus corpos, por esta opinião. Porém, é importante ressaltar que a preocupação com a aparência não é algo recente e nem surgiu junto com colunas de jornais e revistas femininas. Segundo Flor (2009, p. 268):

A preocupação com a boa forma e beleza acompanha a humanidade desde os primórdios. Na Grécia antiga, valorizava-se o nu masculino e o homem deveria mostrar um corpo forte, exercitado; na Idade Média, ao contrário, o corpo não poderia ser exibido, por causa do misticismo religioso. Já no fim da Idade Medieval começa um culto pelas formas corporais. No Renascimento fazia parte da 'disciplina' do corpo aristocrático saber dançar e, conseqüentemente, apresentar um corpo belo. Percebe-se que cada época houve um estereótipo aceitável de boa forma e beleza. (FLOR, 2009, p. 268).

O segundo ponto a ser levantado é, as mulheres preocupam-se com sua aparência e buscam por características que chamem a atenção do sexo oposto, mas serão julgadas por isso, julgadas por outras mulheres (como a escritora citada pela coluna que diz respeitar mais as mulheres que mostram sua inteligência no lugar das pernas), e julgadas pela sociedade em geral, afinal, se esse não fosse um pensamento presente em boa parte da sociedade, ele certamente não seria frisado no texto da coluna.

A segunda parte da coluna trata sobre as pernas masculinas. Fala que elas também têm sua beleza:

E eis o que disse Alice Meynell, poetisa inglesa, a respeito das calças do homem moderno: 'É principalmente por causa da perna do homem, que é necessária uma mudança nas roupas masculinas. A perna é a parte mais bonita do corpo e a perna mais bonita é a do homem. Ele não deve encobri-la com calças compridas, de tecido grosso'. Lisonjeira! (Coluna do dia 28/12/1948).

Sobre a questão das pernas masculinas, a questão da cobrança é muito menor. Apesar de falar que elas também chamam a atenção das mulheres, essas são alvo apenas de elogios e não é feita nenhuma relação entre um atributo físico masculino e a sua inteligência.

A coluna do dia 25 de janeiro de 1949 discute sobre o que os homens buscam em uma mulher quando estão tentando encontrar uma parceira. O que faz um homem apaixonar-se por uma mulher? Segundo o autor, a beleza não é o mais importante:

Se a beleza fosse a coisa mais importante no amor, muitos poucos homens se apaixonariam - pois não existem mulheres bonitas em grande quantidade. Mas os homens continuam a apaixonar-se e a ir ao altar com mulheres altas e baixas, gordas e magras, cangalhas e dentuças. (Coluna do dia 25/01/1949).

Novamente, o ponto alto da coluna é mostrar para as mulheres o que os homens buscam em uma esposa e, como já mencionado em outros momentos, o casamento era visto como o ponto alto da vida de uma mulher (juntamente com a maternidade) nos chamados “Anos Dourados”.

A imprensa feminina da época também buscava sempre deixar claro para as mulheres quais atributos a ajudariam na questão de encontrar um parceiro: ‘Segundo a imprensa, uma ‘pequena’ encantadora teria chances de encontrar um príncipe encantado. E mesmo quando o príncipe não fosse encantador, várias mulheres eram estimuladas a não descuidarem jamais do próprio encanto.’ (Sant’Anna, 2012, p 112).

Mas já que a aparência não é a principal característica buscada pelos homens, o que seria então? O autor sugere explicações segundo psicólogos, que dizem que ‘provavelmente foi alguma expressão ou traço que lhe lembra inconscientemente a sua genitora.’ (Coluna do dia 25/01/1949).

Segundo o autor, um fato que precisa ser levado em conta é que para alguns homens, geralmente os mais jovens, a aparência é sim o atributo mais importante no momento de escolher uma companheira. Já para os homens mais velhos, o autor enumera em ordem de relevância o que faz um homem apaixonar-se por uma mulher:

Mas quando os veteranos voltaram da guerra, mais experimentados, a sua ordem de preferência passou a ser a seguinte: 1) Que goste de casa; 2) Que deseje ter filhos; 3) Que seja boa cozinheira; 4) Inteligente; 5) Simpática; 6) bem educada; 7) bonita. Mas em certas circunstâncias, muitos homens se mostram muito menos exigentes. (Coluna 25/01/1949).

A coluna do dia 22 de fevereiro de 1949 começa com a seguinte pergunta: “Estão os homens ficando afeminados?”. Neste texto, o autor dedica-se a falar mais sobre a questão da aparência masculina e, de maneira jocosa, fala sobre como alguns

homens estão adotando hábitos e vestimentas “femininas” e como este fato rebaixaria os homens.

O autor começa falando sobre uma lei que passa a permitir que homens e mulheres frequentem o mesmo salão de beleza e das possíveis consequências que autor imagina que isso poderia acarretar:

É fato sabido que o casamento ou velhice tornam o homem mais afeminado - mas, pelo amor de Deus, o que estará acontecendo com a virilidade dos homens norte-americanos? A Assembleia Estadual de Nova York aprovou, unanimemente, permitindo que os homens frequentem salões de beleza legalmente - os cabelereiros não são mais obrigados a cuidar apenas de cabeças femininas. Assim, dentro em breve, Bill dirá a Butch: ‘Que belo permanente, Butch! E assenta muito bem e você!’. (Coluna do dia 22/02/1949).

A coluna do dia 03 de maio de 1949 começa com a seguinte questão: “Gostam as mulheres de homens barbados?”. Nesta coluna, o foco é a aparência masculina e as preferências das mulheres em relação a algo que, segundo o autor da coluna, é um dos símbolos da masculinidade: a barba.

Para exemplificar a forma como o autor define a barba como um símbolo masculino e para justificar porque algumas mulheres preferem homens barbados, é citado um escritor medieval que diz: ‘Um homem sem barba dificilmente merece o título de homem., pois a barba é a maior prova de sua masculinidade’. (Coluna do dia 03/05/1949).

Porém, a questão da barba masculina modificou-se com o passar do tempo. No século XIX, esta era uma característica quase obrigatória para os homens. Segundo Matos (2012, p. 138):

Seria quase impensável ocupar posição de destaque no Brasil do século XIX e não ostentar, como atributos de virilidade, bigodes, cavanhaques, peras, suíças e barbas sempre que possível acompanhados de fartas cabeleiras. Naquela época, os modos de homem subentendiam demonstrar sapiência e respeito por meio desses elementos, além de outros, como os monóculos e bengalas. Mesmo os jovens procuravam tornar suas aparências mais velhas para representá-las como de austeridade e respeitabilidade. Tais procedimentos também significavam respeito à senilidade. (MATOS, 2012, p. 138)

Já na década de 1920, no Brasil, é possível encontrar anúncios publicitários que incentivam os homens a tirarem suas barbar (com o produto anunciado):

Nada de barba nem bigode porque as mulheres gostam de: cara limpa, macia e do cheiro de loção de barbear, dizia o reclame de 'Aqua Velva' (1929). Além disso, o mesmo produto destaca "para uma sensação gostosa depois da barba experimente Aqua Velva, reforçando já as questões de certo prazer com os cuidados com o corpo (no caso, no pós- barba). (MATOS, 2012, p. 141).

No período em que a coluna foi escrita, é possível perceber que a barba já não estava mais em alta, e a maioria das mulheres preferiam que seus parceiros não a tivessem:

Chegamos a este 'século sem barbas', e o homem não precisa mais parecer com Carlos Magno e assustar crianças para ser considerado masculino. Um inquérito recente revelou que 3 em cada 4 mulheres não gostam que seus pequenos usem bigodes e 11 em 12 não querem barba. Quando fiz essa pergunta à minha esposa, ela respondeu: 'Oh, não, isso não'. (Coluna do dia 03/03/1949).

O texto do dia 30 de agosto de 1949 tem o título: "O problema da beleza feminina". Neste artigo, o primeiro ponto a ser discutido é o fato de que as mulheres são mais cobradas por sua aparência. As mulheres precisam ser bonitas, diferentemente dos homens. Para tratar deste assunto, o autor começa transcrevendo a carta que ele recebeu de uma leitora:

Por que os homens dizem constantemente que a mulher deve preocupar-se com a idade e a aparência? Acho que os homens são sempre jovens e simpáticos! Tenho visto muitos homens, ainda jovens, já obesos, com duplo queixo e rugas. Mas isto não tem importância: são homens, e tudo está muito bem. Creia-me, sr. Blau, se houvesse a reencarnação, eu desejaria voltar a terra como HOMEM, a fim de que pudesse deixar de usar creme e viver realmente - sem preocupar-me com a minha figura. (Coluna do dia 30/08/1949).

Fica bastante claro que, para as mulheres, a cobrança em relação a aparência era muito maior que para os homens. Esta preocupação não é mencionada pela leitora como algo que ela faz naturalmente, ou sente prazer em "cuidar" de sua própria imagem. Ela sente que deve fazer pois é cobrada por isso, e cobrada por homens, são os homens que dizem que as mulheres devem se preocupar constantemente com a sua aparência. Já ela, a leitora, diz não se preocupar com a aparência dos homens e gostaria de viver livre dessa cobrança.

Para deixar mais claro que esta é uma cobrança que lhe incomoda, ela diz que se puder nascer novamente e escolher seu sexo, ela escolheria ser homem, pois assim poderia verdadeiramente viver sem se preocupar com sua imagem.

Este é um pensamento que deixa bem claro que, para algumas mulheres, o tempo que elas usam tentando manter-se bonitas para que tenham a aprovação dos homens é um tempo que elas consideram desperdiçado. Elas não estão realmente vivendo naquele momento.

Porém, para o autor, há uma vantagem em relação aos homens se importarem e cobrarem tanto sobre a boa aparência das mulheres. Com a beleza feminina seria possível, segundo o autor, manipular o sexo masculino:

Com sua beleza, disse Kiplink, 'qualquer mulher, por menos inteligente que seja, pode manobrar um homem inteligente'. E esta força natural sobre o sexo masculino está bem distribuída entre as mulheres. Sim, Esmeralda, Glória tem aqueles olhos lânguidos, mas você tem uma voz mais bonita, e, com o emprego de cosméticos adequados, você poderá alcançar vantagens muito maiores. (Coluna do dia 30/08/1949).

Então, para uma mulher, por mais que não fosse tão inteligente, se tivesse algum atrativo físico bastaria para que conseguisse coisas dos homens, que lhe deem benefícios, claro que para isso precisam do “emprego de cosméticos adequados”.

O autor ainda comenta sobre o fato de que um júri composto por homens dificilmente condenará uma mulher de boa aparência, essa informação teria sido passada por um advogado ao autor, mostrando mais uma vez como a beleza das mulheres pode manipular e até enganar um homem.

Além disso, um outro ponto importante no trecho citado é quando o autor fala que características agradáveis são distribuídas de maneira “justa” entre as mulheres. Se uma tem os olhos mais bonitos, outra terá a voz mais agradável. Aqui já podemos perceber a questão da rivalidade feminina que nos faz compararmos umas com as outras constantemente.

O assunto tratado na coluna do dia 13 de setembro de 1949 é a forma de vestir de homens e mulheres. Nesta coluna o autor defende a ideia de que os homens possuem menos liberdade na hora de vestirem-se do que as mulheres. O texto inicia com o questionamento: “Deve o homem ter a mesma liberdade de vestir que a mulher”.

O autor narra a história de um homem que, em um dia de calor, resolve ficar sem sapato e sem meias em uma sala de espera de uma estação ferroviária. Por tomar esta atitude o homem teria sido preso. Depois, menciona o fato de que os homens não podem usar as saias das esposas em dias de calor, já que estas roupas femininas são mais frescas:

As mulheres, porém, tem mais direitos. Podem usar calças de homens, na Quinta Avenida, embora deem a impressão de que um 'grape-fruit' em cada bolso dos quadris. Podem usar camisas, chapéus, sobretudo masculinos - cortar o cabelo curto - e ninguém se preocupará com isto. Mas o homem que tirou os sapatos foi condenado a 10 dias de prisão (Coluna do dia 13/09/1949)

O autor deixa bem claro neste trecho que, as mulheres usam calças, cabelos curtos, sobretudo, mas estas são roupas masculinas. Então, fica claro que existe a divisão entre as roupas que são consideradas de homens e mulheres. O autor, então conclui que as mulheres possuem mais liberdade na hora de se vestir do que homens. Essa é uma afirmação difícil de não se questionar. Sabemos que mesmo atualmente, questiona-se a forma como as mulheres se vestem, comprimento de vestido e o quanto de pele que pode ser mostrado. Em relação às peças de roupa feminina podemos citar apenas algumas palavras como corpete, cinta, soutien para sabermos que roupas femininas e liberdade não são palavras que se complementaram ao longo da história, sem falar dos modelos dos sapatos.

O texto do dia 04 de setembro de 1949 também trata sobre a aparência das mulheres, porém, a abordagem desta coluna é bastante diferente das outras mencionadas até agora sobre esse assunto.

O questionamento que inicia o texto é "Estão as loiras desaparecendo?". O autor discute aqui o fato de o número de mulheres loiras estar diminuindo com o passar do tempo. No entanto, a forma como ele traz esse assunto faz com que pensemos sobre a forma como os homens pensam e falam sobre as mulheres.

Primeiramente, é mencionado no texto o estudo de um antropólogo que tenta encontrar justificativas do porquê de o número de mulheres loiras ter diminuído: 'As loiras são menos resistentes às enfermidades do que as morenas, menos inteligentes (é o que diz o antropólogo), mais emotivas - o que explica seu gradativo desaparecimento, sob as condições rigorosas da vida industrial moderna.' (Coluna do dia 04/010/1949)

Neste trecho temos um estereótipo que esteve presente durante muito tempo em nossa sociedade: o de que as mulheres loiras são menos inteligentes. É importante frisar que este estudo antropológico que o autor menciona teria sido feito pelo diretor de um centro de pesquisas antropológicas de Londres. Continua dizendo que pelo fato de o número de loiras estar diminuindo e elas se tornando mais raras, acabam chamando mais a atenção dos homens. Segundo o autor: ‘à medida que aumenta a escassez das loiras, sobe o seu valor decorativo.’ (Coluna do dia 04/10/1949). Esta frase faz com que tenhamos a ideia de que a mulher é uma mercadoria então, quanto mais rara ela for, mais alto será o seu valor e a sua procura.

A ideia da mulher como uma mercadoria não está presente apenas nesta frase. Todas as colunas são compostas de um texto e uma imagem. A imagem desta coluna é justamente uma mulher loira em uma vitrine sendo observada por um homem. Para finalizar, o autor faz uma sugestão para encontrar uma solução para que as loiras não desapareçam completamente:

Apenas uma em cada dez ou doze jovens norte-americanas são loiras naturais, o que representa uma proporção muito reduzida. Talvez o governo deva interferir como fez com os búfalos, e colocar as loiras num reservatório afastando-as dos grandes centros urbanos. Isto faria com que muitos homens passassem a gostar mais da vida ao ar livre. (Coluna do dia 04/10/1949).

Neste trecho percebemos que não basta apenas a comparação de mulheres com mercadorias. Aqui o autor compara as mulheres com os animais e, mais do que isso, é provavelmente, uma crítica a grande chegada de imigrantes vindos de vários lugares do mundo durante e após a guerra e ascensão da luta dos negros por direitos e que faz com que a proporção de mulheres brancas diminua. Pode ser interpretada como uma crítica a forma como a sociedade norte-americana está se desenvolvendo.

A coluna do dia 18 de setembro de 1949 não trata apenas da questão da aparência, ela fala sobre várias situações em que a mulher deixa de ser atrativa para os homens, ou como a autor fala “perdem o glamour”. São citadas oito situações pelo autor e algumas delas envolvem a questão da aparência, por isso esta coluna foi colocada nesta classificação.

O título do texto é: “As mulheres perdem o glamour em oito ocasiões”. O autor começa falando sobre uma experiência particular em que ele deixou de considerar certas mulheres sem glamour: Vi recentemente no cinema um "close up" de algumas atletas olímpicas, pouco depois de terem terminado uma árdua prova de pista. Nunca

vi grupo de mulheres em que estivesse mais ausente o glamour feminino. (Coluna do dia 18/10/1949).

Após a realização de uma prova olímpica de mulheres, o que o autor conseguiu perceber é que aquelas atletas, provavelmente cansadas e suadas após a prática de um esporte, não possuíam mais o que ele considera glamour feminino. O que se pode esperar desta observação do autor? Qual a mensagem do jornal neste trecho? As mulheres ao ler este relato sentir-se-iam desencorajadas a praticar um esporte pensando em como os homens olhariam para elas após a prática?

Então, o texto segue descrevendo as outras oito ocasiões em que a mulher perde seu glamour. Para chegar a esta conclusão, o autor teria feito uma investigação com outros homens e chegou a alguns pontos em comum entre a opinião deles. Pensando que apenas homens foram entrevistados sobre o assunto, talvez o correto seria que título fosse: “Oito ocasiões em que os homens acham que a mulher perde seu glamour”. Segue as ocasiões:

- 1 - Quando tem os cabelos enrolados ou o rosto coberto de creme de beleza;
- 2 - Quando põe batom em público;
- 3 - Quando as meias estão caindo ou tem fios soltos;
- 4 - Quando anda com um cigarro na boca ou dependurado nos lábios;
- 5 - Quando ralha, espanca ou sacode uma criança;
- 6 - Quando fala em voz alta em um bar;
- 7 - Quando tenta passar na sua frente no meio do povo.
- 8 - Quando ronca. (Coluna do dia 18/10/1949).

Alguns itens estão relacionados a aparência, outras a hábitos. É interessante notar que, no texto de outro dia, o autor menciona que os homens se importam com a aparência das mulheres e elas sentem que eles exigem que elas cuidem de sua imagem. Mas como podemos observar nos pontos 1 e 2, os homens não gostavam de ver as mulheres cuidando de sua aparência. Elas deveriam fazê-lo escondidas de seus parceiros? Deveriam estar sempre “prontas”, ou seja, penteadas, maquiadas na frente de maridos e em público.

Para encerrar, o autor escreve para as suas leitoras não se sentirem ofendidas, pois ele também fará o levantamento sobre 8 ocasiões em que o homem se torna menos atraente. É sobre esta coluna que falaremos a seguir.

No dia 08 de novembro de 1949, o autor escreve sobre situações em que o homem se torna menos atraente para a mulher. O título do texto é “Quando o homem é menos atraente para as mulheres?” A primeira coisa que podemos notar de diferente

já está no título. Nesta coluna o autor deixa bem claro que é a opinião que as mulheres têm a respeito dos homens.

Em seguida, no início do texto, o autor retoma as questões tratadas na coluna que falou sobre o que tornava as mulheres menos atraente para os homens e faz um alerta para as suas leitoras:

Divulguei dias passados alguns resultados de um inquérito entre homens, o qual indicava oito ocasiões em que as mulheres são menos glamurosas. Espero que todas as jovens que me tenham lido procurem eliminar as suas faltas, a fim de não perderem seu 'pequeno'. (Coluna do dia 08/11/1949).

Quando tratamos sobre a temática do casamento ficou bastante claro que uma das ideias que havia na época, e que em alguns momentos fica bastante claro nas colunas, é que o relacionamento amoroso e o casamento eram os pontos altos na vida de uma mulher e, portanto, a responsabilidade por manter o casamento era toda dela.

No início desta coluna o autor é bastante incisivo e deixa bastante claro qual foi o objetivo de seu texto sobre o que faz com que uma mulher perca seu glamour: adequá-las para que elas se tornem aceitáveis e desejáveis para os homens. As mulheres devem eliminar estas “falhas” para que não corram o risco de perder seus companheiros.

Sobre os pontos que deixam os homens menos atraentes para as mulheres, outra coisa que podemos comparar com a coluna que foi dirigida para os hábitos das mulheres é que existe um ponto a menos. Para as mulheres eram oito ocasiões que as deixavam menos glamurosas para os homens. Para os homens, são citados sete pontos que os deixam menos atraentes para as mulheres. Pode ser apenas uma ocasião a menos, mas já nos faz pensar em como as mulheres eram e são, ainda hoje, mais cobradas para que agradem seus parceiros ou possíveis parceiros.

As ocasiões que tornam os homens menos atraente para as mulheres são:

1) quando tem barba crescida; 2) quando cheira a álcool; 3) quando anda de camisa de meia; 4) quando toma o lugar de uma mulher num ônibus; 5) quando tem as unhas ou o colarinho sujos; 6) quando dá uma gorjeta muito grande à garçonete, a fim de se exibir; 7) quando fala sobre si mesmo. (Coluna do dia 08/11/1949).

A questão da bebida alcoólica e da barba já foram citadas pelo autor em outras ocasiões. Vemos também sobre questões de higiene, da educação que se esperava

dos homens na época, sobre não provocar ciúmes em sua parceira e sobre não falar muito sobre sua própria vida.

A coluna do dia 06 de dezembro de 1949 faz uma comparação entre as mulheres norte-americanas e estrangeiras. O título do texto é uma pergunta: “Podem as moças norte-americanas resistir a comparação com as estrangeiras?”. Mais uma vez, a coluna dedica-se a falar sobre o que os homens acham sobre as mulheres. Aqui, a comparação é feita por soldados americanos.

O primeiro ponto comparado diz respeito a aparência:

Pela aparência, as moças norte-americanas levam grande dianteira - rostos, pernas, tipo. São melhores cuidadas, também - especialmente no que concerne aos dentes e ao cabelo - e vestem-se muito melhor. As damas inglesas usam roupas que não lhes muito bem. (Coluna do dia 06/12/1949)

Mas as comparações trazidas pela coluna não se limitam a questão da aparência. Outros pontos são tratados em que são as estrangeiras, especificamente as inglesas têm “vantagens”:

Mas a voz da pequena norte-americana é muito alta e aguda. E as pequenas inglesas comportam-se com mais maturidade sinceridade. As norte-americanas querem demasiadas diversões, danças, teatros, cinemas, jantares. Os homens dizem que as <bonecas> estrangeiras fazem mais esforços para agradar os namorados - o que os faz mais simpáticos, em nossa opinião. (Coluna do dia 06/12/1949).

Neste trecho são apresentados alguns hábitos ou características que as mulheres podem ter e que não agradam os homens. Voz alta e aguda é uma característica observada pelo autor que não agrada os homens. Por mais que pareça apenas uma característica podemos pensar em que ela representa. O que significa uma mulher com a voz alta e aguda? Uma mulher que faz sua voz ser ouvida? Que deixa claro quais são suas vontades e seus desejos? Os homens importam-se apenas com a voz alta e aguda ou com aquilo que esta voz pode representar? Em oposição à mulher educada para calar-se e submeter-se, dada como exemplo da mulher inglesa, que “fazem mais esforço para agradar os namorados”.

Outro ponto que também parece desagradar os homens em relação as mulheres é o fato delas buscarem diversão, principalmente fora de casa. Aqui, pensamos em toda a reflexão feita quando tratamos do assunto de casamento sobre

espaço da mulher ser o doméstico. Uma mulher que busque sua diversão sempre fora de casa quebra com essa expectativa.

Porém, levantados todos esses pontos, o autor fecha seu texto com o seguinte ponto: “Todos os soldados norte-americanos do grupo, salvo um, querem casar com uma norte americana.” (Coluna do dia 06/12/1949). Então, apensar de todas as suas “desvantagens”, as mulheres norte-americanas são preferíveis para se tornar esposas dos soldados.

A coluna de dia 13 de dezembro de 1949 também tem como assunto principal a beleza das mulheres. Neste texto o autor demonstra como homens e mulheres veem a beleza feminina.

O título desta coluna é “Tem homens e mulheres ideias diferentes sobre a beleza feminina?” e o texto inicia com o autor desenvolvendo a ideia de que não existem tantas mulheres realmente bonitas por aí. Apesar de vermos várias delas em anúncios, na realidade elas não são tão simples de achar.

O que mais chama atenção, no entanto está na segunda parte do texto, quando o autor começa a desenvolver a ideia de que as mulheres conseguem ver mais beleza em outras mulheres do que os homens:

Uma consulta feita entre homens e mulheres qualificam de ‘belas’ nada menos do que 12 por cento de todas as pequenas que viram - além de mais de 43 por cento de ‘bonitinhas’ ou ‘simpáticas’. Mas os homens apenas encontram 2 por cento de ‘belas’ e 9 por cento de ‘bonitinhas’. O sexo parece tornar os homens mais exigentes. (Coluna do dia 13/12/1949).

Podemos perceber com essa informação trazida pelo texto como a sociedade construiu padrões muito exigentes em relação a beleza das mulheres. Os padrões de beleza e comportamento para as mulheres sempre foram difíceis ou praticamente impossíveis de serem alcançados. Talvez propositadamente, como um projeto muito antigo de manter as mulheres afastadas do universo da vida pública, das decisões.

Pinsky (2014) fala sobre o que se esperava das moças nos chamados “Anos Dourados”:

Se a jovem ‘muito moderna’ (ousada e consciente de sua sensualidade) não é bem vista, a ‘antiquada’ (tímida demais e incapaz de ‘animar uma conversa’). Também não agrada. Porém, a bagagem cultural (adquirida em leituras e no contato com peças de teatro, filmes e obras de arte) é valorizada principalmente em função da conquista amorosa. Não está em jogo, portanto, em *Jornal das Moças*, o aprimoramento intelectual de uma mulher como uma forma de autossatisfação ou emancipação pessoal. O ‘verniz cultural’, no fim das contas, é somente uma forma de atrair a atenção masculina, um entretenimento inofensivo ou uma exibição de ‘dotes espirituais’, do mesmo

modo que saber ouvir e calar nas horas certas para contentar o possível marido. (Pinsky, 2014, p. 82).

A coluna do dia 19 de abril de 1950 continua a tratar da opinião dos homens em relação as mulheres. Aqui, os assuntos são as roupas que as mulheres usam e a sua maquiagem. Seu título é a seguinte afirmação: “Os homens detestam as mulheres muito enfeitadas”.

O autor começa descrevendo duas mulheres que ele viu na rua e fala sobre suas roupas bastante chamativas. Depois de descrevê-las, ela fala sobre a preferência masculina em relação a vestimenta feminina: ‘Se essas duas soubessem quanto as mulheres são mais atraentes para os homens sem todo aqueles adornos, certamente nunca sairiam assim.’ (Coluna do dia 19/04/1950).

Com este pensamento, uma ideia que algumas pessoas tinham na época e que permanece até hoje fica evidente: de que as mulheres escolhem suas roupas pensando se estão ou não agradando os homens. O autor ignora completamente o fato de que talvez as mulheres se ventem daquele jeito porque gostam.

Quando o assunto é maquiagem, o autor fala especialmente para as mulheres de meia idade: ‘As mulheres de meia idade devem usar moderadamente o batom e rouge. Estou certo que muitas dessas mulheres não são tão feias quanto parecem.’ (Coluna do dia 19/04/1950). Ou seja, mulheres com muita maquiagem são feias, é isso que o autor pensa e deixa bem explícito para todos os seus leitores.

Sobre a maquiagem e como ela era vista no Brasil, Sant’Anna (2012, p. 106) afirma:

Sobre o final do século XIX: ‘A pintura do rosto não rimava com jovens descentes, de bons costumes. Havia uma forte oposição entre corpo natural e aparência artificial. Mesmo no começo do século XX, a beleza física tendia a ser vista como uma dádiva divina. À mulher cabia conservá-la, com recato e comedimento. Segundo um cronista carioca, se uma jovem aparecesse “de lábios rubros ou de tez colorida”, já se sabia era estrangeira. Dizia-se que Nossa Senhora não se pintava, e as jovens de família deviam seguir esse santo exemplo. (SANT’ANNA, 2012, p. 106).

O texto do dia 03 de maio de 1950 se propõe fazer uma análise da opinião feminina em relação a roupa dos homens e sobre a influência que as mulheres exercem na forma dos homens se vestirem. O título é: “Os homens se vestem para as mulheres.”

O início do texto chama muito a atenção pois ele parece contradizer várias falas já feitas pelo autor em outros de seus textos. Segundo ele: 'Um homem não tem muita influência sobre o que a mulher usa - mas uma mulher raramente deixa o seu noivo ou marido vestir-se à vontade.' (Coluna do dia 03/05/1950).

É muito contraditório o autor afirmar que um homem não tem muita influência no que a mulher usa depois de deixar muito claro em diversas das colunas que falam sobre a aparência o que os homens gostam ou deixam de gostar em mulheres. Até mesmo chegou a advertir suas leitoras de que se não agradassem seus companheiros ou futuros companheiros corriam o risco de ficar sozinhas.

O texto afirma que as mulheres acabam escolhendo a roupa de seus companheiros. Essas afirmações passam a ideia de que a mulher é quem mais se preocupa com a aparência. Mas se isso fosse real, por que a maioria das colunas que tratam sobre o tema aparência falam sobre a preferência dos homens em relação a imagem da mulher e não ao contrário?

A coluna do dia 10 de abril de 1950 continua a falar sobre a aparência dos homens e como as mulheres reagem a ela. O título é: 'Devem os homens ser embelezados'. Neste texto o principal tema abordado é a vaidade masculina. O autor fala, em um tom certamente jocoso, sobre homens carregarem espelhos, pentes e desodorantes e afirma: "Não, caro leitor, ainda não é preciso ter batom e perfume.' (Coluna do dia 10/05/1950).

Um homem que dê muito valor para sua aparência parece estranho aos olhos do autor e certamente de muitas pessoas da época já que esta era uma atitude que se esperava das mulheres.

Dando sequência ao conteúdo da coluna, o autor parece novamente bastante contraditório em suas ideias de relacionarmos o texto presente nesta coluna com o que já foi discutido em colunas de outros dias. Nesta, o autor fala em como as mulheres se preocupam muito menos com a aparência:

A triste verdade, porém, é que as mulheres não se preocupam com a beleza masculina. Elas não perdem tempo com a superfície, vão diretamente ao íntimo do ser masculino. E, quando à aparência, basta que sejam asseados, barbeados e saudáveis, e com o cabelo razoavelmente cortado para que não pareça um crisântemo. (Coluna do dia 10/05/1950)

As mulheres não se importam com a aparência ou, nas palavras do autor “não perdem tempo com a superfície”, isso quer dizer que os homens são superficiais ao se importarem tanto com a aparência das mulheres.

A coluna do dia 31 de maio de 1950 é a última das analisadas para o desenvolvimento desta pesquisa a tratar da questão da aparência. Seu título é: “A influência de certas leis nos homens e nas mulheres”. Nela, o autor fala sobre leis de cidades e estados norte-americanos que restringem o contato entre homens e mulheres. Algumas dessas leis são:

Uma mulher não pode andar com os braços nus. A pessoa não pode sentar-se num banco de parque a menos de seis polegadas de outra pessoa do sexo oposto. É proibido beijar em público alguém durante mais de cinco segundos. É proibido pendurar roupas interiores masculinas e femininas num mesmo arame. Não se pode vestir ou despir manequins numa vitrina. Uma mulher não pode despir-se diante da fotografia de um homem. Ninguém, mas ninguém, pode aparecer despido na presença de duas ou mais pessoas do sexo oposto. A mulher deve usar pelo menos 16 jardas de roupa em público. (Coluna do dia 31/05/1950).

Para finalizar, o autor dirige-se ao seu leitor e afirma: “Esta é a lei, meu amigo romântico. E esfria o fogo do amor tanto quanto uma colher d’água apaga o Vesúvio.” (Coluna do dia 31/05/1950).

2.2.7 Trabalho

A questão do trabalho, até certa medida, já foi abordada com tratou-se do assunto de casamento. Dentro do matrimônio, já ficou bastante claro quais são os papéis de homens e mulheres. Os homens, como provedores, trabalham fora de casa para que possam garantir o sustento da família. As mulheres, podem optar por trabalhar fora até casarem-se. Depois disso, seu lugar é o espaço doméstico, e seu trabalho torna-se única e exclusivamente os afazeres domésticos e a educação dos filhos.

Porém, essa descrição do que seria a divisão de trabalho ideal de uma família não correspondia ao real em boa parte das famílias brasileiras no período em que a coluna foi publicada no jornal “O Tibagi”.

A realidade das famílias mais pobres necessitava que maridos e mulheres trabalhassem e essas acabavam sendo grandes contribuidoras para a renda da casa, isso quando não eram as principais provedoras.

Podemos perceber como as mulheres eram presentes no mercado de trabalho quando vemos o Decreto do Trabalho das Mulheres 'aprovado em 1932, que estabelecia igualdade salarial e licença-maternidade'. (FRACCARO, 2018, p. 22).

Se em 1932, podemos encontrar uma legislação que regulamentava o trabalho das mulheres, sabemos que seu espaço não era apenas o doméstico.

Para entender melhor a questão do trabalho, esta parte será dividida entre o trabalho doméstico e o trabalho fora de casa.

Trabalho doméstico

A coluna do dia 15 de fevereiro dedica-se a falar sobre o trabalho doméstico. O principal ponto levantado pelo autor são os perigos ao realizar um trabalho doméstico. Essa coluna não possui título ou frase inicial.

O autor ressalta que o número de acidentes domésticos é muito alto. Como a mulher é que passa a maior parte do tempo em casa, realizando os trabalhos domésticos, é ela que está mais exposta a estes riscos.

Uma ideia que fica bem definida no decorrer do texto é a de que o homem sai para trabalhar fora de casa e a mulher permanece em casa:

Quando a sua esposa lhe dá um beijo de despedida pela manhã e lhe adverte para que tenha cuidado - não atravesse a rua com o sinal aberto, não passe sob andaimes, não vá cair debaixo do ônibus, não vá cortar o dedo no apontador de lápis - talvez o leitor não compreenda que ela própria passa o dia num trabalho muito arriscado. (Coluna do dia 15/02/1949).

Um ponto importante a ser considerado neste trecho é que o trabalho doméstico é efetivamente encarado como um trabalho pelo autor e fica subentendido que este é o trabalho que uma mulher casada deve realizar.

Como já falado anteriormente quando se tratou da temática casamento, fica muito clara a divisão de trabalhos e responsabilidades entre homens e mulheres casados. O homem é quem trabalha fora e a mulher cuida dos afazeres da casa e da criação dos filhos. Esta é a sua principal função segundo o autor.

No entanto, sabemos que esta era uma ideia pregada, mas nem sempre colocada em prática na sociedade. Em diversas famílias (principalmente as de classes mais baixas) as mulheres trabalhavam fora. Porém, é importante ressaltar que o fato de trabalhar fora de casa não dispensava as mulheres dos trabalhos domésticos.

Segundo Pinsky (2014, p. 176), ‘Ligadas a essa situação estão: a chamada dupla jornada (já que as tarefas domésticas continuam a cargo das mulheres)’.

Durante todo o texto desta coluna o autor trata de chamar a atenção para os perigos do trabalho realizado em casa pelas mulheres. Ele compara o número de mortes em acidentes aéreos com o número de pessoas que morreram em suas casas e, ao ressaltar que número de pessoas que morrem em suas casas é muito maior, o autor conclui que, já que são as mulheres que passam a maior parte de seu tempo em casa, são elas que estão mais expostas aos perigos domésticos, principalmente ao realizares suas tarefas.

Para concluir, o autor recomenda que seus leitores reconheçam o trabalho de suas esposas e o risco que estas correm: ‘Quando você regressa ao lar esta noite, leve no bolso uma medalha de C. S. P. para pregar no avental de sua esposa - C. S. P quer dizer Campeã dos Serviços Domésticos.’ (Coluna do dia 15/02/1950).

A coluna do dia 26 de junho de 1949 fala sobre o trabalho feminino e faz uma comparação entre as mulheres que trabalham em casa ou fora para tentar descobrir qual tem mais vantagens e é mais feliz. O título do texto é a pergunta: “As donas de casa têm melhor vida do que as jovens empregadas?”

Em quase todo o texto, o autor defende a ideia de que as mulheres que preferem trabalhar em casa são mais felizes do que aquelas que optam por trabalhar fora. No primeiro parágrafo o autor traz alguns dados sobre este assunto:

Muita gente pensa que as jovens que trabalham nos escritórios e nas fábricas têm melhor vida do que as donas de casa. Mas é uma ilusão. Um inquérito recente mostra que apenas 37% das jovens acham que a mulher empregada tem vida melhor - mas 50% dizem que a dona de casa é mais feliz. (Coluna 26/06/1949).

Há na fala do autor um desencorajamento para que as mulheres busquem serviço fora de casa. Apesar de citar que as mulheres que trabalham fora conhecem mais pessoas e são independentes financeiramente, continua-se a defender a ideia de que a verdadeira felicidade feminina está no lar. Para justificar esta afirmação o autor usa o seguinte fato: ‘Nota-se que a maioria das jovens deixam o emprego para casar e cuidar de um lar - mas são muito poucas as que deixam o lar para se empregar, a menos que precisem.’ (Coluna do dia 26/06/1949).

Sobre a insistência de mostrar para as mulheres que elas serão mais felizes trabalhando apenas em casa, podemos pensar no contexto da época.

A coluna foi publicada no Brasil em 1949, quatro anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Sabemos que em países que participaram do conflito, muitos homens em idade de trabalho tiveram que deixar seus empregos e partir para a guerra. Quem ocupou estas vagas foram as mulheres. Sobre esse fato, Rodrigues (2013, p. 1) afirma:

Com o alistamento militar de grande parte da força de trabalho estadunidense a partir de 1941, o crescente aumento pela demanda de mão de obra nas indústrias de guerra, e a necessidade de se tornar chefe de família enquanto pais, maridos e filhos iam à guerra, muitas mulheres saíram de casa para trabalhar no esforço de guerra. (RODRIGUES, 2013, p. 1)

Ao término do conflito, os homens regressaram para as suas casas e deveriam retomar seus empregos, mas como se muitos deles já haviam sido ocupados por mulheres? A partir deste momento cria-se um movimento para incentivar as mulheres a voltarem a trabalhar apenas em suas casas e deixar para os homens as vagas de empregos, afinal, eles deveriam ocupar novamente seus lugares de provedores da família e as mulheres deveriam voltar a pertencer apenas ao ambiente doméstico:

Se as mulheres trabalhadoras não voltassem aos seus lares, a independência econômica e [relativa] liberdade social e sexual que muitas estavam conquistando, ou ao menos almejando, trariam a decadência da moral e dos valores familiares afetando a família a nível local e nacional. Dessa forma, a fim de proteger a nação, era preciso proteger sua maior instituição, a família, e para isso a mulher precisaria reassumir seu papel social no lar. (RODRIGUES, 2013, p. 7)

A volta das mulheres para ocupar o seu papel dentro dos lares era essencial para manter a estrutura da família, mas também podemos imaginar que era essencial para manter o domínio masculino sobre as mulheres.

O autor prossegue com seu texto falando sobre quais são as vantagens para as mulheres que escolhem tornar-se donas de casa: 'A dona de casa tem mais horas de folga, pode regular sua vida à vontade, não recebe ordens de ninguém, nem precisa vestir-se como uma estrela de cinema todas as manhãs correr para o ônibus das 8:05 ou lambar as botas do patrão.' (Coluna do dia 26/06/1949).

No último parágrafo, no entanto, o autor comenta sobre algumas das desvantagens das donas de casa. A primeira situação descrita envolve um caso de violência doméstica: 'Li há poucos dias o caso de um cidadão que espancou a esposa porque ela requentou o espaguete e queimou-o.' (Coluna do dia 26/06/1949).

O autor fala sobre um caso de espancamento de uma mulher e trata-o apenas como uma desvantagem para aquelas que escolhem tornar-se donas de casa em tempo integral. O fato é apenas citado, não há nenhum comentário ou problematização sobre ele. Não se fala se a mulher está bem e nem se seu agressor foi punido.

A questão sobre a violência será um tópico específico nesta pesquisa.

Para finalizar o texto, o autor segue com mais uma situação de desvantagem para as donas de casa: ‘Muitas vezes a mulher limpa a cozinha, lava os pratos, arruma tudo e senta para ler uma revista. Nesse momento, alguém entra na cozinha e grita: ESTOU COM FOME!’ (Coluna do dia 26/06/1949). Isto é, não importa o quanto já tenha sido feito durante o dia, nem quão cansada a mulher esteja, se alguém da sua família aparece com fome, será seu dever cuidar desta situação.

A coluna do dia 17 de maio de 1950 continua a tratar sobre o trabalho doméstico, porém, desta vez o foco é a participação masculina nesta área. O título da coluna deste dia é: “Os homens ajudam no lar”.

Para iniciar seu texto, o autor utiliza alguns dados para demonstrar a participação masculina nos serviços domésticos:

Setenta por cento dos homens casados dizem que saem da cama sozinhos e preparam sua primeira refeição. Oitenta e cinco por cento dos maridos dizem que ajudam a lavar os pratos ou fazem esse serviço sozinhos, com razoável regularidade. Noutro estudo, os maridos ajudam na pia 83% do tempo. (Coluna do dia 17/05/1950)

É importante ressaltar que o autor fala sobre a participação masculina nos serviços domésticos como uma “ajuda” a esposa. Nesta época, como já tratado aqui algumas vezes, os trabalhos da casa eram uma responsabilidade da esposa e caso o marido estivesse fazendo algum desses serviços seria para dar uma ajuda para sua esposa, não porque seria responsabilidade dele também fazer esses trabalhos. Essa é uma ideia que vem mudando no decorrer do tempo, mas ainda é uma realidade em muitos lares: O serviço doméstico é feminino e homem pode ajudar, não dividir igualmente as responsabilidades.

Para dar continuidade ao texto, comenta-se sobre o fato de que nem em todos os lugares do mundo esta é uma atitude normal para os homens. O autor fala sobre uma atriz estrangeira que faz o seguinte comentário ao ver os homens “ajudando” na cozinha: ‘Achei maravilhoso o costume norte-americano. O marido e a mulher

trabalham na cozinha. Ele ajuda a cozinhar e às vezes a lavar os pratos.’ (Coluna do dia 14/05/1950). Ela comenta que este não é um costume praticado por homens europeus.

O fato do homem norte-americano “ajudar” na cozinha é tratado em todo o texto como um ato de bondade que o homem faz para a mulher. Para reforçar essa ideia, a imagem que complementa este texto é um homem lavando pratos. Uma imagem simples se não fosse por um pequeno detalhe: O homem possui asas de anjo.

O trabalho fora de casa

O trabalho exercido fora do espaço doméstico, o trabalho assalariado, que envolve uma carreira profissional é descrito por diversas vezes, em diversas colunas, como algo a ser desempenhado pelo homem. Fica bastante claro ao analisarmos a coluna que, o que se espera das mulheres que trabalham fora é que abandonem suas carreiras assim que se casem para que possam desempenhar de maneira plena seus papéis de esposas e mães.

Qual é o interesse de manter as mulheres afastadas do mercado de trabalhos? Podemos relacionar o trabalho assalariado com a independência, e talvez essa seja a questão que muitos maridos gostariam de evitar que suas esposas alcançassem. Sobre a participação feminina no mercado de trabalho, Pinsky (2014, p. 175) afirma:

Muitos defendem que tal participação implica o rompimento dos limites do privado e a conseqüente atuação na vida pública, além de proporcionar às mulheres ascensão (ou mesmo independência) econômica, segurança e um status mais elevado na sociedade e na família. Há inclusive os que acreditam que o trabalho assalariado contribuiu para o desenvolvimento de uma consciência crítica a respeito das desigualdades sociais baseadas no sexo e, conseqüentemente, colabora para a emancipação feminina. Não por acaso a moral conservadora e os discursos machistas combatem o trabalho feminino fora do âmbito doméstico. (PINSKY, 2014, p. 175)

Apesar de pensarmos em como o trabalho feminino pode ser libertador para as mulheres, não podemos esquecer em como este foi desvalorizado e diminuído ao longo do tempo. Não é à toa que, até os dias de hoje, as mulheres busquem equiparação salarial com os homens e as mesmas chances em ascender em determinadas carreiras profissionais.

A coluna do dia 17 de maio de 1949 fala sobre trabalho assalariado. Ela dirige-se apenas aos homens e comenta sobre algo que ocorre com os homens idosos. O título desta coluna é a seguinte pergunta: “Os homens são arquivados aos 65 anos?”.

Neste texto o autor comenta sobre o fato de que muitos homens chegam a velhice dependentes financeiramente de alguém pois, no decorrer de sua vida, não conseguem guardar dinheiro:

As condições atuais tornam improváveis que o homem passe seus últimos 10 ou 15 anos de vida na independência ociosa ou em trabalho produtivo. Os dias primaveris passam depressa, e o homem médio acha difícil economizar o suficiente para se assegurar uma vida confortável, ao chegar o outono. O imposto de renda e o alto custo de vida devoram todas as economias. (Coluna do dia 17/05/1949).

Em todo o texto o autor refere-se apenas a questão do homem. É o homem que trabalha fora, ganha o dinheiro e não consegue guardar para assegurar uma velhice tranquila. O autor comenta sobre os altos custos de vida que o impedem de fazer isso.

O que não se comenta neste texto é o que acontece com as mulheres neste período. Nem sobre as que optam por trabalhar fora (se essas conseguem guardar dinheiro) nem sobre aquelas que são dependentes financeiramente de um marido que, ao se tornar velho, também se torna dependente financeiro de alguém.

O motivo mais claro para justificar o porquê de as mulheres não serem citadas neste texto é o fato de que, já que ele se refere ao trabalho assalariado que acontece fora de casa, esse não é uma área para mulheres já que a elas não compete esse tipo de serviço. Porém, fica a dúvida sobre o que acontece com as esposas.

O texto segue falando sobre o que mais pode ser a causa para esse problema que atinge os homens velhos. Um ponto mencionado pelo autor é a falta de trabalho para estas pessoas. Essa questão associa-se com o título. Homens “arquivados” aos 65 anos pois, as empresas não se interessam por trabalhadores nesta idade:

Milhões de velhos são dependentes porque não tem empregos - mas não estão desempregados porque estejam doentes ou sejam incapazes. E muitos deles gostariam de continuar, de ser útil. A preferência da indústria pelos jovens é que os mantém na ociosidade. (Coluna do dia 17/05/1949).

A ideia que o autor propõe para acabar com este problema seria que os homens idosos continuassem a trabalhar. Essa seria a melhor opção para que eles conseguissem manter a sua independência financeira. Na parte final do texto são

mencionadas as vantagens de ter um trabalhador mais velho: 'São mais competentes, tem um julgamento equilibrado, são cuidadosos e exatos.' (Coluna do dia 17/05/1949).

Se a coluna do de 17 de maio de 1949 dedica-se a falar sobre uma questão tratada exclusivamente como masculina, a coluna do dia 31 de maio de 1949 fala sobre uma profissão que, ao fazer a leitura do texto, parece ser exclusivamente feminina: secretária.

O título desta coluna é: "As secretárias modernas são melhores do que as do passado". Neste texto o autor dedica-se a falar sobre a importância das secretárias, em como os homens de negócio são dependentes de suas secretárias e sentem-se perdidos sem estas profissionais.

Um outro assunto que toma boa parte do texto desta coluna é a comparação entre as secretárias atuais (da época em que a coluna foi escrita) e as de 25 mais antigas. O autor fala sobre como as secretárias atuais são melhores do que as secretárias do passado.

É muito interessante analisar os atributos que, segundo o autor da coluna, fazem as secretárias modernas serem melhores do que as do passado:

A secretária moderna é mais educada, mais hábil, mais preparada, mais bem vestida e tem melhor aparência, ganha mais dinheiro e tem mais responsabilidades e ambição, e tem igualmente melhor oportunidade de casar com o diretor. (Coluna do dia 31/05/1949).

Percebemos que as características que tornam uma mulher uma boa secretária não são apenas ligadas ao lado profissional. Boa aparência e a forma como elas se vestem também são consideradas características importantes. Para encerrar sua descrição de atributos positivos para uma secretária entra a questão do casamento, tão abordada em colunas de outros dias. Uma secretária que apresente todas essas qualidades ainda tem mais "oportunidade" de casa com o diretor. Isso é claro, é visto como algo positivo e muito benéfico para a mulher nesta posição.

Aqui cabe ressaltar a ideia que muitas revistas femininas e colunas destinadas a leitura do público feminino traziam na época: de que a maior realização da vida de uma mulher era casar e formar uma família. Uma mulher que estivesse trabalhando fora estava nesta condição temporariamente, apenas esperando o momento em que iria se casar.

Por isso a ideia de que a secretária tem a oportunidade de se casar com o seu chefe também deixa claro de que se trata de uma mulher solteira, afinal o trabalho de fora de casa não seria destinado a uma mulher casada.

Essa afirmação já foi questionada anteriormente e já se demonstrou não condizente com a realidade de muitas brasileiras da época em que a coluna foi escrita, já que as mulheres mais pobres, mesmo casadas, precisavam trabalhar fora de suas casas para ajudar no sustento de suas famílias.

Para encerrar, o autor fala sobre um anúncio visto em um jornal que, na primeira vista, parece descrever uma secretária: 'Secretária eficiente e aerodinâmica. Perfeita, personalidade magnética, tomará ditados horas a fio e poderá viajar em sua companhia.' (Coluna do dia 31/05/1949). No entanto, após anunciar essas qualidades, o autor afirma que anuncio trata-se da propaganda de máquina elétrica de gravação.

Já o texto da coluna do dia 23 de novembro de 1949 traz com conteúdo muito diferente da tratada anteriormente.

Na coluna anterior falamos de uma profissão que parece ser unicamente feminina e o autor não questiona tal fato. Já na coluna que discutiremos agora, o autor fala sobre uma profissão que, na época em que a coluna foi feita era majoritariamente exercida por homens, mas que tal fato deveria ser revisto: a medicina. A seguinte pergunta inicia o texto: "As mulheres são tão bons médicos quanto os homens?"

O texto começa falando sobre como quando somos crianças de nos machucamos, a primeira pessoa que vamos procurar são nossas mães. Aqui já cabe uma reflexão sobre o papel da mãe. São as mães as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos, por isso procuramos a mãe e não o pai.

O papel da mulher como mãe, muitas vezes, contribuiu para o discurso que dizia que o lugar da mulher era dentro de casa. Muitas vezes, era colocado sobre a mulher todo o peso de manter a moral e a educação dos filhos, então, trabalhar fora de casa poderia contribuir para que a mulher não desempenhasse de maneira satisfatória esse papel. Rago (2018, p. 585) afirma:

Muitos acreditavam, ao lado dos teóricos e economistas ingleses e franceses, que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresciam mais soltas, sem a constante vigilância das mães. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade. (RAGO, 2018, p. 585).

Porém, a maternidade que é muitas vezes colocada como um empecilho para que as mulheres sigam uma carreira profissional, aqui é colocada como uma característica que pode contribuir para o desenvolvimento de um trabalho.

O autor prossegue o texto e faz a seguinte afirmação:

Os homens estão fazendo um grande esforço para conservar a medicina apenas aos homens. Temos 165000 médicos - menos de 5% dos quais são mulheres. Na verdade a maioria das Escolas de Medicina limitam a 5% o número de suas alunas e outras não admitem mulheres. (Coluna do dia 23/11/1949).

Fica claro que o autor culpa os próprios homens por manter as mulheres afastadas da medicina. Depois ele apresenta alguns dados que mostram a diferença de número entre homens e mulheres nesta profissão.

Apesar dos números, o autor segue afirmando que as mulheres deveriam ser mais presentes na medicina e afirma que 'As mulheres tem uma inclinação natural para a medicina.' (Coluna do dia 23/11/1949).

O que seria essa chamada "inclinação natural"? Estaria ligado ao fato de que um dos papéis que se espera que a mulher execute na sociedade é o de cuidadora.

Por fim, o autor termina o texto pedindo para que as mulheres ganhem mais espaço dentro da medicina e que esta ciência não deve mais ser uma "cidadela masculina":

Por que não abrir as Escolas de Medicina para as mulheres? Por que os hospitais não lhes concedem todas as facilidades, em vez de chamá-las de 'assistentes', e não as aceitam como internas? Vamos pessoal - outra cidadela masculina deve cair. (Coluna do dia 23/11/1949).

2.2.8 Violência

Não são muitas as colunas que trazem o assunto violência física. Mas, mesmo que escasso, é interessante que este seja um dos assuntos a serem abordados nesta pesquisa já que a violência doméstica que está diretamente ligada as questões de gênero é um problema bastante sério e presente em nossa sociedade:

A violência contra a mulher é um fenômeno antigo e, também por isso, muito banalizado. Ele se encontra justificado por pressupostos biológicos bem duvidosos, mas infelizmente comuns, que apontam a mulher como ser mais frágil, de menor força física e capacidade racional, que por sua própria natureza domesticável tem tendência a ser dominada, pois necessita de

alguém para protegê-la e orientá-la. Nesta concepção, ela se encontra passiva de violência e, em alguns momentos, inclusive precisa de uma correção. Esta argumentação biologicista defende que as mulheres, por uma suposta 'natureza feminina', apresentam comportamentos ilógicos e irracionais, além de emotividade excessiva, o que muitas vezes as fariam perder o controle, provocando a violência. (CUNHA, 2014, p. 150).

Uma questão que fica bastante aparente ao analisar as colunas que abordam a violência entre marido e esposa é justamente a ideia de que o marido acaba agredindo sua companheira como forma de resposta a algum comportamento fora do padrão que esta teve. Sendo assim, a mulher acaba se tornando causadora e culpada da agressão que sofre dentro de sua própria casa.

Ainda antes de começar a fazer a análise da violência nas colunas, cabe aqui trazer uma breve definição de violência. Segundo Saffioti (2015, p. 18): "Trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral.

A primeira coluna que aborda de certa forma este tema é a do dia 07 de junho de 1949 que tem como título a frase: "Porque os homens discutem". Neste texto, o autor fala de situações de discussão e até agressão entre pessoas e, tenta justificar tais ações a imaturidade emocional.

O primeiro parágrafo do texto é o mais interessante para discutirmos a questão de gênero e violência:

Quando um <<abat-jour>> foi atirado de uma casa, na costa ocidental, há algum tempo, indo espatifar-se na rua, a polícia penetrou na residência e encontrou uma mulher estendida no solo, vibrando ponta-pés e mordendo, e o marido sentado sobre ela - seguro como uma tampa de uma panela de pressão. O homem disse que não podia sair - por isso, os dois policiais seguraram a mulher, enquanto o marido se afastava. Ninguém quis fazer acusações - e o marido disse que procedeu em legítima defesa. Por que estariam lutando? Bem, tudo começou quando ele encontrou um caroço no suco de laranja - e uma coisa puxou a outra. (Coluna do dia 07/06/1949).

Ao analisar todas as colunas que de alguma forma fazem menção a violência doméstica, podemos perceber um padrão: A mulher acaba sempre sendo retratada como a causadora da situação e, o homem quando pratica um ato de violência está apenas defendendo-se ou respondendo a violência da esposa com um ato também violento. Isto é, a violência (pelos menos nos textos trazidos na coluna) nunca iniciam com uma atitude masculina, apesar de sabermos que quem mais sofre com a violência doméstica são as mulheres.

O fato de as mulheres sofrerem, mas com a violência doméstica do que os homens têm relação com a construção de papéis de gênero que homens e mulheres acabam reproduzindo e desempenhando na sociedade. Sobre violência doméstica e gênero, Saffioti (2015, p. 90) afirma:

A violência doméstica apresenta características específicas. Uma das mais relevantes é a sua rotinização, o que contribui, tremendamente, para a codependência e estabelecimento da relação fixada. Rígorosamente, a relação violenta constitui em verdadeira prisão. Nesse sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque o macho devendo dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar as agressões de toda ordem, porque seu 'destino' assim o determina. (SAFFIOTI, 2015, p. 90).

No texto do dia 20 de setembro de 1949, a questão da violência não é a abordagem central. A questão tratada é sobre a relação entre esposas e maridos e suas tentativas e impor suas vontades um para o outro. No entanto, para descrever e refletir sobre estas questões, o auto acaba relatando situações de violência ocorridas no ambiente doméstico envolvendo esposas e maridos.

O texto inicia com a pergunta: "Que direitos têm os homens e as mulheres casados?" e prossegue comentando sobre uma situação que teria ocorrido na ONU que traz a questão de que um dos direitos que os seres humanos possuem é o de almoçar na hora correta.

Partindo deste tópico, o autor narra duas situações de violência que teriam iniciado por esta questão do almoço:

Não obstante, não creio que isto seja uma desculpa para a mulher atirar um jantar frio no marido, quando este chega tarde em casa, como aconteceu recentemente em Connecticut. Ou para um marido esmurrar o nariz de sua consorte quando esta serve o almoço com três horas de atraso - como também aconteceu. (Coluna do dia 20/09/1949).

Sobre a situação do marido que agrediu a esposa, o autor segue falando sobre as consequências. O interessante aqui é notar que marido teve que responder a um juiz sobre o caso, o que significa que ele precisou responder judicialmente ao fato: 'Pensei que eu tinha o direito de comer a uma hora razoável em minha própria casa, disse ele ao juiz. Ao que este explicou: 'Os seus direitos terminam onde começa o nariz de sua esposa'. (Coluna do dia 20/09/1949).

O marido achou normal agredir a esposa por uma questão doméstica: ela não teria cumprido seu dever enquanto esposa, o de servir uma refeição no horário certo. Mas a sociedade não aceitou tal atitude, e o marido teve que responder por tal ato e acabou sendo repreendido pelo juiz. O autor não comenta se o marido foi castigado pelo seu ato, e o texto não parece levar o assunto da agressão com muita seriedade.

Novamente cabe a reflexão de que se deve disciplinar a mulher que não corresponde aos padrões esperados. Se uma esposa não cumpre seu papel, podemos tolerar que seu marido deva “discipliná-la”. Nem que para isso ele tenha que usar de violência.

Os papéis que cabe a mulher representar na sociedade, acabam por criar situações em que parece justo que estas sejam vítimas de violência. Segundo Silva (2010, p. 560):

A violência contra as mulheres está velada no mascaramento e na subordinação da nossa linguagem cotidiana, no uso de expressões e de diversos jogos de linguagem, nas palavras de duplo sentido, na criação de referenciais para dar conta de uma realidade que não é a mais condizente com o seu papel na sociedade, também na criação de estereótipos que moldam formas singulares de preconceito e discriminação através de personagens da vida cotidiana, tais como a doméstica, a dona de casa, a professorinha, a mãe e a garota de programa estilo exportação, entre tantos outros tipos, cuja imagem se transformou em um objeto tão vendável quanto qualquer outro produto de consumo, com o corpo explorado através da mídia, além de servir às leis imperativas do comércio e do turismo sexual. (SILVA, 2010, p. 560).

O texto prossegue sem abordar mais a violência, mas fala sobre o quanto é problemático dentro da vida de um casal um mandar no outro. O autor não menciona sobre se é mais comum o homem ou a mulher tentar controlar o seu parceiro, mas deixa claro que a situação é ruim para um casamento.

No entanto, o texto termina com um relato de uma mulher que pediu o divórcio depois de passar 20 anos sendo controlada pelo seu marido. Podemos perceber neste fato um padrão que se repete em muitos lugares no decorrer da história: a mulher subordinada aos homens de sua família. Primeiro ao pai e depois, ao marido:

A ideologia patriarcal, que estruturava as relações conjugais e familiares desde o tempo em que o Brasil era uma colônia portuguesa, conferia aos homens um grande poder sobre as mulheres, justificando atos de mulheres, justificando atos de violência cometidos por pais e maridos cometidos contra filhas e esposas. (LAGE, NADER, 2012, p. 287)

A coluna do dia 07 de março de 1950 também acaba mencionando uma situação de violência apesar deste não ser o seu tema principal. A frase que inicia o texto é “As mulheres falam muito ao telefone”.

Neste dia, o autor trata de fazer uma comparação entre homens e mulheres e o tempo que estes passam falando ao telefone e acaba concluído que as mulheres falam muito mais ao telefone que os homens.

Depois, se relaciona as conversas ao telefone com os relacionamentos amorosos, e é neste momento que vai da metade até o fim do texto que a situação que envolve a violência é mencionada:

Vejamos o que disse o funcionário de uma companhia telefônica.

‘As mulheres gostam muito de lisonjear pelo telefone. Os homens também chamam qualquer mulher de 'querida' e 'doçura' (imaginem!). As telefonistas recebem constantes propostas de casamento e as mulheres são mais conquistadas pelo telefone do que nunca’.

Ainda outro dia uma jovem fez uma confusão tão grande num telefonema para o namorado, quando este lhe perguntou se ainda o amava que ele saiu e foi esbofeteá-la.

‘Eu queria saber se ainda estava noivo’, disse ele, ‘e achei a melhor maneira era bater nela’. (Coluna do dia 07/03/1950).

A coluna do dia 11 de abril de 1950 também aborda a violência a relacionando com um tema que, na primeira vista, parece não ter possibilidade de relação: o clima. O texto inicia com a afirmação: “As mulheres são mais sensíveis à influência do tempo”.

Neste texto, o autor tenta relacionar o humor das pessoas com o clima, tempo e temperatura, e discute como esses são fatores capazes que alterar as pessoas e como elas relacionam-se umas com as outras. Pensando nisso, o autor fala sobre como casais podem perder a paciência e ficarem mais agressivos um como o outro dependendo da temperatura, se está chovendo ou não, etc.

No trecho a seguir, o autor fala sobre esta questão e afirma que as mulheres acabam sendo mais afetadas por tal situação:

Algumas pessoas são muito sensíveis à influência do tempo - as mulheres em maior grau que os homens. Quando a umidade é alta, ficam cheias de dores ou sentem falta de ar. É nessas ocasiões que as mulheres costumam brigar e os homens bater na esposa. (Coluna do dia 11/04/1950).

Aqui podemos observar a situação e perceber a diferença de reação entre o marido e a esposa: a mulher briga, o homem bate.

Mesmo sendo a reação do homem muito mais agressiva do que a da mulher, são as mulheres as acusadas de sofrerem mais alterações de humos devido as mudanças no tempo. Talvez, seja porque o texto tenha deixado subentendido que a agressão do homem é apenas uma resposta a briga da mulher, sendo esta a verdadeira culpada de tal situação.

Em outro ponto do texto, é narrada uma outra situação que envolve violência doméstica em que, novamente temos uma atitude da mulher e a reação de seu marido: 'Os anais do tribunal mostram que uma mulher chegou em casa numa noite de chuva e bateu no marido com o guarda-chuva. Irritado, o marido lhe jogou uma cadeira, atirou a faca e ligou o gás.' (Coluna do dia 11/04/1950).

Novamente podemos observar uma atitude da mulher que, aparentemente, é respondida com uma violência muito acima do esperado. Mesmo assim, a violência do marido aparece como uma reação a atitude da mulher. Deste modo, a mulher acaba em muitas situações sentindo-se culpada pela própria violência da qual é acometida: 'As mulheres são treinadas para sentir culpa. Ainda que não haja razões aparentes para se culpabilizarem, culpabilizam-se, pois vivem em uma civilização da culpa.' (SAFFIOTI, 2015, p. 24)

Algo a se comentar ainda sobre a coluna deste dia, é a imagem que acompanha o texto. Nela temos uma mulher, em uma posição em que ela está inclinando a bunda para um homem (provavelmente representando seu marido), enquanto ele bate com uma panela na mulher.

Uma última coluna a ser mencionada neste tema é a do dia 25 de outubro de 1949. Talvez este texto não se encaixe exatamente na categoria violência, mas ele fala sobre um comportamento agressivo que levam pessoas a destruir coisas. Nesta coluna especificamente, as questões de gênero parecem ficar um pouco de lado, por este motivo, tornou-se difícil de classificá-la e a colocar em alguma categoria. O título do texto é: "Espírito de destruição".

No decorrer do texto o autor dedica-se a falar sobre a importância de preservar parques nacionais e em como algumas pessoas insistem em tentar destruir tais lugares, Fala sobre a necessidade de fiscalização para proteger estes patrimônios, e termina falando que se não cuidarmos destes lugares importantes para a história, cultura e lazer, eles deixaram de existir.

Certamente este é um tema importante, mas ele acaba destoando do restante dos textos trazidos pela coluna e, ao tratar deste assunto, o autor não faz

diferenciação entre homens e mulheres e acaba não sendo um texto interessante para discutir as representações sociais de homens e mulheres.

CAPÍTULO 3 MATERIAL DIDÁTICO

3.1 APRESENTAÇÃO

Cara leitora, caro leitor, este material foi escrito a partir de uma pesquisa com um conjunto de fontes históricas da imprensa, uma coluna do Jornal O Tibagi chamada “Que sabem dos homens e das Mulheres”.

A coluna foi publicada no Jornal semanal no período de 23 de novembro de 1948 até 14 de junho de 1950 e era uma tradução da coluna publicada em Jornais dos Estados Unidos.

O objetivo deste material é refletir como foram construídas e disseminadas as representações dos papéis sociais de homens e mulheres no decorrer da história e como essa construção, feita a anos atrás, ainda está presente em nossa sociedade atual.

O material está organizado de forma temática e contará com algumas imagens da coluna na íntegra para que os alunos possam ter contato com as fontes históricas, um texto discutindo o tema tratado nas colunas e algumas sugestões de atividades sobre cada uma das temáticas.

3.2 PAPEIS SOCIAIS DE HOMENS E MULHERES

Você já percebeu que quando estudamos História na escola ficamos sabendo sobre a vida e os feitos de diversas pessoas. São pessoas que de alguma forma marcaram ou mudaram algo no lugar em que elas viviam e isso fez com que elas se tornassem personagens importantes para o estudo da História.

Certamente, quando você ouve a expressão “personagens históricos” vários nomes e imagens de pessoas vem a sua cabeça. Mas se fosse pedido para você escrever uma lista com todos esses nomes, quantos deles seriam de homens e quantos seriam de mulheres? A maioria dos personagens históricos que você conhece são homens? Se você fizer essas perguntas para os seus colegas de turma, você

acha que as respostas deles serão parecidas com as suas? Você já se perguntou por que isso acontece?

Para nós, parece tão natural não termos em nossos livros escolares nomes de mulheres na mesma quantidade em que temos nomes de homens que acabamos por nem nos perguntar por que é assim. Afinal, se vivemos em mundo dividido praticamente entre metade homens e metade mulheres, deve haver algum motivo para que essa divisão não se reflita de maneira justa quando estudamos a História e seus personagens que ganham mais destaque.

A verdade é que boa parte dos personagens históricos que estudamos segue um determinado padrão: homem, branco, heterossexual e que pertence às classes mais altas da sociedade, é o sujeito da história. É claro que podemos ter algumas exceções e que você pode lembrar de algumas pessoas que fogem desta regra e que são citadas nos livros de História, mas retome aquela lista de nomes que você se lembra, quantos destes personagens não se encaixam neste padrão?

Esse material tem como objetivo focar mais nas questões de gênero e na desigualdade gerada por ela (mas sabemos que essa não é a única discriminação presente no estudo da História).

Percebemos que o homem como é colocado como o principal foco e referência da História que aprendemos na escola. Parece que são apenas os homens que realizam os “grandes feitos” que transformam o mundo. Parece que apenas eles são os protagonistas.

Talvez, um dos motivos para que isso aconteça, seja o foco que damos para o ensino de História em sala de aula. Estudamos durante as aulas muitos personagens políticos, guerras, questões e trabalho e economia. Porém, quando pensamos em quais eram os papéis que as mulheres desempenharam no decorrer na história, não associamos a elas a política, as guerras e, sabemos que durante muito tempo, o espaço de uma parte das mulheres não era trabalhando fora de casa.

Podemos levantar duas questões ao pensarmos nesse fato. Primeiro: por que não estudamos mais os espaços que eram ocupados pelas mulheres no decorrer da história? Se durante muito tempo as mulheres eram associadas principalmente ao espaço doméstico, por que não damos mais relevância a esse aspecto? Assim

poderíamos sempre estudar o que homens e mulheres faziam em determinados períodos históricos.

A segunda questão é sobre a qual mais iremos refletir no decorrer deste material: por que homens e mulheres desempenham papéis diferentes no decorrer da história? Por que parece que conseguimos definir perfeitamente comportamentos e atitudes que esperamos de homens e mulheres? Por que parece que existem coisas que são “naturalmente” femininas ou masculinas?

É importante que nós possamos perceber esses papéis e começar a questioná-los. Afinal, quando começamos a refletir mais sobre esse assunto acabamos chegando à conclusão de que muitos desses comportamentos que consideramos “naturalmente” femininos ou masculinos não tem nada de natural. Praticamente todos eles foram construídos socialmente no decorrer do tempo e, vários deles, contribuem para certos preconceitos que existem atualmente em nossa sociedade.

Ao nos questionarmos sobre isso e estudarmos questões sobre os papéis sociais de homens e mulheres e perceber como estes são construídos historicamente e reforçados na nossa sociedade, ao desnaturalizarmos esses papéis poderemos finalmente começar a desconstruí-los e buscar maneiras para atingir uma sociedade mais igual e justa para todas e todos.

Para facilitar o nosso debate, esse material é dividido nos seguintes temas: casamento, maternidade e paternidade, violência, trabalho, comportamento (feminino e masculino), economia e consumo, política e aparência.

É importante ressaltar o contexto em que a coluna foi escrita. Entre os anos de 1948 e 1950 nos Estados Unidos, isto é, durante a análise dos artigos ficará bastante clara a influência da Guerra Fria e em alguns momentos a clara defesa do capitalismo. Inclusive, uma das formas de trabalhar com esse material é inseri-lo no conteúdo da Guerra Fria.

A sugestão para esse material é que ele seja usado com os alunos do Ensino Médio. Porém, nada impede que os professores e professoras façam as devidas adaptações para utilizá-lo em outras séries e com alunos de outras idades.

3.3 SOBRE CASAMENTO

Cara leitora e caro leitor, você sabe que o casamento existe há muitos anos, mas nem sempre ele foi tratado como nos dias de hoje. Aqui, iremos discutir qual o papel da mulher e do homem no casamento na sociedade no final da década de 1940 e década de 1950. Esse é um dos assuntos mais discutidos na coluna “Que sabe dos homens e das mulheres”, que demonstra como era algo importante na sociedade.

O casamento era mais importante para as mulheres?

Observe a coluna 1 da página anterior. Você consegue perceber que o texto destaca de um certo “desespero” feminino em relação ao casamento? Não é para menos, se o principal objetivo das mulheres do período era o casamento, era porque esse era o destino determinado às mulheres, e era muito difícil fugir desta regra. O casamento e a maternidade eram vistos como o destino natural de todas as mulheres, e não cumprir com este destino significava um fracasso.

Se o casamento era tão importante, como ficava a questão do trabalho para as mulheres?

Sobre este ponto, as colunas estudadas não condenam o trabalho para as mulheres solteiras, mas deixam como certo o fato de que as mulheres que trabalham esperam somente pelo pedido de casamento para deixarem seus empregos. A mulher pode ter um emprego enquanto estiver solteira, mas deve largá-lo assim que se casar para que este não atrapalhe as suas atividades domésticas.

Após o casamento, mulher e homem deveriam assumir seus papéis dentro da nova família. Esses papéis eram bem definidos na sociedade da época, e para a mulher, o trabalho fora de casa não fazia parte do cotidiano de uma esposa ideal. O trabalho fora para manter a família, depois do casamento, fazia parte das funções desempenhadas pelo homem.

Muitas vezes, se uma mulher casada trabalhasse, poderia representar uma vergonha para seu marido já que isso demonstrava que ele não conseguia sustar sozinho a sua própria família.

Essas regras não valiam para todas as famílias. As mulheres pobres, as mulheres negras, sempre trabalharam fora e continuavam trabalhando depois do casamento, porque a família dependia da renda complementar.

As mulheres que paravam de trabalhar eram da classe média ou da elite, onde esses valores da coluna do Jornal tinham espaço.

E para os homens, qual era o peso do casamento?

No que diz respeito aos homens e o casamento, meu caro leitor, o número de colunas e recomendações é bem menor, o que pode nos fazer pensar que o peso do matrimônio era muito maior para a mulher do que para o marido.

Mas esses fatos não isentavam o homem de seu papel e suas responsabilidades dentro do matrimônio.

A principal função do homem dentro do casamento era de provedor, aquele que mantém financeiramente a família. Esse fato é citado em diversas colunas que falam também das mulheres. Muitas vezes, quando o autor fala sobre o papel da mulher como a responsável pela casa e pela educação dos filhos, fala também sobre o papel do marido, como aquele que deve trabalhar fora e sustentar financeiramente a família.

3.3.1 Colunas sobre casamento

Figura 2: Coluna do dia 24 de maio de 1950

Que sabe dos Homens e das Mulheres ?

As mulheres casam por interesse?

Se há uma ocasião em que a mulher não pensa em dinheiro é quando está realmente apaixonada. A paixão da mulher, diz um professor indú, é oito vezes mais forte do que a do homem. E quando a mulher jovem coloca em primeiro lugar, o "caráter", e as perspectivas financeiras em último, ao julgar um homem, segundo revela um inquérito entre jovens universitárias.

Não obstante, mais mulheres do que homens se casam por outros motivos que não o amor. Um homem pode apaixonar-se e fazer propostas de casamento à vontade. A mulher média recebe três propostas na sua vida. Assim a menos que um dos três seja o TAL, ela naturalmente, procura avaliar os recursos dos candidatos.

"As mulheres, em geral, têm um prolongado senso de insegurança", diz um especialista. «Só se sentem seguras depois de casadas. Por isso procuram algo que signifique segurança - não somente dinheiro, mas também força, tranquilidade, ambição, otimismo e confiança em si mesma». As mulheres, instintivamente, procuram casar com homens de melhor educação e boas finanças.

x x x




Figura 3: Coluna do dia 12 de julho de 1949

Que sabe dos Homens e das Mulheres?

Quanto vale uma esposa? (Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela

De ERNEST E. BLAU e APLA

Ele não era exatamente um Robert Taylor ou um Gregory Peck - porém desde que Mary era uma mulher prática e experiente, pensou nas vantagens que obteria deixando o emprego e permitindo que ele pagasse as suas contas para o resto da vida.

casamento foi vantajoso para ela - ou seria melhor que tivesse ficado solteira?"

Bem, se o homem tivesse uma renda média e um lar médio, e se Mary realizava todo o trabalho doméstico, como acontece com a maioria - vejamos estas cifras, baseadas numa vida conjugal de 45 anos:

45 anos de serviço de Mary como governanta	54.000
45 anos de serviço como cozinheira e arrumadeira	40.500
45 anos de serviço de enfermeira	3.150
45 anos de serviço de secretária e guarda livros	27.000
Valor total de seus serviços em dólares:	124.650
Descontos de roupas, alimentos, taxa e remédios	75.130
LUCRO DO MARIDO	49.520

Como vêem, a pobre Mary saiu perdendo. No 49º aniversário de casamento, todas as esposas deviam exigir metade dos lucros - 24.760 dólares

xxx



Abandonou o trabalho e casou-se com o rapaz. Depois que ela partiu para a lua de mel, as colegas do escritório sempre se referiam a ela como "Mary Barateira". Como dizem nas novelas, "Fêz Mary uma boa escolha? Teria feito um bom negócio? O

3.3.2 Proposta de atividade sobre casamento

Vamos discutir sobre o que lemos?

Se reúnam em grupos de quatro integrantes, façam uma leitura conjunta das colunas destacando as partes que tenham chamado mais a sua atenção. Depois, debata com seus colegas e tentem responder as perguntas a seguir:

1. Grife nos textos da coluna trechos que demonstrem quais eram os papéis que se esperava que homens e mulheres desempenhassem no casamento.
2. Resuma em tópicos quais eram as funções de homens e mulheres em um casamento.
3. Observe as imagens que acompanham os textos das colunas. O que elas representam?
4. A sociedade descrita nas colunas reflete a nossa sociedade atual? Quais foram as mudanças que ocorreram com o passar do tempo? E quais são as permanências?
5. A quem ou a quais grupos/classes sociais era destinada essas regras e papéis sociais de homens e mulheres no casamento?

Após a realização do debate, cada grupo criará um cartaz comparando a sociedade atual com a representada nos textos dos jornais.

3.4. SOBRE MATERNIDADE E PATERNIDADE

Caras leitoras e caros leitores, depois de discutirmos o casamento, chegou a hora de falarmos sobre maternidade e paternidade. Sabemos que até os dias de hoje, há uma diferença muito grande do que esperamos das mães e o que esperamos dos pais, e sabemos que a carga de responsabilidades sobre as mães acaba sendo muito maior.

Vamos perceber no decorrer da análise dos textos do jornal como era a visão que se tinha das mães e dos pais e quais eram as suas responsabilidades.

Serão as mulheres responsáveis pela maioria dos sofrimentos do mundo?

O que você achou dessa pergunta? Essa é a questão que inicia uma das colunas do ano de 1948. Neste texto podemos perceber como a responsabilidade sobre mães era muito grande, quando diz por exemplo, que as mulheres podem ser causadoras do sofrimento do mundo, como você lerá o trecho do texto da coluna que está abaixo. O autor questiona se a culpa das atrocidades cometidas por esses homens não seria culpa das mães que criaram esses homens.

Outra questão que pode ser discutida neste texto:

Como se pode atribuir o sofrimento do mundo às mulheres? Os homens são muito mais fortes que as mulheres. Controlam os governos e as indústrias, iniciam as guerras, dirigem os negócios e as finanças, dominam a imprensa, os tribunais. São os donos do mundo, é verdade, mas nem sempre os melhores. (Coluna do dia 07/12/1948).

Caras leitoras e leitores, vocês já perceberam, que quando estudamos História na escola, focamos em alguns assuntos específicos: guerras, economia e política? Você já parou para pensar que, em muitos momentos da História, esses eram espaços em que as mulheres estavam excluídas?

Quando colocamos apenas os homens como os comandantes e participantes destes processos, excluímos a história das mulheres e as transformamos em sujeitos secundários, de menor relevância. Por isso a importância de estudar uma História que inclua todos os sujeitos, especialmente as mulheres.

O que estava acontecendo na época

Sobre o contexto desta época, no início do século XX o Brasil começou a passar por seu processo de industrialização. Muitas mulheres, aquelas que fazem parte das classes mais pobres, que já trabalhavam como lavadeiras, domésticas, vendedoras, cozinheiras, passaram a trabalhar também nas indústrias.

Nos EUA, lugar onde a coluna foi escrita, no período da Primeira e Segunda Guerra Mundial, muitas mulheres ocuparam os cargos antes ocupados por homens em fábricas já que estes estavam envolvidos nos conflitos.

Podemos então perceber que, em um determinado momento da história, as mulheres passaram a deixar mais os seus lares e ocupar a vida pública, saindo de casa para trabalhar.

“Valorizando” o papel da mãe e deixando de lado a trabalhadora

Mostrar a importância do papel das mães na sociedade, e dar a entender que uma mãe ruim poderia gerar consequências catastróficas para o mundo todo talvez fosse um bom discurso para convencer as mulheres a deixar seus trabalhos e suas lutas para dedicar-se integralmente à maternidade.

Existia outra opção para as mulheres?

Em outra coluna, a frase de abertura é a seguinte: “Não se pode obrigar uma mulher casada a desejar filhos, se ela tenciona seguir uma carreira”.

No entanto, é importante ressaltar que, apesar de apresentar esta possibilidade para as mulheres, fica claro que as mulheres que optavam por não serem mães, eram vistas como rebeldes.

Como você vê a maternidade nos dias de hoje? Discuta com os colegas esse assunto.

E o sustento dos filhos?

Leia o trecho a seguir: ‘Talvez tenhamos que adotar o sistema da Nigéria, onde o pai recebe uma determinada quantia em pagamento para deixar a filha casar -

depois, recebe uma "bonificação" para cada filho que ela dá à luz.' (Coluna do dia 15/11/1949).

Podemos ressaltar dois pontos aqui:

- O pai é visto como o principal responsável pela parte financeira da criação dos filhos, pois é ele que merece uma compensação financeira.
- A reflexão que podemos fazer sobre esse trecho é como a filha é vista como propriedade do pai. O autor está se referindo ao fato de que o pai tem direito a uma compensação financeira pelos gastos que teve com a criação dos filhos, porém, é apenas uma situação com a filha é mencionada. O que podemos pensar sobre essa questão?

3.4.1 Colunas sobre maternidade e paternidade

Figura 4: Coluna do dia 07 de dezembro de 1948

Que sabe dos Homens e das Mulheres?

Serão as mulheres responsáveis pela maioria dos sofrimentos do mundo?

(Copyright The George Mathew Adams Service, distribuído por APLA)

De ERNEST E. BLAU

Como se pôde atribuir os sofrimentos do mundo às mulheres? Os homens são mais fortes do que as mulheres. Controlam os governos e as indústrias, iniciam as guerras, dirigem os negócios e as finanças, dominam a imprensa, os tribunais. São os donos do mundo, é verdade, mas nem sempre os melhores.



No entanto, são apenas projeções dos lares e das mulheres - pois as mulheres, na qualidade de mãe, fixam muitas das características e psicoses que fazem dos homens o que eles são. Os psiquiatras nos dizem que a influência materna sobre a criança, nos seus anos de formação, dura a vida toda. É a mãe quem, originariamente, reúne os leixes de ambições, temores, fanatismos e neurôses que são os líderes do mundo. As autoridades dizem que as cruzadas, as guerras mundiais, as ondas de crimes foram o resultado de neurôses formadas na infância rejeitada, frustrada e incompreendida. Néro, Hitler, Blood Mary, Capone, Judas Iscariotes - cada um deles reflete alguma coisa de u'a mãe que fracassou.

período, que foi uma página negra, nos sentimentos cristãos da humanidade.

Nós, no Brasil, muito aprendemos com as lições que nos trouxeram a conflagração mundial de 1914 a 1918.

É, que dependíamos em tudo, do estrangeiro e importávamos, para não ir mais longe, farinha de milho, de Portugal e manteiga, da França.

País essencialmente agrícola, não tínhamos agricultura, pois, os Estados calcicultores, apenas cultivam esse produto e os Estados, em que predominava a cana de açúcar, só plantavam cana de açúcar.

No Paraná, não se tinha agricultura, pois a extração da ervamate e da madeira, consumia todo o tempo e todo o interesse do nosso povo.

Em alguns Estados, plantava-se também o algodão, o fumo e o cacau.

Rádios RCA

em Exposição no

Armazem Central

Figura 5: Coluna do dia 15 de novembro de 1949

Que sabe dos Homens e das Mulheres ?

(Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

De ERNEST E. BLAU

Devem ser divididas entre a esposa e o marido as despesas com os filhos

É muito interessante denominá-los de "uma bênção dos céus" e de "pequenos raios de sol que iluminam o lar", - mas, na verdade, as crianças custam muito atualmente. Muitos casais não compreendem em que se metem quando a cegonha lhes traz o primeiro bebê. É verdade que os filhos contribuem muito para a felicidade do lar - mas é verdade, também, dizem as autoridades, que o dinheiro gasto com os filhos daria para garantir o futuro de muitos casais.

Os filhos constituem uma pesada carga financeira para os que vivem de ordenados. Uma companhia de seguros revelou que para criar um menino até os 18 anos se gasta 7.850 dólares, e uma menina, até a mesma idade, 7.800 dólares. Isto inclui as despesas com a maternidade, alimentos, roupas, alojamen-

to, assistência médica, etc. E representa uma grande despesa para uma família pobre.



Talvez tenhamos de adotar o sistema da Nigéria, onde o pai recebe uma determinada quantia em pagamento para deixar a filha casar - depois, recebe uma "bonificação" para cada filho que ela dá à luz.

3.4.2 Proposta de atividade sobre maternidade e paternidade

Vamos discutir sobre o que lemos?

Faça novamente a leitura do texto e destaque as partes que tenham chamado mais a sua atenção.

Faça um círculo em sua sala e, junto com os seus colegas, tente encontrar as respostas para as questões a seguir:

1. Grife nos textos da coluna trechos que destaquem quais eram os papéis das mães e dos pais na criação dos filhos. Use cores diferentes para identificar a função das mães e dos pais.
2. Diferencie o papel das mães e dos pais na criação dos filhos de acordo com o período que a coluna foi escrita.
3. Observe as imagens que acompanham os textos das colunas. O que elas representam? Relacione as imagens com os textos da coluna.
4. Você acha que a visão que temos na atualidade sobre a função das mães e dos pais é diferente das que estão descritas na coluna? Aponte o que mudou e o que você acha que permanece igual.

Após a realização do debate, pesquise com os seus colegas na internet a quantidade de crianças que não tem o nome do pai em seu registro de nascimento. Criem um cartaz para expor na escola com essa informação e sobre como vemos de forma diferente as responsabilidades de mães e pais na criação e educação dos filhos, como essas diferenças foram construídas historicamente (podem usar as imagens das colunas) e questionamentos de como podemos mudar esta realidade.

3.5 SOBRE A VIOLÊNCIA

Caras leitoras e leitores, outro problema presente nas colunas do jornal é a violência. Como já mencionamos o casamento e os filhos estão relacionados ao tema da violência. Nas colunas em que este assunto aparece, ele está relacionado as questões familiares.

Para começarmos a discussão, leia o trecho a seguir:

Quando um <<abat-jour>> foi atirado de uma casa, na costa ocidental, há algum tempo, indo espatifar-se na rua, a polícia penetrou na residência e encontrou uma mulher estendida no solo, vibrando ponta-pés e mordendo, e o marido sentado sobre ela - seguro como uma tampa de uma panela de pressão. O homem disse que não podia sair - por isso, os dois policiais seguraram a mulher, enquanto o marido se afastava. Ninguém quis fazer acusações - e o marido disse que procedeu em legítima defesa. Por que estariam lutando? Bem, tudo começou quando ele encontrou um caroço no suco de laranja - e uma coisa puxou a outra. (Coluna do dia 07/06/1949).

Qual o motivo da briga descrita no texto da coluna?

O que podemos perceber é uma situação de briga e agressão entre marido e mulher que teria começado pelo seguinte motivo: O homem teria encontrado um caroço de laranja no suco. Por que esse seria motivo para uma briga? Pelo fato de a mulher não ter executado corretamente uma ação destinada a uma dona de casa?

Como as situações de violência são tratadas nas colunas?

Uma coisa importante para mencionar aqui é que, como você deve ter percebido no trecho mencionado anteriormente, o autor parece não tratar com a seriedade necessária a questão da violência, abordando de “maneira leve” o fato que, na verdade, é bastante grave.

O que podemos tirar de positivo da história narrada é que, pelos menos, a polícia foi chamada. Essa é a atitude correta quando somos confrontados com uma situação de violência. Em situações de violência doméstica não se aplica a máxima popular “em briga de marido e mulher não se mete a colher”, ok?

O que causa as situações de violência trazidas nas colunas?

Bem, esse é um ponto interessante de ser analisado. Ao fazer leitura de todas as colunas que de alguma forma fazem menção a violência doméstica, acabamos percebendo um padrão: A mulher sempre é retratada como a causadora da situação e, o homem quando pratica um ato de violência está apenas defendendo-se ou respondendo a violência da esposa com um ato também violento. Ou seja, a mulher é sempre responsabilizada pela violência. Nas narrativas é ela que desagrada, ou não cumpre o seu papel e o marido reage, para se defender.

Uma justificativa bastante preocupante quando pensamos que as maiores vítimas de violência doméstica são as mulheres. Seria como se elas fossem as causadoras da violência que as aflige.

Leia este outro trecho:

Não obstante, não creio que isto seja uma desculpa para a mulher atirar um jantar frio no marido, quando este chega tarde em casa, como aconteceu recentemente em Connecticut. Ou para um marido esmurrar o nariz de sua consorte quando esta serve o almoço com três horas de atraso - como também aconteceu. (Coluna do dia 20/09/1949).

Diferenças

Outro ponto que podemos levantar é a diferença entre a reação dos homens e das mulheres. Ao analisarmos os textos das colunas, percebemos como as reações violentas ligadas aos homens são muito mais intensas do que aquelas ligadas as mulheres. O autor sempre coloca as mulheres na posição de quem apanha porque não cumpriu seu papel, como se fossem

Para concluirmos essas reflexões sobre a violência, algo interessante a se perceber é que, em uma das colunas, se afirma que as mulheres são mais “instáveis” em relação ao humor.

Consegue notar uma contradição, leitoras e leitores?

As mulheres são mais sensíveis em relação a mudança de tempo, porém, as mulheres brigam e os homens, batem. Quem é mais instável? A mulher que é sensível ou o homem que não sabe conversar e parte para agressão física?

Sobre a violência na atualidade

Uma pesquisa é realizada bianualmente desde 2005 pelo Instituto de Pesquisa DataSenado, em parceria com o Observatório da Mulher contra a Violência para ouvir as brasileiras sobre a questão da violência contra as mulheres no país. Foram entrevistadas 1116 mulheres e esse é um dos dados que a pesquisa traz: *O DataSenado constatou aumento significativo do percentual de mulheres que declararam ter sido vítimas de algum tipo de violência provocada por um homem: esse percentual passou de 18%, em 2015, para 29%, em 2017.*

Outra pesquisa divulgada pelo site do Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, faz a seguinte afirmação: *A cada ano, cerca de 1,3 milhão de mulheres são agredidas no Brasil, segundo dados do suplemento de vitimização da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) referente a 2009.*

Cara leitoras e leitores, esses números trazem dados concretos sobre a violência doméstica no Brasil, porém, infelizmente não precisamos de números e pesquisas para notar que a violência contra as mulheres é um problema em nossa sociedade, basta assistir algum noticiário ou ler um jornal que notaremos o quão fácil é encontrar notícia sobre esse assunto. Por isso, ao falarmos sobre agressões dentro dos lares, entre maridos e esposas, não podemos amenizar a situação, tratá-la apenas como um descontrole momentâneo ou ainda usarmos aquele antigo e ultrapassado ditado “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Ao presenciar ou até mesmo sofrer uma situação de violência doméstica busque ajuda, procure uma delegacia da mulher ou ligue 180 que é o número da Central de Atendimento à Mulher.

3.5.1. Colunas sobre violência

Figura 6: Coluna do dia 20 de setembro de 1949

Mulheres ?

(Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

De ERNEST E. BLAU

Que direito têm as mulheres e os homens casados?

Quando um comitê da ONU teve o almoço retardado por um discurso, o presidente chamou a atenção para o artigo 27 da Declaração dos Direitos Humanos - que, observou, inclui o direito de todos comerem a hora certa. Não obstante, não creio que isto seja uma desculpa para a mulher stirar um jantar frio no marido, quando este chega tarde em casa, como aconteceu recentemente em Connecticut. Ou para um marido esmurrar o nariz de sua consorte quando esta serve o almoço com três horas de atraso - como também aconteceu.

«Pensei que eu tinha o direito de comer a uma hora razoável em minha própria casa», disse ele ao juiz. Ao que este replicou: «Os seus direitos terminam onde começa o nariz de sua esposa». E esta, meus amigos, é uma regra muito boa para todos os casais - saber onde começa o nariz de seu companheiro.

Os maridos e as esposas estão fadados a brigar constantemente, dizem as estatísticas, se um deles procura governar o outro. Todos precisam ter alguns direitos e regalias, mesmo casados. Um homem que não vê senão as suas próprias conveniências e caprichos - uma mulher que acha que sômen-

te ela sabe de tudo e deve mandar - mais cedo ou mais tarde o seu companheiro resolve preferir a liberdade.

Li recentemente o caso de uma mulher que se divorciou depois de seguir durante 20 anos o código estabelecido pelo seu marido. As regras mais recentes diziam: Não comente em casa o último filme; Faça uma contabilidade ri-



gorosa de todos os niquês dados às crianças; Nunca me diga, «Você não está de bom humor», ou qualquer outra coisa que me ofenda; faça o que eu mandar - deixe as perguntas para depois. Imaginem só! Vinte anos nesse regime! Um bispo observou recentemente: «O divórcio geralmente representa um casamento que morreu de asfixia».

Figura 7: Coluna do dia 11 de abril de 1950

Que sabe dos Homens e das Mulheres ?

As mulheres são mais sensíveis à influência do tempo

(Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

Algumas pessoas são muito sensíveis à influência do tempo - as mulheres em maior grau do que os homens. Quando a umidade é alta, ficam cheias de dores, ou sentem falta de ar. É nessas ocasiões que as mulheres costumam brigar e os homens bater na esposa. Depois, vem um dia bonito e todos se sentem tão felizes como um garoto diante de uma taça de sorvete.

As estações do ano também exercem forte influência. As estatísticas mostram que os suicídios e enfermidades mentais aparecem com mais frequência na primavera e no verão. É pena que muita gente não compreenda que se trata apenas da pressão barométrica.

Assim, meu querido catavento, da próxima vez que sentir uma forte irritação, não comece a jogar os sapatos - olhe para o céu e para o calendá-

rio. Aprenda a reconhecer a sua pressão barométrica. Poderá desta maneira evitar as brigas domésticas como aconteceu a um casal recentemente.

Os anais do tribunal mostram que uma mulher chegou em casa numa noite de chuva e bateu no marido com o guarda-chu-



6636 76

va. Irritado, o marido lhe jogou uma cadeira, atirou a faca e ligou o gás.

3.5.2 Proposta de atividade sobre violência

Vamos discutir sobre o que lemos?

Organizem a sala em duplas, realizem uma leitura destacando as partes que tenham chamado mais a sua atenção. Depois, debata com seu colega e tentem responder as perguntas a seguir:

1. Grife nos textos da coluna as situações de violência descritas e busque característica em comum que existem nessas situações.
2. Sobre as situações de violência descritas, apontem:
 - Quais os motivos levaram a essas situações segundo o autor?
 - Quais são as situações de violência causadas por mulheres contra os homens?
 - Quais são as situações de violência causadas por homens contra as mulheres?
 - Faça um comentário comparando o papel de homens e mulheres nessas situações de violência.
3. Observe a imagem que acompanha a coluna do dia 11/04/1950. O que essa imagem representa? Relacione a imagem com o que foi discutido nas questões anteriores.
4. Pesquise dados atuais sobre violência doméstica e escrevam um texto sobre estes dados relacionando com a análise que você fez sobre as colunas. Você pode pesquisas nos esses dados no site do Ipea ou do Fórum de segurança.

Após realizar as atividades, crie, um folheto utilizando o texto que vocês escreveram na questão número 4, para ajudar seus colegas a refletirem sobre o problema da violência doméstica no Brasil.

3.6. SOBRE O TRABALHO

Caras leitoras e leitores, para falarmos deste assunto tão importante que é o trabalho, vamos dividi-lo em dois momentos: O trabalho feito fora de casa, assalariado, ligado as questões profissionais. Mas existem um outro tipo de trabalho mencionado na coluna, um tipo de trabalho essencial e muito importante que faz parte do nosso cotidiano: O trabalho doméstico. Este segundo tipo, trazido pelas colunas como algo que é, quase que exclusivamente, feito por mulheres.

Sobre trabalhar fora de casa

O trabalho exercido fora do espaço doméstico, o trabalho assalariado, que envolve uma carreira profissional é descrito muitas vezes, em diversas colunas, como algo a ser desempenhado pelo homem. Fica bastante claro ao analisarmos a coluna que, o que se espera das mulheres que trabalham fora é que abandonem suas carreiras assim que se casem para que possam desempenhar de maneira plena seus papéis de esposas e mães.

Qual é o interesse de manter as mulheres afastadas do mercado de trabalhos?

Podemos relacionar o trabalho assalariado com a independência, e talvez essa seja a questão que muitos maridos gostariam de evitar que suas esposas alcançassem. Porém, apesar de pensarmos em como o trabalho feminino pode ser libertador para as mulheres, não podemos esquecer em como este foi desvalorizado e diminuído ao longo do tempo. Não é à toa que, até os dias de hoje, as mulheres busquem equiparação salarial com os homens e as mesmas chances em ascender em determinadas carreiras profissionais.

Trabalhos para mulheres: Secretária

Algumas profissões são trazidas pelas colunas como carreiras que podem ser exercidas por mulheres. Uma dessas carreiras é a de secretária.

Há uma coluna que fala sobre todas as características positivas que uma secretária da época deveria ter. Veja como ela é descrita:

A secretária moderna é mais educada, mais hábil, mais preparada, mais bem vestida e tem melhor aparência, ganha mais dinheiro e tem mais responsabilidades e ambição, e tem igualmente melhor oportunidade de casar com o diretor. (Coluna do dia 31/05/1949).

Percebemos que as características que tornam uma mulher uma boa secretária não são apenas ligadas ao lado profissional. Boa aparência e a forma como elas se vestem também são consideradas características importantes. Para encerrar sua descrição de atributos positivos para uma secretária entra a questão do casamento, tão abordada em colunas de outros dias. Uma secretária que apresente todas essas qualidades ainda tem mais “oportunidade” de casar com o diretor. Isso é claro, é visto como algo positivo e muito benéfico para a mulher nesta posição.

Um lembrete

Aqui cabe ressaltar a ideia que muitas revistas femininas e colunas destinadas a leitura do público feminino traziam na época: de que a maior realização da vida de uma mulher era casar e formar uma família. Uma mulher que estivesse trabalhando fora estava nesta condição temporariamente, apenas esperando o momento em que iria se casar. A ideia de que a secretária tem a oportunidade de se casar com o seu chefe também deixa claro de que se trata de uma mulher solteira, afinal o trabalho de fora de casa não seria destinado a uma mulher casada.

O trabalho é colocado na categoria de facilitador do acesso ao “bom” casamento e não como desenvolvimento profissional para a mulher. Ou seja, mesmo quando falam do trabalho, estão interessados em discutir como a mulher arranja um casamento.

Trabalho para mulheres: Médica?

Quando a coluna fala sobre a “secretária” parece que esta é uma profissão unicamente feminina e não se questiona tal fato. Já quando o assunto é a medicina, o autor deixa claro que esta é uma profissão majoritariamente exercida por homens, mas que tal fato deveria ser revisto. A questão posta na coluna é: “As mulheres são tão bons médicos quanto os homens?”

Mulheres: mães e cuidadoras

A coluna cita o exemplo dos machucados da infância e explica que, nessas ocasiões, a primeira pessoa que vamos procurar são nossas mães. São as mães as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos, por isso procuramos a mãe e não o pai. É interessante refletir que, a maternidade que é muitas vezes colocada como um empecilho para que as mulheres sigam uma carreira profissional, é colocada neste momento como uma característica que pode contribuir para o desenvolvimento de um trabalho na área de saúde.

“Inclinação natural”

O autor segue afirmando que as mulheres deveriam ser mais presentes na medicina e afirma que ‘As mulheres tem uma inclinação natural para a medicina.’ (Coluna do dia 23/11/1949). O que seria essa chamada “inclinação natural”? Estaria ligado ao fato de que um dos papéis que se espera que a mulher execute na sociedade é o de cuidadora?

Trabalho doméstico

Muita gente pensa que as jovens que trabalham nos escritórios e nas fábricas têm melhor vida do que as donas de casa. Mas é uma ilusão. Um inquérito recente mostra que apenas 37% das jovens acham que a mulher empregada tem vida melhor - mas 50% dizem que a dona de casa é mais feliz. (Coluna 26/06/1949).

Caras leitoras e leitores, você consegue perceber neste trecho o empenho do autor para desencorajar as mulheres de buscarem trabalho fora de casa? Apesar de

citar que as mulheres que trabalham fora conhecem mais pessoas e são independentes financeiramente, continuam a defender a ideia de que a verdadeira felicidade feminina está no lar. Para justificar esta afirmação o autor usa o seguinte fato: 'Nota-se que a maioria das jovens deixam o emprego para casar e cuidar de um lar - mas são muito poucas as que deixam o lar para se empregar, a menos que precisem.' (Coluna do dia 26/06/1949).

Contexto

A coluna foi publicada no Brasil em 1949, quatro anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Sabemos que em países que participaram do conflito, muitos homens em idade de trabalho tiveram que deixar seus empregos e partir para a guerra. Quem ocupou estas vagas foram as mulheres. Ao término do conflito, os homens regressaram para as suas casas e deveriam retomar seus empregos, mas como se muitos deles já haviam sido ocupados por mulheres? A partir deste momento criou-se um movimento para incentivar as mulheres a voltarem a trabalhar apenas em suas casas e deixar para os homens as vagas de empregos.

Os homens e o serviço doméstico

Uma das colunas começa com a frase: "Os homens ajudam no lar". Quando falamos que os homens "ajudam" as mulheres nos serviços domésticos, já fica entendido que os serviços domésticos são responsabilidade das mulheres e a função do homem, se ele quiser, é apenas a de ajudar a sua esposa.

Setenta por cento dos homens casados dizem que saem da cama sozinhos e preparam sua primeira refeição. Oitenta e cinco por cento dos maridos dizem que ajudam a lavar os pratos ou fazem esse serviço sozinhos, com razoável regularidade. Noutro estudo, os maridos ajudam na pia 83% do tempo. (Coluna do dia 17/05/1950).

A imagem que acompanha este texto é um homem lavando pratos. Uma imagem simples se não fosse por um pequeno detalhe: O homem possui asas de anjo.

Realidades diferentes

Dentro do matrimônio, já ficou bastante claro quais são os papéis de homens e mulheres. Os homens, como provedores, trabalham fora de casa para que possam garantir o sustento da família. As mulheres, podem optar por trabalhar fora até casarem-se. Depois disso, seu lugar é o espaço doméstico, e seu trabalho torna-se única e exclusivamente os afazeres domésticos e a educação dos filhos. Porém, essa descrição do que seria a divisão de trabalho ideal de uma família não correspondia ao real em boa parte das famílias brasileiras no período em que a coluna foi publicada. A realidade das famílias mais pobres necessitava que maridos e mulheres trabalhassem e essas acabavam sendo grandes contribuidoras para a renda da casa, isso quando não eram as principais provedoras.

Diferentes realidades no tempo

O debate sobre o trabalho profissional e sobre o trabalho doméstico não se coloca para uma grande parte das mulheres pobres hoje no Brasil. Segundo dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) cerca de 28,9 milhões de famílias são chefiadas por mulheres no país atualmente.

Isso significa que são elas as responsáveis pelo sustento da casa e dos filhos. E fazem os mais diversos tipos de trabalho.

3.6.1 Colunas sobre trabalho

Figura 8: Coluna do dia 26 de junho de 1949

Que sabe dos Homens e das Mulheres? I

As donas de casa tem melhor vida do que as jovens empregadas? (Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

De ERNEST E. BLAU

Muita gente pensa que as jovens que trabalham nos escritórios e nas fábricas têm melhor vida do que as donas de casa. Mas é uma ilusão. Um inquérito recente mostra que apenas 37% das jovens acham que a mulher empregada tem vida melhor — as 50% dizem que a dona de casa é mais feliz.

peras das cinco horas para apanhar outro ônibus, e regressar para casa — não é precisamente a idéia que muitas jovens fazem de uma vida feliz.

Naturalmente elas encontram pessoas — muita gente, na verdade. São independentes, pois ganham dinheiro — e o trabalho para quatro minutos antes das 5. Mas note-se que a maioria das jovens deixam o emprego para casar e cuidar de um lar — mas são muito poucas as que deixam o lar para se empregar, a menos que precisem.

As que conheceram ambas as formas de vida dizem que a dona de casa tem mais horas de folga, pode regular sua vida à vontade, não recebe ordens de ninguém, nem precisa vestir-se como uma estrela de cinema todas as manhãs, correr para o ônibus das 8,05 ou "lamber as botas do patrão".

Mas as donas de casa também tem seus maus momentos. Li há poucos dias o caso de um cidadão que espancou a esposa porque ela requeitou o espaguete e queimou-o. Muitas vezes a mulher limpa a cozinha, lava os pratos, arruma tudo e senta para ler uma revista. Nesse momento, alguém entra na cozinha e grita: «ESTOU COM FOME!».



Essa história de acordar toda manhã muito cedo, quando toca o despertador, tomar o mesmo ônibus, na mesma esquina, fazer o mesmo trabalho de todos os dias, sair ao meio dia para o almoço, receber ordens a toda hora, com um olho no relógio à es-

Figura 9: Coluna do dia 17 de maio de 1950

Que sabe dos Homens e das Mulheres ?

Os homens ajudam no lar.

(Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

Setenta por cento dos homens casados dizem que saem da cama sòzinhos e preparam sua primeira refeição. Oitenta e cinco por cento dos maridos dizem que ajudam a lavar os pratos ou fazem esse serviço sòzinhos, com razoável regularidade. Noutro estudo, os maridos alegam que ajudam, na pia, 83% do tempo.

Recentemente, uma atriz estrangeira comentou: "O homem europeu nunca visita a cozinha. Achei uma maravilha o costume norte-americano. O marido e a mulher trabalham na cozinha. Ele ajuda a cozinhar e às vezes a lavar os pratos". Ao mostrar este comentário à minha esposa, ela explodiu numa gargalhada. No entanto, um inquérito realizado entre mulheres revela que 61% das esposas lavam os pratos sòzinhas. E 60% la-

vam tôdas as roupas da família. Um comentário típico: "Eu é que faço tudo sòzinha na minha casa".

Evidentemente, a proporção do trabalho doméstico realizado depende de quem está prestando depoimento. Para a maioria dos mari-



dos, uma noite por semana parece 83% do tempo.

x x x

3.6.2 Proposta de atividade sobre trabalho

Vamos discutir sobre o que lemos?

Organize a sala em grupos de quatro integrantes, realizem a leitura do texto e das colunas destacando as partes que mais tenham chamado a sua atenção. Depois da leitura, responda as perguntas a seguir:

5. Grife nos textos das colunas os trechos que definem quais eram os papéis de homens e mulheres em relação ao trabalho.
6. Escreva um parágrafo falando, de acordo com as colunas e com o texto lido, sobre a relação das mulheres com o trabalho. O que era considerado “trabalhos de mulheres” tanto dentro quanto fora de casa?
7. Observe a imagem que acompanha a coluna do dia 17/05/1950. Relacione a imagem com o texto da coluna e discuta o significado desta imagem com seus colegas.
8. Pesquise dados atuais sobre trabalho feminino:
 - Onde vemos maior atuação feminina no mercado de trabalho?
 - Diferença entre salários de homens e mulheres.
 - Mulheres e o trabalho doméstico atualmente.

Após realizar as atividades, com as informações obtidas principalmente com a questão 4, produza um mural em sua escola falando sobre a atuação das mulheres no mercado de trabalho e a busca por direitos das mulheres nesta área.

3.7 SOBRE MULHERES COM COMPORTAMENTO MASCULINO

Caras leitoras e leitores, nesta categoria estão as colunas que tentam mostrar como eram, ou deveriam ser os comportamentos de mulheres e homens. O que a sociedade esperava de cada um deles em determinadas situações e, principalmente, como eram vistas as mulheres que adotavam alguns “comportamentos masculinos”.

Já fica aqui uma reflexão para você: Existem comportamento feminino e masculino? Eles são naturais ou são construídos socialmente?

Sobre bebidas alcoólicas e cigarros

“A bebida é um passatempo exclusivamente masculino?”. Esta é a pergunta que inicia uma das colunas. O autor começa com a informação de que as mulheres sempre citam como defeito masculino o hábito de consumir álcool.

No entanto, segundo a coluna, “para cada três homens que bebem, há duas mulheres que gostam de molhar a garganta” (Coluna do dia 12/04/1949).

Podemos perceber ao ler o texto do jornal, como esses costumes vistos como tipicamente masculinos são considerados, para as mulheres, um hábito ruim. Ou seja, uma mulher que bebe ou fuma como um homem, torna-se desagradável. Leia o trecho a seguir: ‘O fumo – outro hábito masculino agora feminilizado – seguiu uma tendência paralela a bebida. Há alguns anos, uma mulher que fumava provocava olhares de censura. Atualmente 2 em cada 5 mulheres fumam.’ (Coluna do dia 12/04/1949).

Por que apenas as mulheres que fumavam provocavam olhares de censura? Podemos dizer que é pelo fato dela estar adotando um hábito que não pertence a ela?

“A adoção de costumes masculinos não torna as mulheres mais felizes”

Essa é a frase que inicia uma das colunas. Além dessa frase, a coluna traz a seguinte informação:

25 por cento das mulheres, de acordo com uma pesquisa, gostaria de ter nascido homem, diferentemente dos homens, que dificilmente falam que gostariam de ter nascido mulher. Leia o trecho a seguir: ‘Mesmo as mulheres que dizem que não queriam queriam ser por nada neste mundo acham às vezes que seu sexo foi roubado quando a natureza não lhe deu músculos, a

liberdade de ação e os empregos bem pagos dos homens. (Coluna do dia 01/11/1949).

Sexo roubado

O autor da coluna deixa entendido que essas diferenças existentes entre os sexos é algo natural, e vista como natural tanto para homens como para as mulheres. Foi a natureza que não deu às mulheres músculos, liberdade e empregos com bons salários. As mulheres desejavam ser homens por atributos sociais e não meramente físicos ou sexuais. Leia este outro trecho: 'milhares de mulheres estão hoje procurando fazer o mesmo que os homens. Usam calças compridas, embora estas nem sempre lhes assentem bem. Fumam e tragam. Ficam num bar até a hora do fechamento da casa.' (Coluna do dia 01/11/1949).

Caras leitoras e leitores, consegue notar neste trecho os hábitos que o autor destaca como masculinos e que são apropriados por mulheres? A ideia de que esses são hábitos masculinos permanece até os dias de hoje? Leia o trecho a seguir:

Tanto quanto posso observar a maioria das mulheres não se diverte realmente com o estilo de vida masculino. Naturalmente seriam muito mais felizes se procurassem viver como mulheres. Mas elas querem imitar os homens e não adianta dar conselhos, pois seria pregar no deserto. (Coluna do dia 01/11/1949).

O que seria viver como uma mulher no ano de 1949?

Em colunas de outros dias essa ideia fica bem apresentada: Trabalhar até casar-se e, depois de casada, viver uma vida de dona de casa, cuidando do marido e dos filhos. Neste cenário se encontra a felicidade feminina. Mas se as mulheres são tão felizes vivendo desta forma, por que na coluna do dia 01 de novembro de 1949 o autor afirma que uma boa parcela das mulheres desejava ter nascido homem?

3.7.1. Colunas sobre mulheres com comportamento masculino

Figura 10: Coluna do dia 01 de novembro de 1949

Que sabe dos Homens e das Mulheres ?

(Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

De ERNEST E. BLAU

A adoção dos costumes masculinos não torna as mulheres mais felizes.

Um inquérito revela que 25% das mulheres admitem que desejariam ter nascido homem, ao passo que dificilmente se encontra um homem que diga preferir ter nascido mulher. É um triste fato que um tão grande número de mulheres preferisse ser homem - e tenha ainda a coragem de confessar. Mesmo as mulheres que dizem que não quereriam ser homens por nada neste mundo acham às vezes que o seu sexo foi roubado quando a natureza não lhe deu os músculos, a liberdade de ação e os empregos bem pagos dos homens.

Quando uma jovem extraordinária como Babe Didrikson consegue superar a maioria dos homens, na natação, na corrida ou no "golf", todos a elogiam; mas se algum homem ganha um concurso de bordado ou de tricô, todos o ridicularizam.

Milhares de mulheres estão hoje procurando fazer o mesmo que os homens. Usam calças compridas, embora estas nem sempre lhes assentem bem. Fumam e tragam. Ficam num bar até a hora do fechamento da casa.

Mas, quando se trata de beber, as mulheres não podem acompanhar os homens, - m perderem as suas inibi-

ções em público - e isto, minha cara Esmeralda, sempre é muito perigoso numa taberna. Um gerente de bar me disse que as mulheres também não sabem pedir bebidas. "Tenho visto mulheres passar do whiskey para a cerveja e da cerveja



para o gin, numa mesma noite".

"Essa mistura faria até um coelho cuspir na cara de um cachorro".

Tanto quanto posso observar a maioria das mulheres não se diverte realmente com o estilo de vida masculino. Naturalmente seriam muito mais felizes se procurassem viver como mulheres. Mas elas querem imitar os homens e não adianta dar conselhos, pois seria pregar no deserto.

Figura 11: Coluna do dia 12 de abril de 1949

Que sabe dos Homens e das Mulheres?

DE ERNEST E. BLAU (Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

A bebida é um passatempo exclusivamente masculino?

Sempre que pedimos às mulheres que citem os principais defeitos dos homens, elas incluem a bebida. Mas atualmente essa crítica não tem mais razão de ser. Milhares de mulheres bebem álcool - e as estatísticas mostram que o número das adeptas do "whiskey" cresce dia a dia. Agora para cada três homens que bebem há duas mulheres que gostam de molhar a garganta. Um inquérito nacional mostra

res é de 55%. Uma autoridade diz: "A pressão social está aumentando o número de mulheres alcoólatras. Nenhuma mulher quer ser mais uma flor de estufa". E não se trata apenas de um gesto de elegância. Um funcionário do Bellevue Hospital, em Nova York, disse que 25% dos ébrios ali internados são mulheres.

Um inquérito entre jovens universitárias revelou que há duas "regulares" para cada abstinência (Uma "regular" é uma jovem que bebe habitualmente mais de uma vez por semana). As jovens que mais bebiam eram igualmente as que mais fumavam.

Aliás, o fumo - outro hábito masculino agora feminilizado - seguiu uma tendência paralela à bebida. Há alguns anos, uma mulher que fumava provocava olhares de censura. Atualmente, 2 em cada 3 mulheres fumam, consumindo uma substancial proporção dos 350 bilhões de cigarros fumados anualmente nos Estados Unidos.

Uma cidade de Massachussetes, reconhecendo o aumento do hábito de fumar, decretou: "Deante das queixas recebidas contra este vício, fica proibido fumar nas ruas, estradas e edifícios públicos, durante o dia ou a noite, sob pena de multa de três dólares". Mas isto foi em 1871 - e agora as autoridades estão tendo um trabalho enorme para fazer cumprir essa lei.

que 75% dos homens norte-americanos gostam de beber; a porcentagem de mulheres é 59%. Um grande hotel informou que 40% dos clientes de seu bar são do sexo feminino. Outro diz que entre os adeptos de "cocktails" 75% dos que chegam mais cedo são mulheres e, depois das 5 horas, a proporção de mulhe-



3.7.2 Proposta de atividade sobre mulheres com comportamento masculino

Vamos discutir sobre o que lemos?

Leia o texto e as colunas e responda as questões a seguir. Depois de responder as questões, organize a sala de aula em círculo e discuta com seus colegas as respostas:

1. Grife nos textos das colunas quais seriam os comportamentos considerados “masculinos” que as mulheres também têm.
2. *“Mesmo as mulheres que dizem que não queriam quereriam ser por nada neste mundo acham às vezes que seu sexo foi roubado”*. Qual seria o significado da frase “seu sexo foi roubado” nesse contexto?
3. Observe a imagem da coluna do dia 01/11/1949. Qual interpretação você faz dessa imagem?
4. O trecho da coluna do dia 01/11/1949 diz: **“Quando uma jovem extraordinária como Babe Didrikson consegue superar a maioria dos homens na natação, na corrida ou no ‘golf’, todos a elogiam; mas se algum homem ganha um concurso de bordado ou de tricot, todos o ridicularizam”**.

Por que a mulher se igualar ao homem é digno de elogio e o homem se igualar à mulher é ridículo? Qual valor/representação está nessa frase? Reflita sobre essas perguntas e, juntamente com seus colegas, procurem respostas para essas questões.

5. Nos dias de hoje você acha que a nossa sociedade ainda considera alguns comportamentos como masculinos e femininos? As mulheres ainda são reprimidas por terem comportamentos ditos masculinos? Relate situações em que isso tenha acontecido.

Depois de realizar a discussão, elabore um texto sobre o que se considera como comportamento de mulheres e homens e como isso pode influenciar na vida de uma pessoa (se você quiser, pode usar um relato pessoal para complementar seu texto).

3.8 SOBRE COMPORTAMENTO FEMININO

Caras leitoras e leitores, aqui vamos continuar falando sobre comportamento, mas focando mais em aspectos do comportamento feminino e, em alguns momentos, comparar o comportamento que se esperava das mulheres em relação ao que se esperava dos homens.

A moral feminina

Uma das colunas desta categoria inicia com a pergunta: "A moral feminina é diferente da nossa?" Nesta pergunta, torna-se evidente o fato de o autor da coluna ser um homem.

Fidelidade

A narrativa começa com a história de um juiz que em uma sentença, deu o direito a um marido de seguir a esposa, já que este tinha descoberto "aventuras" desta antes do casamento.

Nessa coluna fica bastante clara a visão dos homens já que era assegurado pela sociedade e até mesmo pela justiça a ideia de que a mulher era propriedade de seu marido. Seu corpo e sua vida pertenciam a ele. E mesmo aquilo que aconteceu antes do casamento em sua vida, diz respeito agora a seu marido. Além disso, para a mulher, não era bem visto que esta tivesse experiências antes de se casar

“Ente perfeito”

Para justificar essa diferença de julgamento entre homens e mulheres o autor da coluna usa o fato de os homens olharem para as mulheres como um "ente perfeito". Leia o trecho a seguir:

Tal sentença devia fazer com que as mulheres se sentissem muito contentes - e, no entanto, é provável que as tenha deixado irritadíssimas. É que as mulheres lutaram durante cem anos para conquistar os mesmos direitos e os mesmos vícios dos homens, e estes continuam afirmando que as filhas de Eva devem ser verdadeiros poços de virtude! (Coluna do dia 30/01/1950).

Então, de acordo com o autor, as mulheres deveriam sentir-se lisonjeadas em serem vistas como entes perfeitos por homens. Não se traz a discussão do peso, das expectativas, das cobranças e impedimentos que acompanham esta visão.

São as mulheres mais descuidadas que os homens?

Essa é outra pergunta que inicia uma coluna. Neste texto, além de apresentar a ideia de que as mulheres são mais descuidadas, dando um exemplo de como perdem joias com frequência, no texto é apresentada a ideia do homem como aquele que presenteia a sua companheira com presentes caros.

Leia o trecho a seguir: 'Na verdade, as mulheres deixam cair pela rua uma verdadeira chuva de ouro. Os homens gastam milhares de dólares para ornamentá-las – e elas perdem adereços a granel.' (Coluna do dia 05/07/1949).

As mulheres imaginam mais do que os homens?

Esta pergunta inicia uma coluna em que o autor tenta justificar porque as vezes as mulheres se preocupam com pequenas coisas, remoem o passado, e veem coisas onde não existem. Tenta explicar para os maridos por que as vezes quando chegam em casa do trabalho suas esposas estão chorando e lamentando-se pelos maridos não as compreender. Leia o trecho a seguir: 'As mulheres têm imaginação mais forte que os homens, pois a imaginação é emocional e as mulheres são mais emotivas que os homens.' (Coluna do dia 27/09/1949).

Vocês acreditam que este é pensamento que ainda existe nos dias de hoje?
Em algum momento você já ouviu algo parecido?

A solidão do lar

Ainda para justificar o fato de as mulheres usarem mais a sua imaginação do que os homens, o autor menciona o fato das mulheres passarem mais tempo em casa. Cabe aqui ressaltar mais uma vez sobre o espaço do lar ser considerado o espaço feminino.

Para refletir sobre esse ponto, leia o trecho a seguir:

Cuidar da casa na verdade é uma profissão muito solitária. E quem anda de ônibus ou alhures não tem tempo para fazer trabalhar a imaginação. A imaginação só funciona desenfreada na solidão. O homem sai para o trabalho toda manhã, encontra os amigos, novas situações e deixa em casa a maior parte dos problemas domésticos. Mas a sua esposa fica em casa sozinha e solta as asas da imaginação. (Coluna do dia 27/09/1949).

“As mulheres não são boas organizadoras”

Essa frase inicia outra coluna e, com essa afirmativa, o autor tenta justificar o porquê de as mulheres não ocuparem cargos de liderança nas empresas, pois não são “naturalmente” boas organizadoras.

Hoje em dia sabemos que muitas dessas diferenças tratadas como “naturais” entre homens e mulheres fazem parte de uma construção social de papéis que se espera que cada um dos sexos desempenhe e não tem uma legitimidade científica. Fazem parte apenas das relações de poder e dominação da mulher e que permaneceu no imaginário e no comportamento das pessoas.

Direitos

Segundo a coluna, além de não serem “boas” para dirigir empresas, a desorganização das mulheres também faz com que elas não tenham foco para discutir assuntos importantes de seu interesse. Leia o trecho a seguir: ‘Isso é muito fácil de observar nos chamados clubes femininos. Ali, as mulheres se reúnem para tratar dos seus <direitos> - e quase sempre gastam todo o tempo tomando chá e conversando sobre... modas.’ (Coluna do dia 10/01/1950).

Qual o interesse em descrever dessa maneira as reuniões de mulheres? Por que descrever as reuniões de uma forma que as desqualifica, menospreza e diminui? Muito provável que um dos interesses que poderia haver nesta época seja o de tentar desencorajar mais mulheres de participarem de tais reuniões.

3.8.1 Colunas sobre comportamento feminino

Figura 12: Coluna do dia 27 de setembro de 1949

Que sabe dos Homens e das Mulheres ?

(Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

De ERNEST E. BLAU

As mulheres «imaginam» mais do que os homens?

Quando você chega em casa tarde, Homero, e a esposa começa a chorar e dizer que você não compreende o sacrifício dela na cozinha e o chama de grande bruto - é provável que ela apenas tenha «imaginado» cousas. As mulheres têm a imaginação mais forte do que os homens, pois a imaginação é emocional e as mulheres são mais emotivas do que os homens. De acordo com os psicólogos, as mulheres são muito introspectivas, e quando se sentem abandonadas - o que frequentemente acontece - voltam-se para aquele pequeno compartimento do cérebro, onde guardam uma série de ofensas imagináveis. Uma mulher nesse estado considera pequenas cousas - como aquele dia em que você apanhou e devolveu o lenço da vizinha, que esta perdeu ao correr para apanhar o ônibus - como um fato suspeito e começará a ruminar aquilo interminavelmente, até que um dia desabafa.

Cuidar de uma casa, na verdade é uma profissão muito solitária. E quem anda no ônibus ou alhures não tem tempo para fazer trabalho a imaginação

a imaginação só funciona desenfreadamente na solidão. O homem sai para o trabalho toda manhã, encontra os amigos, novas situações e deixa em casa a maior parte dos problemas domésticos. Mas a sua esposa fica em casa sozinha, e solta as



asas da imaginação. Muito breve começa a recordar o passado, em vez de pensar no futuro. Vai lembrar-se daquele beijo frio que o marido lhe deu numa manhã em que acordou tarde para o trabalho. Pensará no seu olhar esquisito, quando você experimentou o café de manhã - e, pelo amor de Deus, nessa noite chegue em casa cedo.

x x x

Figura 13: Coluna do dia 01 de outubro de 1950

Que sabe dos Homens e das Mulheres ?

As mulheres não são boas organizadoras


(Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

Metade da população dos EE. UU. é constituída de mulheres. No entanto, praticamente todo o trabalho administrativo é desempenhado pelos homens. Aliás, sob um ponto de vista geral, as mulheres não foram feitas para os postos de direção e organização, preferindo dedicar-se aos detalhes.

Isso é muito fácil de observar nos chamados clubes femininos. Ali, as mulheres se reúnem para tratar dos seus «direitos» - e quase sempre gastam todo o tempo tomando chá e conversando sobre... modas.

Mas, e os trabalhos caseiros? Bem, isso é outra história... pelo menos na Nicarágua. Lá, sim! Elas souberam organizar as coisas direitinho! Naquele país, logo que chega a primavera as cidades são tomadas por verdadeiras pragas das terríveis formigas vermelhas. As donas de casa aproveitam-se para retirar dos seus lugares tudo o que pode ser

comido pelas termitas, deixando-lhes o campo aberto. Então é uma beleza! As formigas aos milhões, invadem tudo e destroem o que encontram num abrir e fechar de olhos. E matam todas as baratas, ratos, migalhas, e tudo o mais que encontram, desaparecendo logo em seguida. Todos voltam para casa, colocam as coisas nos respectivos lugares... e está feita a limpeza por mais um ano!



97

3.8.2 Proposta de atividade sobre comportamento feminino

Vamos discutir sobre o que lemos?

Organize a sala em grupos de quatro pessoas e, junto com os seus colegas, tentem responder as questões abaixo:

1. Grife nos textos das colunas as características e comportamentos que se esperava das mulheres nas décadas de 1940 e 1950. Ao fazer essa atividade, lembre-se que a coluna foi escrita por um homem.
2. Leia o texto e, refletindo sobre a atividade número 1, como os comportamento e características ditas “femininas” podem interferir da vida das mulheres no que diz respeito a sua carreira profissional e sua vida política.
3. Analise a imagem das duas colunas em anexo e relacione as imagens com os textos das colunas.
4. As colunas aqui anexadas são dos anos de 1949 e 1950. Passados tantos anos desde que esses textos foram escritos, você acredita que o pensamento do autor, da época em que a coluna foi escrita ainda encontra espaço nos dias de hoje? De que forma?

Após responder essas perguntas, pesquise figuras femininas que se destacaram ou se destacam atualmente na história, na sociedade, na política, economia, no esporte, na ciência. Juntamente com seus colegas elabore cartazes com a imagem e a história dessas mulheres e espalhe pela sua escola.

3.9 SOBRE COMPORTAMENTO MASCULINO

Caras leitoras e leitores, neste momento passaremos a falar sobre o comportamento masculino. Quais eram alguns comportamentos que se esperavam dos homens?

“Os homens são muito nervosos”

O autor das colunas liga o nervosismo dos homens com a quantidade de trabalho e tarefas que um homem deve realizar. Podemos destacar aqui a representação social do papel de um homem no período estudado. Em vários momentos as colunas descrevem a mulher como a responsável por cuidar da casa e o homem como quem trabalha fora e traz o dinheiro para sustentar a família.

Mesmo a coluna não questionando esses papéis diretamente, o autor trata sobre as desvantagens de o homem ter a responsabilidade de ser o único provedor da casa. Leias o trecho a seguir:

A tensão nervosa, quando surge com sua feia cabeça durante um longo período, pode matar qualquer pessoa. É uma pena que os homens não possam abandonar tudo com frequência. Deixar o emprego, o patrão, os ônibus, os impostos, os taxis, despertadores, máquinas de escrever, telefone, as filas - e ir repousar à beira de um lago. Eliminar tudo o que possa lembrar o trabalho - e depois eliminar o eliminador. (Coluna do dia 28/02/1950).

Fica bastante claro como o autor relaciona o estresse masculino ao trabalho. Já que não cabe a mulher sair de casa para trabalhar, ela não é mencionada nesta coluna e não é relacionado a elas esse tipo de comportamento.

Questões amorosas

“Muitos homens acreditam no amor à primeira vista”, esta é a frase que inicia uma das colunas. Nela, o autor fala sobre o fato de os homens se apaixonarem mais facilmente.

Caras leitoras e leitores, este parece um assunto bastante inocente, no entanto, o autor usa esse assunto para tratar de algo muito sensível: o número de suicídio de homens que é maior do que o número de suicídio de mulheres. A coluna relaciona

este fato a questões amorosas. Leia o trecho a seguir: 'Às vezes são mal recebidos - uma proposta de casamento em três é repelida - e o número de homens que se suicidam por amor é três vezes maior do que o de mulheres.' (Coluna do dia 14/03/1950).

Amor ou pressão

É importante lembrar que a coluna de apenas alguns dias antes falava sobre o nervosismo dos homens, as tensões relacionadas ao trabalho e a pressão que recai sobre eles por terem que desempenhar o papel de provedor da família. Porém, na hora de explicar o maior número de suicídio de homens não recorre a esses dados, mas os relaciona aos relacionamentos amorosos fracassados.

Relembrando o amor, o casamento e as mulheres

Uma reflexão a ser feita sobre esta coluna é, como já foi visto anteriormente, as mulheres são mais levadas a pensar nos relacionamentos amorosos como o fato mais importante de suas vidas, ensinadas desde muito jovens a esperarem e se prepararem para o casamento. Mesmo com este ponto sendo frisado tantas vezes em outros textos, são os homens que cometeriam mais suicídios por questões amorosas.

A causa dos problemas

O autor termina esta questão com a seguinte pergunta: 'Compreende agora, cara leitora, o que você significa para seu namorado?' (Coluna do dia 14/03/1950). Cai nesta frase a culpa de alguns destes suicídios nas costas de algumas mulheres.

3.9.1 Colunas sobre comportamento masculino

Figura 14: Coluna do dia 28 de fevereiro de 1950

Que sabe dos Homens e das Mulheres ?

(Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

Os homens são muito nervosos

Se a pessoa que me lê pertence ao sexo masculino, as probabilidades são de que seja muito nervoso e precisa repousar agora mesmo. Se não ri muito; se um pequeno trabalho parece uma montanha; se se sente como uma personagem num filme em câmara lenta; se acha que está completamente cercado de trabalho, trabalho e mais trabalho - se o médico diz que não encontra em você nenhuma doença, será melhor repousar um pouco.

A tensão nervosa, quando surge com sua feia cabeça durante um longo período, pode matar qualquer pessoa. É uma pena que os homens não possam abandonar tudo com frequência. Deixar o emprego, o patrão, os ônibus, os impostos, os taxis, despertadores, máquinas de escrever, telefones, as filas, - e ir repousar à beira de um lago. Eliminar tudo o que possa lembrar o trabalho - e depois eliminar o eliminador.

AVISO ESPECIAL: Se o seu patrão continuar a dizer



que não pode dispensar seus serviços, corte esta coluna e ponha na mesa dele.

x x x

Figura 15: Coluna do dia 14 de março de 1950

Que sabe dos Homens e das Mulheres ?

Muitos homens acreditam no amor à primeira vista.

(Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

Acredita na bomba atômica? Então, por que não dá um passo à frente e não acredita também no amor à primeira vista? Entre os universitários, 4 homens e 1 mulher em 10 acreditam nele. Vemos, pois, que os homens se apaixonam mais facilmente do que as mulheres. Às vezes são imediatamente recebidos - uma proposta de casamento em três é repelida - e o número de homens que se suicidam por amor é três vezes maior do que o de mulheres. Compreende agora, cara leitora, o que você significa para seu namorado?

No entanto, lamentamos ter de dizer que a paixão é uma enfermidade psicológica. Apaixonamo-nos por alguém que se parece com a "mulher de nossos sonhos", que vive em nossa cabeça desde a infância. Não poderíamos descrevê-la, ainda que quiséssemos;

vive apenas no subconsciente - um fantasma múltiplo que tem traços de nossa mãe, pais e outras pessoas que admiramos, na infância.



Fique pois alerta quando vir alguém que se parece com a pessoa de seus sonhos. Se a encontrar - BINGO! AMOR À PRIMEIRA VISTA!

3.9.2 Proposta de atividade sobre comportamento masculino

Vamos discutir sobre o que lemos?

Organize a sala em um círculo e, juntamente com os seus colegas, faça a leitura dos textos e tente encontrar as respostas para as seguintes perguntas:

1. Grife nos textos das colunas as características e comportamentos que o autor descreve como masculinos e tente buscar nesses mesmos textos as causas atribuídas para esses comportamentos.

2. Sobre os comportamentos ditos masculinos citados nos textos, responda:
 - Segundo o autor, qual a relação dos comportamentos masculinos descritos nos textos com as mulheres?
 - Você concorda com essa relação feita pelo autor? Explique.

3. Relacione a imagem da coluna do dia 28/02/1950 com o texto da coluna. Como você interpreta essa imagem?

4. As colunas aqui anexadas tratam sobre alguns problemas enfrentados pelos homens na época em que a coluna foi escrita. Quais são esses problemas? Você considera que esses são problemas reais? Esses problemas ainda existem atualmente?

3.10 SOBRE DINHEIRO, CONSUMO E ECONOMIA

Caras leitoras e leitores, algumas colunas tratam sobre a relação de gênero com a economia, consumo e questões financeiras. Como homens e mulheres se relacionam com estas questões, quais as diferenças entre ambos.

“Gastadeiras”

As mulheres gostam mais de gastar dinheiro do que os homens? Em alguns momentos, o autor da coluna deixa entendido que sim. Uma das frases que demonstra isso é a seguir: ‘Alguém disse: ‘Enquanto não houver lojas nas selvas, teremos poucas mulheres exploradoras’. As maiores gastadoras são as mulheres – e ganham longe para os homens.’ (Coluna do dia 21/12/1948).

Um das representações de papéis sociais atribuídas às mulheres na sociedade é o de “gastadeira”. A mulher, segundo esta mentalidade, gosta mais de gastar dinheiro que os homens e em coisas menos importantes que os homens.

Considerando que o papel da mulher não é o de trabalhar fora, então, elas não teriam o seu “próprio” dinheiro para gastar. Cabe ao marido sustentar sua esposa. Então, uma mulher “gastadeira” não é vista como uma boa esposa e logo não é uma boa mulher. Pensar que as mulheres não exploram outros lugares por não terem lojas nesses lugares dá a entender como seus interesses são limitados.

Patrões da indústria

Leia o trecho a seguir:

Então ainda dizem que as mulheres não têm influência no comércio e na indústria? Ora, elas são os patrões da indústria. Os grandes negócios, as fábricas, as casas retalhistas, a publicidade – o emprego e a prosperidade – são na verdade conduzidos naquelas pequenas bolsas pelas mulheres. (Coluna do dia 21/12/1948).

Podemos perceber aqui a relevância que o autor traz para as mulheres em relação à economia como consumidoras. Elas seriam os “patrões”, apesar de nunca serem descritas como líderes de empresas.

Economias e compras domésticas

Como as mulheres são vistas como responsáveis pela administração da casa, elas é que são as principais responsáveis pelas compras da casa. Essa é mais uma das características e das responsabilidades de uma esposa.

Nas “entrelinhas”

Em uma das colunas que aborda o tema “economia”, podemos perceber algumas características da ideologia da época. Em um dos textos temos uma informação sobre uma cidade chinesa em que as mulheres são proibidas de usar maquiagem e acabam sendo presas e castigadas caso descumpram esta regra.

Leia o trecho a seguir: ‘Num país tão próximo a fome quanto a China, não há dúvidas de que é horrível haver milhares de pessoas trabalhando em fábricas de cosméticos, em vez de nos campos de arroz.’ (Coluna do dia 19/07/1949).

Neste texto em especial, além de trazer as representações sociais de papéis de gênero, também está carregado com a ideologia econômica e política da época. Não podemos esquecer, principalmente em textos que abordam mais as questões políticas e econômicas, o contexto mundial da época. Em 1949 a Guerra Fria ainda está nos seus primeiros anos, mas é possível perceber o discurso relacionado a este assunto.

Opor a China aos Estados Unidos também é uma escolha que não é nada inocente, 1949 é o ano em que a China passa por sua Revolução que leva os comunistas ao poder. A oposição entre o capitalismo e o comunismo vai ficando cada vez mais claro no decorrer do texto.

Salvadoras

Para concluir a ideia sobre a influência do contexto político da época sobre a coluna, o autor reproduz uma frase que, segundo ele, foi dita por um influente norte-americano: ‘Estaremos seguros contra o comunismo enquanto as mulheres puderem pintar-se à vontade. Se as mulheres norte americanas passarem três dias sem

cosméticos teremos uma nação desanimada e decepcionada.’ (Coluna do dia 19/07/1949).

3.10.1 Colunas sobre dinheiro, consumo e economia

Figura 16: Coluna do dia 21 de dezembro de 1948

Que sabe dos Homens e das Mulheres?

De ERNEST E. BLAU

(Copyright The George Mathews Adams Service, distribuído por APLA)

Alguem disse: "Enquanto não houver lojas nas selvas, teremos poucas mulheres exploradoras". As maiores gostadoras são as mulheres - e ganham longe para os homens. As mulheres gastam uma média de 8 em cada 10 dolares entrados nas lojas - e se divertem bastante com isso também. As lojas de Departamentos, essas colmeias fermininas, informam que, mesmo nos seus departamentos masculinos, as mulheres fazem a maior parte das compras.

De acôrdo com um estudio entre mulheres, 67% das meias dos maridos e dos filhos, 61% das cuecas e pijamas, 58% de suas camisas são comprados pelas mulheres. Uma investigação nas principais lojas de Nova York, demonstrou que os seus funcionários de publicidade são escolhidos, tendo em vista o gosto feminino.

Uma loja, por exemplo, emprega 14 mulheres no seu departamento de propaganda e apenas um homem; outra, 4 mulheres e 1 homem; outra, 5 mulheres e

nenhum homem; duas outras, 6 mulheres e nenhum homem. Então ainda dizem que as mulheres



não têm influência no comércio e na industria? Ora, elas são os patrões industriais.

Os grandes negócios, as fábricas, as casas retalhistas, a publicidade - o emprêgo e a prosperidade - são na verdade, conduzidos naquelas pequenas bolsas pelas mulheres!

Figura 17: Coluna do dia 18 de julho de 1949

Que sabe dos Homens e das Mulheres?

Se os cosméticos uma ex- (Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela

De ERNEST E. BLAU APLA

Revela-se que numa cidade chinesa inspetores especiais estão prendendo todas as jovens de baton, e, como castigo, pintam os seus lábios com tinta nanquim. Isto faz parte da campanha da China contra o "glamour". O generalíssimo Chiang acredita que o "glamour", nos dias atuais, é uma extravagância muito cara.

o baton e os cremes não alimentam a ninguém.

As mulheres podem gastar grande percentagem da renda nacional em sua pintura pessoal. Gastaremos este ano 700 milhões de dólares em cosméticos - cabendo ao homem 10% destas despesas. Os cremes de beleza são o produto não medicinal mais vendido em 90% das "drug stores".

No entanto, esta "extravagância" desempenha um importante papel na economia dos Estados Unidos. A sua "maquilagem", leitora, dá trabalho a milhares e milhares de homens e mulheres. Não somente nas fábricas de cosméticos, mas também nas fábricas de papelão, de garrafas, nas tipografias, nos armazens, "drug stores", etc, com uma boa renda para os Estados Unidos em impostos.

Há outro ângulo, também, que não parece preocupar os inspetores do generalíssimo - a importância da pintura para o moral da mulher. Discutindo este ponto recentemente, uma influente norte-americana disse: "Estaremos segura contra o comunismo enquanto as mulheres deste país puderem pintar-se à vontade. Se as mulheres norte-americanas passarem três dias sem cosméticos, teremos uma nação desanimada e decepcionada". E entre os decepcionados estarão também cerca de 45.000.000 de homens.



Num país tão próximo da fome como a China, não há dúvida que é horrível haver milhares de pessoas trabalhando em fábricas de cosméticos, em vez de nos campos de arroz. A indústria de cosméticos é um grande empreendimento - e na verdade

3.10.2. Proposta de atividade sobre dinheiro, consumo e economia

Vamos discutir sobre o que lemos?

Organize a sala de aula em duplas e juntamente com o seu colega, leia os textos e tentem responder as seguintes perguntas:

1. Leia atentamente as duas colunas aqui anexadas e grife em cada uma delas a frase que mais tenha chamado a sua atenção. Explique as frases grifadas.
2. De acordo com os textos deste capítulo, como as mulheres participavam da economia?
3. As colunas aqui anexadas foram publicadas nos anos de 1948 e 1949. Converse com seus colegas sobre as colunas e os conteúdos estudados na disciplina
4. de história que correspondem a este período. Relacione as colunas com os acontecimentos da época.
5. “As mulheres são os patrões da indústria”. Comente sobre o significado dessa frase de acordo com os textos e depois discuta com seus colegas sobre a opinião de vocês sobre essa frase.

Faça uma pesquisa na internet sobre o número de mulheres que ocupam cargos de liderança em empresas. A seguir, produza um texto falando sobre as contradições entre a ideia trazida na coluna de as mulheres serem os “patrões da indústria”, e o espaço que elas ocupam como líderes dentro de empresas.

3.11 SOBRE POLÍTICA E VIDA PÚBLICA

Caras leitoras e leitores, um outro tema que podemos destacar nas colunas é a participação na política e na vida pública. Iremos tratar principalmente da questão feminina aqui pois, sabemos que no período em que a coluna foi escrita, a participação das mulheres na política era muito menor do que nos dias de hoje.

Sobre a conquista do voto feminino

Nos Estados Unidos o voto feminino foi conquistado em 1919 através da Emenda Dezenove. Já no Brasil, as mulheres conquistaram o direito ao voto com o Código eleitoral em 24 de fevereiro de 1932, Decreto nº 21.076.

Participação feminina

Uma das colunas, traz uma informação muito interessante: A maioria das cartas recebidas pelo Departamento de Estado são escritas por mulheres. Com essa informação o autor deseja demonstrar que as mulheres estavam se interessando cada vez mais pelos assuntos nacionais. Porém, o autor comenta que apesar de conquistarem o direito ao voto, as mulheres não conseguiam eleger outras mulheres para posições no governo. Leia o trecho a seguir:

Não obstante, parece-me que o máximo que as mulheres realmente conseguiram na arte de governo, durante a última geração, foi conquistar uma vitória moral sobre o sexo oposto – o direito de votar, como o homem. No entanto, deixam que quase somente homens se candidatem aos postos eletivos. (Coluna do dia 11/01/1949).

Participação?

O autor fala que muitas mulheres desejam ter mais representantes de seu sexo ocupando cargos políticos. No entanto, são poucas as que se candidatam a esses cargos, e quando se candidatam, não são todas as mulheres que votam em outras mulheres. O texto soa como uma crítica as mulheres em relação a isso, como se elas próprias fossem as culpadas por não ocuparem cargos políticos.

Por que as mulheres não votam em outras mulheres?

Quando o autor parece criticar o fato de que há poucas mulheres na política pois essas mesmas não se candidatam e não votam em outras mulheres ele não leva em consideração a falta de incentivo, ou mesmo a desmotivação para que elas façam tal coisa. Ser uma representante pública, uma figura política não fazia parte dos papéis sociais que se esperava que as mulheres representassem na época em que a coluna foi escrita. Ao ler o conjunto de todos os artigos, a própria coluna deixava bem claro que não era isso que se esperava das mulheres.

“As mulheres norte-americanas são as mais felizes do mundo”

Caras leitoras e leitores, o trecho a seguir é um pouco longo, mas vale a pena ser lido para que possamos entender a frase anterior que é o título de uma das colunas.

Há pouco tempo, um delegado russo, com ar de desprezo, disse: ‘A posição das mulheres nos Estados Unidos não pode ser comparada à da mulher soviética’. É verdade que alguns estados norte-americanos ainda não permitem que as mulheres sirvam no júri; as jovens americanas têm dificuldade em seguir certas profissões, como a medicina; o salário das mulheres raramente é igual ao dos homens, etc. etc.

Mas o delegado russo se esqueceu de mencionar que muito pouco adianta haver tribunal do júri na Rússia; que uma grande parte das mulheres soviéticas trabalham no pesado; que há pouco ou nenhum equipamento para economizar trabalho nas cozinhas russas; que uma mulher norte-americana não aceitaria um trabalho mesmo com um salário de um homem nas terras do tio Joe. (Coluna do dia 02/08/1949).

Guerra Fria

Lembre-se que no período em que a coluna foi escrita estava ocorrendo a Guerra Fria. Então, além de pensarmos sobre a participação das mulheres na política, nessa coluna podemos analisar como a rivalidade que havia entre os EUA e a URSS refletia nos jornais da época. O texto então, tenta mostrar para os seus leitores, que apesar das mulheres enfrentarem dificuldades em vários setores, a situação delas nos Estados Unidos era melhor do que em outros lugares do mundo. No entanto, o autor se mostra bastante ciente sobre quais são os problemas: Salários menores do que o dos homens, dificuldade em seguir certas carreiras profissionais, etc.

“São os norte-americanos dominados pelas mulheres?”

Caras leitoras e leitores, essa é a frase que inicia uma das colunas. Mas como estariam os norte-americanos sendo dominados pelas mulheres já que o autor teria afirmado em outra coluna que apenas 1% dos cargos políticos nos Estados Unidos eram ocupados por mulheres? Leia o trecho a seguir: ‘Ah, naturalmente dizem, os homens parecem estar dirigindo, mas na verdade são as mulheres que estão na sela – pois elas governam os homens desde o berço até a vida conjugal.’ (Coluna do dia 23/08/1949).

Controle feminino?

Então, por mais que diretamente não aparente que são as mulheres que controlem diversos setores da sociedade, segundo o autor, elas controlam os homens que ocupam cargos de liderança. Afirmção contraditória, como várias aliás, já que a todo momento diz que o homem é a cabeça da casa e do casamento e que a boa esposa é dedicada e até obediente.

3.11.1 Colunas sobre política e vida pública

Figura 18: Coluna do dia 11 de janeiro de 1949

Que sabe dos Homens e das Mulheres?

(Copyright The George Mathews Adams Service, distribuído por APLA)

DE ERNEST E. BLAU

Não pense que as mulheres não estão tomando interesse pelos assuntos nacionais. De acordo com um porta-voz do governo, as mulheres escrevem entre 65% e 75% das cartas recebidas pelo Departamento de Estado. Vejamos a Liga das Eleitoras-uma organização com 60.000 membros, em 600 unidades, em 34 estados.

Não obstante, parece-me que o máximo que as mulheres real-

moral sobre o sexo oposto-o direito de votar, como o homem. No entanto, deixam que quase somente os homens se candidatem aos postos eletivos.

Um inquérito realizado mostra que 70% das mulheres querem ver mais representantes do seu sexo no Congresso e nas legislaturas estaduais; 82% das mulheres querem mais representantes do sexo fragil nos governos municipal e estadual. Pois muito bem-mas, por que essas mulheres se candidatam a esses cargos? É muito bom que as mulheres falem, organizem comitês e aprovelem resoluções-mas, porque não procuram exercer mais responsabilidade, não apresentam candidatas de seu sexo e não votam nelas?

O número de eleitoras atualmente, nos Estados Unidos, é maior do que o de eleitores. No entanto, vejamos a porcentagem de mulheres nos órgãos de governo dos Estados Unidos, em comparação com outros países: Rússia, 21%; Finlândia, 9%; Japão 8%; Dinamarca, 7%; Suécia, 6%; França, Noruega e Índia, 5%; Turquia, 2%-Estados Unidos, 1%. Não, não é erro de tipo -exatamente Estados Unidos, 1%!



mente conseguiram na arte de governar, durante a última geração, foi conquistar uma vitória

Figura 19: Coluna do dia 02 de agosto de 1949

Que sabe dos Homens e das Mulheres?

As mulheres norte-americanas são as mais felizes do mundo *(Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)*

De ERNEST E. BLAU

Há pouco tempo, um delegado russo, com ar de desprezo, disse: "A posição das mulheres, nos Estados Unidos não pode ser comparada à da mulher soviética". É verdade que alguns estados norte-americanos ainda não permitem que as mulheres

to pouco adianta haver tribunal de júri na Rússia; que uma grande parte das mulheres soviéticas trabalham no pesado; que há pouco ou nenhum equipamento para economisar trabalho nas cozinhas russas; que uma mulher norte-americana não aceitaria um trabalho mesmo com o salário de um homem, nas terras de tio Joe.

De acordo com a diretoria do Bureau Feminino dos Estados Unidos - e ela deve saber a posição das mulheres nos Estados Unidos "é extremamente favorável" em comparação com o resto do mundo.

Politicamente as mulheres são mais fortes do que os homens - há dois milhões mais de eleitoras do que de eleitores - e, em todas as fases importantes da vida, as mulheres gozam de uma situação melhor do que na Europa. A mulher média norte-americana goza de imunidade do trabalho pesado; tem liberdade, educação, momentos de ócio, boas roupas, coisas a que estão acostumadas, porém que as mulheres européias nem pensam em possuir. E, sobretudo, não são tratadas como seres inferiores - como acontece em quase toda a Europa.

servam no júri; as jovens norte-americanas têm dificuldade em seguir certas profissões, como a medicina; o salário das mulheres raramente é igual ao dos homens, etc. etc.

Mas o delegado russo se esqueceu de mencionar que mu-



3.11.2. Proposta de atividade sobre política e vida pública

Vamos discutir sobre o que lemos?

Organize a sala em grupos de quatro pessoas e, junto com os seus colegas, tentem responder as questões abaixo:

1. Grife nos textos das colunas os trechos que mostram como é a participação feminina na política.
2. Leia o trecho a seguir e responda as questões:
Ah, naturalmente dizem, os homens parecem estar dirigindo, mas na verdade são as mulheres que estão na sela – pois elas governam os homens desde o berço até a vida conjugal. (Coluna do dia 23/08/1949).
 - Como as mulheres são retratadas neste trecho?
 - Segundo este trecho, como ocorre a participação das mulheres na política?
 - Você e seus colegas concordam que esta é uma boa forma de participar politicamente da sociedade?
3. Faça uma pesquisa sobre a conquista do voto feminino. Quando as mulheres começaram a votar no Brasil e nos Estados Unidos? Pesquise essa informação referente a mais quatro países.
4. De acordo com os textos lidos, como o voto feminino afetou politicamente as mulheres?

Pesquise a porcentagem de cargos políticos que são ocupados por mulheres atualmente. A seguir, usando essa informação e as respostas das perguntas 3 e 4, produza um panfleto falando sobre a importância da participação feminina na política.

3.12 SOBRE APARÊNCIA

Caras leitoras e leitores, a aparência tanto de homens como de mulheres é o tema de várias das colunas. Muitas delas dedicam-se a falar sobre o que os homens pensam sobre a imagem das mulheres, e algumas fazem a reflexão contrária.

As pernas

Segundo o autor, as pernas são uma das partes do corpo das mulheres que desperta muita atenção dos homens. Diz também que o fato de as pernas femininas despertarem o interesse masculino, faz com que as mulheres se preocupem muito com a aparência de suas pernas. Leia o trecho a seguir:

A escritora Maria Corelli, disse: 'Considero a mulher que mostra a força de sua inteligência mais digna de respeito do que a que mostra as pernas. Mas, os homens sempre preferem as pernas.' O resultado é, como demonstra um inquérito, que três em cada dez mulheres se preocupam com o aspecto de suas pernas. Querem sempre acrescentar ou tirar um pouco. (Coluna do dia 28/12/1948).

O autor menciona este texto demonstrando que, as próprias mulheres respeitam mais aquelas que demonstram inteligência do que aparência, mas não era a inteligência que os homens buscavam nas mulheres.

Aparência X Inteligência

Este trecho levanta duas reflexões. A primeira é muito clara, que as mulheres se preocupam muito com a opinião masculina a respeito delas e se deixam moldar, inclusive seus corpos, por esta opinião. O segundo ponto a ser levantado é, as mulheres preocupam-se com sua aparência e buscam por características que chamem a atenção do sexo oposto, mas serão julgadas por isso, julgadas por outras mulheres (como a escritora citada pela coluna que diz respeitar mais as mulheres que mostram sua inteligência no lugar das pernas), e julgadas pela sociedade em geral, afinal, se esse não fosse um pensamento presente em boa parte da sociedade, ele certamente não seria frisado no texto da coluna.

Masculinidade e barba

“Gostam as mulheres de homens barbados?”. Essa é a frase que inicia uma das colunas. A barba é tratada na coluna como um símbolo de masculinidade. Podemos observar isso no trecho a seguir: ‘Um homem sem barba dificilmente merece o título de homem, pois a barba é a maior prova de sua masculinidade.’ (Coluna do dia 03/05/1949).

A beleza para as mulheres e para os homens

Um dos temas abordados em uma das colunas é a cobrança que as mulheres sofrem sobre sua aparência. Leia o trecho a seguir:

Por que os homens dizem constantemente que a mulher deve preocupar-se com a idade e a aparência? Acho que os homens são sempre jovens e simpáticos! Tenho visto muitos homens, ainda jovens, já obesos, com duplo queixo e rugas. Mas isto não tem importância: são homens, e tudo está muito bem. Creia-me, sr. Blau, se houvesse a reencarnação, eu desejaria voltar a terra como HOMEM, a fim de que pudesse deixar de usar creme e viver realmente - sem preocupar-me com a minha figura. (Coluna do dia 30/08/1949).

Cobranças

Fica bastante claro que, para as mulheres, a cobrança em relação a aparência era muito maior que para os homens. Esta preocupação não é mencionada pela leitora como algo que ela faz naturalmente, ou sente prazer em “cuidar” de sua própria imagem. Ela sente que deve fazer pois é cobrada por isso, e cobrada por homens, são os homens que dizem que as mulheres devem se preocupar constantemente com a sua aparência. Já ela, a leitora, diz não se preocupar com a aparência dos homens e gostaria de viver livre dessa cobrança.

Vantagens

Mesmo com todas essas cobranças, para o autor, há uma vantagem em relação aos homens se importarem e cobrarem tanto sobre a boa aparência das mulheres. Leia o trecho a seguir:

Com sua beleza, disse Kiplink, "qualquer mulher, por menos inteligente que seja, pode manobrar um homem inteligente". E esta força natural sobre o sexo masculino está bem distribuída entre as mulheres. Sim, Esmeralda, Glória tem aqueles olhos lânguidos, mas você tem uma voz mais bonita, e, com o emprego de cosméticos adequados, você poderá alcançar vantagens muito maiores. (Coluna do dia 30/08/1949).

Então, para uma mulher, por mais que não fosse tão inteligente, se tivesse algum atrativo físico bastaria para que conseguisse coisas dos homens. O autor ainda comenta sobre o fato de que um júri composto por homens dificilmente condenará uma mulher de boa aparência, essa informação teria sido passada por um advogado ao autor, mostrando mais uma vez como a beleza das mulheres pode manipular e até enganar um homem. Claro que para isso precisam do “emprego de cosméticos adequados”.

3.12.1 Colunas sobre aparência

Figura 20: Coluna do dia 28 de dezembro de 1948

Que sabe dos Homens e das Mulheres?

De ERNEST E. BLAU

(Copyright The George Mathews Adams Service, distribuído por APLA)

As pernas femininas sempre foram um objeto de interesse para o homem civilizado - e, de acordo com as mulheres, mais do que deve. A escritora Maria Correlli, disse: "Considero a mulher que mostra a força de sua inteligência mais digna de respeito do que a que mostra as pernas.

nas. Querem sempre acrescentar ou tirar um pouco.

A preguiça, de acordo com outra escritora, explica porque muitas pernas femininas são finas. "Para algumas jovens a ginástica", diz ela, "não é mais do que levantar-se de sua boa poltrona para mudar o disco da vitrola". Mas se algumas pernas femininas não são muito perfeitas, quando se fala da fealdade das pernas dos homens todos estão de acordo.

No entanto, as pernas dos homens nem sempre são tão feias. Há pouco tempo, em Nova Gales do Sul, um par de pernas masculinas, venceu as de 11 belas jovens, num concurso de pernas bonitas, no qual os jurados viam apenas pernas.

E eis o que disse Alice Meynell, poetisa inglesa, a respeito das calças do homem moderno: "É principalmente por causa da perna do homem, que é necessária uma mudança nas roupas masculinas. A perna é a parte mais bonita do corpo e a perna mais bonita é a do homem. Ele não deve encobri-la com as calças compridas, de tecido grosso". Lisongeira!



Mas, os homens sempre preferem as pernas. "O resultado é, como demonstra um inquérito, que três em cada dez mulheres, se preocupam com o aspecto de suas per-

Figura 21: Coluna do dia 30 de agosto de 1949

Que sabe dos Homens e das Mulheres ?

(Copyright The George Matthews Adams Service, distribuído pela APLA)

De ERNEST E. BLAU

O problema da beleza feminina.

Uma mulher de Missouri me escreveu o seguinte: "Por que os homens dizem constantemente que a mulher deve preocupar-se com a idade e a aparência? Acho que os homens são sempre puzos e simpáticos! Tenho visto muitos homens, ainda jovens, já obesos, com duplo queixo e rugas. Mas isto não tem importância: são homens, e tudo está muito bem. Creia-me, sr. Blau, se houvesse a reencarnação, eu desejaria voltar à terra como HOMEM, a fim de que pudesse deixar de usar creme e viver realmente - sem preocupar-me com a minha figura".

No século XVII, Madame Sevigné expressou o mesmo pensamento com menos palavras: "Os homens têm uma grande vantagem - podem ser feios".

Creio que o homem "feio" sempre se preocupará com a face e a figura da mulher, pois isto faz parte de sua psicologia.

Mas, será isto ruim para a mulher? A mulher possui alguma coisa que lhe dá uma vantagem natural sobre os homens. O interesse masculino pela aparência feminina é um dos pontos mais vulneráveis do homem, ao que as mulheres denominam de "este mundo dos homens". Apenas um pouco de glamour, dá à mulher vantagens que o homem terá de obter com muito maior esforço.

Um correspondente me escreveu: "Vi uma loura entrar no gabinete do chefe e vender tudo o que queria, ao passo que um homem trabalhador foi repellido". Outro diz: "Todo advogado sabe que é a coisa mais difícil do mundo obter que um júri masculino condene uma mulher".

Com sua beleza, disse Kiplink, "qualquer mulher, por menos inteligente que seja, pode manobrar um homem inteligente". E esta força natural sobre o sexo masculino está bem distribuída entre as mulheres. Sim, Esmeralda, Glória tem aqueles olhos lânguidos, mas você tem uma voz mais bonita, e, com o emprêgo de cosméticos adequados, você poderá alcançar vantagens muito maiores.



x x x

3.12.2 Proposta de atividade sobre aparência

Vamos discutir sobre o que lemos?

Organize a sala de aula em trios. A seguir, leia os textos deste capítulo e tente responder as questões abaixo:

1. Grife nos textos das colunas os trechos que mostram a preocupação feminina com a aparência. Com outra cor, grife as partes que demonstram a preocupação masculina com a aparência.
2. De acordo com os textos deste capítulo, são as mulheres ou os homens que se preocupam mais com a aparência? Por que isso ocorre?
3. Observe a imagem da coluna do dia 30/08/1949. Que interpretação você pode fazer desta imagem? Qual a relação podemos fazer entre a imagem e o texto.
4. Após a leitura dos textos, você acredita que a vaidade feminina descrita pode ser considerada algo natural? Retire uma parte do texto que justifique sua resposta.

3.13 CONCLUSÃO SO MATERIAL

Caras leitoras e leitores, esperamos que as reflexões propostas neste material tenham contribuído de alguma forma para o conhecimento de vocês. Que tenha ajudado a fazê-los perceber como aquilo que consideramos comportamentos masculinos e femininos, “coisa de menina” ou “coisa de menino” pode e deve ser questionado. Que naturalizamos muitos elementos de nossa sociedade que não são realmente naturais. Mulheres são nascem com determinadas características e homens com outras. Muitas dessas características são construções feitas socialmente e nós, por considerarmos isso natural acabamos por reproduzi-las sem questioná-las. Espero que a partir de agora vocês possam questionar mais as atitudes das outras pessoas, mas também as suas próprias atitudes.

Espero que com esse trabalho tenha ficado claro que as mulheres e homens tens papéis que a sociedade espera que cada um cumpra, mas que esses papéis podem fazer com que preconceitos e exclusões continuem acontecendo em nossa sociedade, por isso é importante que nós não aceitemos tão facilmente esses papéis. Que possamos questioná-los, desnaturalizá-los e, quando sentirmos que é necessário, desconstruí-los.

O objetivo dessa reflexão é construimos cada vez mais uma sociedade mais justa e mais igual entre homens e mulheres. Que as mulheres tenham as mesmas oportunidades de trabalho que os homens, que não sofram com pré-julgamentos apenas por serem mulheres, que elas possam decidir sobre seus corpos, que possam escolher se querem ou não ser mães, se querem ou não ter uma carreira, que possam prosperar economicamente sem precisar de uma presença masculina, que tenham um relacionamento saudável e, principalmente, que sofram cada vez menos com a violência.

O primeiro passo para sociedade é a consciência e a reflexão e, esperamos que após a leitura desse material e a execução das atividades propostas, esse primeiro passo dessa longa jornada tenha sido dado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise das fontes foi possível perceber que havia uma definição bastante consistente nas colunas sobre qual era o papel da mulher e do homem, o que se esperava de cada um deles, como cada um deveria agir e se comportar em determinadas situações.

A divisão das colunas em categorias para realizar a análise facilitou a visualização de quais eram os comportamentos esperados de homens e mulheres em diferentes momentos e aspectos como casamento, maternidade e paternidade, violência, trabalho, comportamento (feminino e masculino), economia e consumo, política e aparência.

Sobre o casamento, ficou bastante claro em diversos momentos o que se tinha na época como ideal de esposa e de marido. Ao homem cabe o papel de provedor, o que sai todos os dias para trabalhar e garantir o sustento de sua família. Podemos perceber até hoje como esse ainda é uma responsabilidade que cai sobre o homem. No entanto, na realidade de grande parte das famílias do período em que a coluna foi publicada e da atualidade, essa não é uma realidade possível. Então, por mais que a imagem de provedor recaia mais sobre o homem, as mulheres também eram e são responsáveis pelo sustento da família. Isso quando não são as únicas responsáveis financeiras pelos filhos, visto a quantidade de crianças que não tem o pai em seu registro de nascimento.

O papel da mulher dentro do casamento, a de esposa, mãe e dona de casa. Aquela que abre mão de sua vida profissional em prol de formar uma família também é reforçado diversas vezes (apesar das questões levantadas no parágrafo anterior). É para a mulher que fica a responsabilidade de manter a organização da casa, a educação dos filhos e a felicidade domiciliar do marido. E ela não pode falhar nessa missão. Em uma das colunas inclusive, o autor associa homens que cometem atrocidades com um “mau trabalho” das mães.

Pensando em toda essa responsabilidade colocada em cima da mulher quando ela se torna uma esposa e no fato de que além disso ela também é muitas vezes a provedora, ocupando um papel que, segundo os padrões da coluna, deveria ser ocupado pelo homem, percebemos uma sobrecarga sobre as mulheres.

Ao tratar sobre a maternidade e a paternidade, repetem-se alguns padrões que estão presentes no casamento. O homem deve ser responsável pela parte financeira da criação dos filhos. Todo o resto cabe as mulheres.

Além disso, ao falar sobre a questão da maternidade, levanta-se a ideia desta ser uma escolha das mulheres. Que se uma mulher não deseja ser mãe, ela não deve ser obrigada a ser pelo seu marido. Porém, fica evidente que essas mulheres, as que optam por não terem filhos são vistas como exceção, isto é, o natural para uma mulher é tornar-se mãe. Então, a ideia de a maternidade para a mulher ser uma opção acaba ficando apenas no discurso.

Quando o assunto violência é abordado, não parece ser de uma maneira séria e que tente denunciar um problema que existe na sociedade. Outro ponto sobre esse assunto é que o autor parece tratar com o mesmo peso a agressão de esposa contra maridos e de maridos contra esposas, como se nesses dois casos as agressões ocorressem com a mesma frequência e na mesma intensidade.

Sabemos que não é e nunca foi dessa forma. Sabemos como as mulheres sofrem muito mais com a violência doméstica, com a violência sexual e com o assassinato motivado por questões de gênero.

A temática trabalho talvez seja uma das que mais fácil é possível visualizar as diferenças de papéis sociais de homens e de mulheres. O sucesso masculino está diretamente relacionado ao trabalho. Já o feminino está no casamento e na maternidade. A vida profissional da mulher existe até que essa se case. Pelo menos é isso que deve acontecer segundo o autor. Inclusive, para as jovens, o ambiente de trabalho é um bom lugar para encontrar um pretendente. Se ela “tiver sorte” pode inclusive casar-se com seu chefe. Esse seria o ponto máximo da vida profissional de uma mulher, de acordo com a coluna.

Mesmo quando em um dos textos o autor se propõe a discutir mais sobre as possibilidades profissionais das mulheres, como a ideia de facilitar o acesso delas ao curso de medicina, essa possibilidade só é possível por causa de um outro papel social que se espera que as mulheres desempenham: a de cuidadora. Já que são as mulheres responsáveis por cuidar dos filhos, e quando esses se machucam, são elas que tomam os primeiros cuidados, de acordo com o texto, nada mais óbvio de que as

mulheres seriam excelentes médicas. Não seriam ótimas profissionais devidos as suas capacidades intelectuais, mas sim devido ao seu “dom natural” para cuidar.

Quando tratamos sobre a questão de comportamento, talvez tenha sido a categoria mais difícil de analisar, pois foram muitos os comportamentos esperados de homens e mulheres trazidos nas colunas. O que podemos concluir ao refletirmos sobre essa categoria é que existem atitudes, formas de se comportar, de beber, de fumar diferentes para homens e mulheres e que existem ações que são exclusivas de mulheres ou de homens.

As mulheres não deveriam se masculinizar, porque desta forma afastariam os homens (e aí ficaria difícil concluir uma das suas missões de vida, encontrar um marido). Já os homens seriam ridicularizados se fossem vistos em alguma atitude de “mulherzinha”. A ideia que a coluna passa é de que o homem, ao fazer algo atribuído as mulheres, se diminui, se rebaixa.

Sobre dinheiro, economia e consumo, novamente podemos relacionar com a questão do casamento. O homem é o responsável por conseguir o dinheiro para a família, mas é a mulher que representa o papel de “gastadeira”. Esse é uma imagem bastante ruim para as mulheres pois afinal, a ideia que fica ao lermos os textos das colunas é de que o homem sofre para ganhar o dinheiro que a depois a mulher gasta de maneira supérflua.

Por isso, uma característica que torna uma mulher uma boa esposa é fato de ela ser econômica.

Outro momento em que a mulher “gastadeira” inferioriza a imagem das mulheres é o momento em que se faz a afirmativa de que as mulheres não exploram florestas porque nelas não existem lojas. Isso é, a mulher não possui o ímpeto aventureiro e explorador. No lugar dele existe apenas o desejo de consumir.

Ainda na categoria de economia, é interessante perceber como o contexto em que a coluna foi escrita acaba influenciando nas informações trazidas no texto. A Guerra Fria e a polarização entre capitalismo e comunismo se fazem presente em alguns momentos, e mesmo neles percebemos as representações de gênero. Quando o autor afirma que o consumismo das mulheres livra os EUA do comunismo, esse aspecto fica bastante claro.

Quando tratamos de política, o autor deixa bastante claro que a participação feminina é muito menor que a masculina. Mas o que se dá a entender durante a análise dos textos é que a culpa da menor participação feminina nessas questões é da própria mulher.

Como a mulher pode ser culpada por sua própria exclusão da vida política? Segundo o autor, não votando em outras mulheres e não dando importância para esse assunto. Em uma das colunas, afirma-se que quando as mulheres se reúnem ao invés de elas falarem sobre assuntos que lhes possam ser relevantes, acabam por falar sobre roupas e modas. Essa é uma outra representação que podemos apontar que é construída da mulher, a de uma pessoa que se importa com questões irrelevantes, fúteis ao invés de focar no que realmente importa.

Se essa afirmação é real, como se explica a luta e conquista das mulheres por tantos direitos no decorrer da história? Não existe nenhuma coluna que fale claramente sobre essas conquistas.

Quando o assunto é aparência, novamente sentimos uma cobrança muito maior sobre as mulheres. Elas devem cuidar-se mais, devem se preocupar mais com a sua aparência, por mais que depois acabem sendo criticadas por esse mesmo motivo.

Ao mencionar a aparência dos homens, percebemos que no período e lugar em que a coluna foi escrita, a barba não estava na moda, sendo essa criticada em diversos momentos pelo autor. Outro ponto quando analisamos a questão da aparência dos homens é que, novamente, um homem que acabe adquirindo hábitos que são considerados femininos são ridicularizados e rebaixados.

Todos esses pontos foram percebidos durante a análise da coluna. Várias representações sociais de homens e mulheres que eram tratadas como naturais, mas que nós sabemos atualmente que são socialmente construídas e reforçadas de diversas formas. Por isso as pessoas acabam reproduzindo essas ações e esses papéis mesmo sem perceber.

No entanto, também podemos perceber que as representações de mulheres e homens construídas nas colunas nem sempre condiziam com o cotidiano de seus leitores aqui no Brasil.

Isso deve-se ao fato de que a coluna não era escrita no Brasil e, certamente, seu autor não estava pensando no público brasileiro enquanto a escrevia. Por isso, muitas vezes fica evidente o distanciamento entre o que está escrito na coluna e a realidade de seus leitores no Brasil. Quando a coluna traz uma informação em dólares ou cita acontecimentos da cidade de Nova Iorque é possível notar esse afastamento entre a realidade descrita nos textos e da vivida pelas pessoas que acompanhavam o jornal em Telêmaco Borba, interior do Paraná.

Outro fato é que, muitas vezes, a coluna fala sobre comportamentos observados nas classes média e alta da sociedade. Quando se reforça tantas vezes que em uma união conjugal o papel do homem é o de provedor e apenas ele deve trabalhar fora de casa enquanto a mulher é responsável pelos afazeres da casa e educação dos filhos, ficam esquecidas as famílias de classe mais baixa, onde o salário do homem apenas não era o suficiente. Sabe-se que as mulheres das classes mais pobres, além das tarefas domésticas, também precisavam sair para trabalhar. Então, esse que é uma das representações de papéis sociais mais frisadas nos textos acaba condizendo muito pouco com a realidade dos leitores.

Depois de realizar análise, fez-se necessário refletir como essas informações podiam ser levadas para a sala de aula e como elas poderiam contribuir com o ensino de história. Para resolver essa questão, foi criado um material didático que tentou tirar as partes mais importantes da análise das colunas e resumi-las de uma forma dinâmica e na linguagem dos alunos do Ensino Médio.

A divisão do material didático acompanhou a divisão em categorias da análise para a pesquisa. Dessa forma, o professor que tivesse contato com o material poderia escolher entre trabalhar com todo o material ou então escolher uma categoria para fazer uma aula temática.

Para contribuir com a reflexão, foram propostas algumas atividades para os alunos. Estas envolvem debates e discussões para serem feitas em sala. Assim todos podem contribuir de alguma forma, com suas ideias e opiniões para a construção do conhecimento.

A desigualdade entre os gêneros e suas consequências para a sociedade é um assunto muito importante para ser discutido em sala de aula. Questionar-se por que nas aulas de história falamos muito mais sobre feitos de homens do que de mulheres.

Depois, analisar de que forma um jornal que circulava em uma cidade do interior do Paraná pode nos ajudar a entender a construção do que esperamos e de que forma representamos homens e mulheres. Talvez essas sejam ações quem façam com que os alunos se questionem e reflitam sobre as desigualdades, injustiças e violências que persistem até os dias de hoje em nossa sociedade.

O objetivo de levar esse material com essas reflexões para as aulas de história é mostrar que várias das representações de papéis de mulheres e homens que temos em nossa sociedade não são naturais, foram construídas historicamente. E, assim como foram construídas podem ser desconstruídas.

Fazer com que os alunos compreendam que na verdade não existem brincadeiras de meninas, cores para meninas, roupa de meninas, cabelo de meninas, trabalhos específicos para mulheres, uma forma correta para as mulheres se sentarem, violência que mulheres devem aguentar. E, que se de alguma forma alguém achar que isso existe, podemos e devemos questionar. E que, se essas representações sociais prejudicam alguém, podem e devem ser combatidas.

FONTES

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 30 de novembro de 1948.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 7 de dezembro de 1948.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 21 de dezembro de 1948.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 28 de dezembro de 1948.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 04 de janeiro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 11 de janeiro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 25 de janeiro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 01 de fevereiro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 08 de fevereiro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 15 de fevereiro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 22 de fevereiro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 29 de março de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 12 de abril de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 26 de abril de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 03 de maio de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 10 de maio de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 17 de maio de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 24 de maio de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 31 de maio de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 07 de junho de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 14 de junho de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 26 de junho de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 05 de julho de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 12 de julho de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 19 de julho de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 02 de agosto de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 16 de agosto de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 23 de agosto de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 30 de agosto de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 13 de setembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 20 de setembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 27 de setembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 04 de outubro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 11 de outubro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 18 de outubro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 25 de outubro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 01 de novembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 08 de novembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 15 de novembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 23 de novembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 29 de novembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 06 de dezembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 13 de dezembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 20 de dezembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 27 de dezembro de 1949.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 03 de janeiro de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 10 de janeiro de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 17 de janeiro de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 23 de janeiro de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 30 de janeiro de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 28 de fevereiro de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 07 de março de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 14 de março de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 21 de março de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 28 de março de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 04 de abril de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 11 de abril de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 19 de abril de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 26 de abril de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 03 de maio de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 10 de maio de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 17 de maio de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 24 de maio de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 31 de maio de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 07 de junho de 1950.

BLAU, Ernest E. Que sabe dos homens e das mulheres. **O Tibagi**, Monte Alegre, p.4, 14 de junho de 1950.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. Representação Social: uma genealogia do conceito. **Comum**, Rio de Janeiro, v.10, n. 23, p. 122-138, jul/dez 2004.

ÁLVARES, Maria Luíza Miranda. O direito do voto e a participação política: a formação da cidadania feminina na “invenção da democracia”. In: PAIVA, Denize (Org.). **Mulher, política e poder**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011, p. 53-100.

ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e teoria de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n. 117, p. 127-147, 2002.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2016.

BRITO, Sonia Maria de Souza. Mulheres dos anos dourados. São Paulo: Contexto, 2014, p. 396. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 4, n. 3, p. 181-185, 2016.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto: USP, 1988.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. “Análise de Conteúdo e Análise de Discurso nas Ciências Sociais”. In. **Organizações Rurais e Agroindustriais – Revista de Administração da UFLA**. Volume 5, nº 1, 2003.

CAREGNATO, Rita Catalino Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm. Florianópolis**, v. 15, n. 4, p. 679-684, outubro/dezembro 2006.

CERRI, Luis Fernando; FERREIRA, Angela Ribeiro. **Oficina de História III**. Ponta Grossa: UEPG/NUTEAD, 2010, p.115.

CHORTASZKO, Daiane Saggiorato; MOREIRA, Rosemeri. Mulher e família nos anos dourados: os anúncios publicitários da revista Grande Hotel (1958-1961). In: 9º ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA 2013, Ouro Preto. **Anais**, Ouro Preto, UFOP, 2013.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. O ensino da História e os estudos de gênero na historiografia brasileira. **História e perspectivas**, Uberlândia (53): 295-314, jan./jun. 2015.

CROCCO, Margaret S. Making time for woman’s history... When you survey course is already filled to overflowing. **Social Education**, janeiro, 1997.

CUNHA, Bárbara Madruga da. Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate à violência de gênero. *In: XVI JARNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DE DIREITO DA UFPR*, 2014, Curitiba. **Anais**. Curitiba, UFPR, 2014.

FERREIRA, Angela Ribeiro. **Representações da história das mulheres no Brasil: em livros didáticos de história**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2006.

FLOR, Gisele. Corpo, mídia e status social: reflexões sobre padrões de beleza. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 267-274, set./dez. 2009.

FRACCARO, Gláucia. **Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. São Paulo, Editora Claridade 3ª edição, 2015.

HAHNER, June E. Escolas mistas, escolas normais: a coeducação e a feminização do magistério no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 467-474, 2011.

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Da legitimação à condenação social. *In: PINSKY, Carla Bassanezi.; PEDRO, Joana Maria. (org). Nova história das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In: LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In: PINSKI Carla Bassanezi. (org) Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111 - 153.

MAROLLA, Jesús. PAGÉS, Joan. Ralatos y memorias in el Cono Sur. **Clío & Asociados. La historia enseñada**, n. 20/21, p. 223-236, 2015.

MATOS, Maria Izilda S. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. **Locus - Revista de História**: v. 17, n. 2, 2011.

MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. “Programa de Mulher”. *In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (org). Nova história das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero” - Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Revista Direito e Práxis**, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.

MITTANCK, Vanuza Alves. As mulheres de 1950: seu comportamento e suas atitudes. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO*, 11, 2017, Florianópolis. **Anais**, Florianópolis, 2017.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 5 ed. 2007.

NASCIMENTO, Kelly Cristina. **Entre a mulher ideal e a mulher moderna: representações femininas na imprensa mineira - 1873-1932**. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2 ed. 2017.

PAGÉS Joan; SANT, Edda. ¿Por qué las mujeres son invisibles em la enseña de la historia? **Revista Historia y memoria**, n. 3, p. 129-146, 2011.

PAGÉS, Joan; SANT, Edda. Las mujeres em la enseña de historia: ¿hasta cuándo serán invisibles? **Cad. Pesq. Cdhis**, Uberlândia, v.25, n.1, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. *In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (org). Nova história das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

PINSKI, Carla Bassanezi. Mulheres nos anos dourados. *In: PRIORE, Mary del. (org) História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 10 ed. 2018.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres nos anos dourados**. São Paulo: Contexto, 2014.

PRIORE, Mary del. **História e conversas de mulher**. São Paulo: Editora Planeta, 2ª edição, 2013.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. *In: PRIORE, Mary del. (org) História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 10 ed. 2018.

RODRIGUES, Pauline Bitzer. "Rosie, the Riveter" volta ao lar: o papel social da mulher estadunidense no pós-Segunda Guerra Mundial através das publicidades em revistas de grande circulação (1944-1945). *In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA*, 2013, Maringá. **Anais**, Maringá. UEM, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular. 2015.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. "Sempre bela" *In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org). Nova história das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

SCOTT, Ana Silva. O caleidoscópio dos arranjos familiares. *In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org). Nova história das mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1995.

SILVA, Cristiani B; RIBEIRO, Paula Regina C. Dossiê gênero e sexualidade no espaço escolar. **Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, Florianópolis, maio/agosto, 2011.

SILVA, Sergio Gomes da. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 30 n. 3, p. 556-571, Brasília, setembro, 2010

SIQUEIRA, Tatiana Lima. Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero. **Revista Ártemis**. Salvador, p. 110-118, junho, 2008.

SOIHET, Raquel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300, 2007.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo do Brasil e outros ensaios**. São Paulo, Editora Alameda, 2017.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. **Da mãe que não fui: a experiência da ausência de maternidade ao longo do século XX**. 2015. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

VEIGA, Carlos Eduardo. **Rompendo o laço conjugal**. Curitiba, Editora Appris, 2017.

VIEIRA, Ana Flávia Braun. **Análise do discurso fundador de Telêmaco Borba no jornal O Tibagi (1948 – 1964)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

VIEIRA, Ana Flávia Braun. **O Jornal O Tibagi e a construção do discurso fundador de Telêmaco Borba – PR**. Ponta Grossa: Texto e Contexto Editora, 2019.

VISNIESKI, Juliana Cristine Kapp de Oliveira. **Belas, prendadas e do lar: Ensino de história e representações femininas na coluna “o assunto é mulher” do jornal Gazeta de Palmeira (1976-1982)**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

ZERZAN, John. Patriarcado, civilização e as origens do gênero. **Revista do núcleo de estudos e pesquisas em gênero e direito**, Paraíba, v. 1, n. 2, 2011.

APÊNDICE - TABELA DAS COLUNAS

Data	Frase	Assunto	Palavra chave	Refere-se
1 23/11/1948	Pergunta inicial: “Por que os homens e as mulheres falam linguagens diferentes?”	Homens e mulheres falam de maneira diferente. Usam palavras e expressões de acordo com o gênero	Linguagem	Comparação entre homens e mulheres.
2 30/11/1948	Pergunta inicial: “A mulher empregada tem mais facilidade para casar?”	Empregos em que as mulheres conhecem mais pessoas dão mais oportunidades para arranjar casamento.	Casamento	Mulheres.
3 07/12/1948	Pergunta inicial: “Serão as mulheres responsáveis pela maioria dos sofrimentos do mundo?”	Como a forma que algumas mães criam seus filhos podem afetá-los e transformá-los em pessoas horríveis.	Maternidade	Mulheres
4 14/12/1948		Pesquisa realizada que diz que a idade em que as mulheres são mais felizes é dos 30 aos 40 anos. Relaciona-se esse fato ao casamento, filhos e trabalho. Final: Não revelas a idade.	Idade	Mulheres
5 21/12/1948	“Enquanto não houver lojas nas selvas, teremos poucas mulheres exploradoras.”	As mulheres compram mais que os homens. Uma pesquisa mostrou como em Nova York há mais mulheres trabalhando com publicidade também.	Consumo	Comparação entre homens e mulheres, focando mais nas mulheres.
6 28/12/1948	Considero a mulher que mostra a força de sua inteligência mais digna de respeito do que a que mostra as pernas.”	1ª parte: As mulheres se preocupam muito com as pernas por é uma parte do corpo que chama muita atenção dos homens. 2ª parte: Os homens deveriam mostrar mais suas partes por é uma parte muito bonita do seu corpo.	Aparência	1º fala sobre as mulheres e depois sobre os homens.
7 04/01/1949	“Investigações revelam que pelo menos uma em 10, se rebela contra o trabalho doméstico.”	Homem quando casa busca a paternidade, mas nem todas as mulheres querem ser mães. Muitas mulheres acham que os trabalhos domésticos seriam um desperdício do talento feminino e a coluna concorda com essa afirmação.	Maternidade	Mulheres

8 11/01/1949		Mulheres são a maioria dos eleitores e querem mais mulheres participando dos governos. No entanto, estas não se candidatam a nenhum cargo.	Política	Mulheres
9 25/01/1949		O que os homens mais buscam em uma mulher na hora de escolher alguma para casar-se. A beleza não é o ponto fundamental.	Aparência	O que os homens buscam nas mulheres.
10 01/02/1949	“Se uma mulher decide casar com um homem, nada a não ser uma fuga imediata poderá salvá-lo.”	O número de casamento diminuiu. As mulheres esperam e preferem que o homem tome iniciativa na hora de propor casamento. Século 13 – Escócia – No ano bissexto as mulheres podiam propor casamento. “Bons tempos aqueles, meninas”	Casamento	Mulheres
11 08/02/1949	“Teria eu tudo isto, se não fosse a minha mulher? (Aquele que está lá na cozinha, lavando os pratos.)” - Enquanto o homem está sentado na poltrona	Dependência que os homens têm das mulheres. Só podem ser felizes com mulheres por perto.	Casamento	Homens
12 15/02/1949	“Quando você regressar ao lar esta noite, leve do bolso uma medalha de Campeã dos Serviços Perigosos para pregar no avental de sua esposa.”	O número de acidentes domésticos é muito alto. Como a mulher passa a maior parte do seu tempo em casa, fazendo trabalhos domésticos, é ela que mais se expõe a esses riscos.	Trabalho domésticos	Homens observem as mulheres.
13. 22/02/1949	Pergunta inicial: “Estão os homens ficando afeminados?”	Como alguns homens estão adotando características femininas e como isso os rebaixa.	Aparência	Homens
14. 29/03/1949	Pergunta inicial: “O casamento é mais desvantajoso para o homem ou para a mulher?”	Desvantagens para as mulheres: Perde seu nome, as vezes perde um bom emprego, sua independência financeira e precisa aprender uma nova profissão, a de doméstica.	Casamento	Comparação entre homens e mulheres.

		Desvantagens para os homens: Trabalhar o resto da vida para sustentar a família.		
15. 05/04/1949	Pergunta inicial: “Qual a leitura preferida do homem e da mulher no jornal?”	Interesses diferentes entre homens e mulheres sobre o que se busca no jornal. Homens preferem ler mais sobre esportes e mulheres sobre moda. A coluna aponta, no entanto, há um desinteresse de ambos os sexos nas notícias propriamente ditas.	Diferença de interesses	Comparação entre homens e mulheres.
16. 12/04/1949	Pergunta inicial: “A bebida é um passatempo exclusivamente masculino?”	Hábitos tipicamente masculinos como beber álcool e fumar estão sendo apropriados por mulheres.	Comportamento	Comparação entre homens e mulheres.
17. 19/04/1949	Pergunta inicial: “As mulheres ouvem mais a voz da consciência que os homens?”	Mulheres refletem mais sobre suas próprias ações, são mais religiosas e se preocupam mais com o código moral.	Sensibilidade	Comparação entre homens e mulheres.
18. 26/04/1949	Pergunta inicial: “A vida em comum é mais fácil nas segundas núpcias?”	Homens e mulheres que se casam pela segunda vez aprendem lições e conseguem ser felizes no segundo casamento.	Casamento	Homens e mulheres.
19. 03/05/1949	Pergunta inicial: “Gostam as mulheres de homens barbados?”	As mulheres da época em que a coluna foi escrita preferem homens sem barba apesar desta ser vista como um símbolo de masculinidade em outras épocas.	Aparência	O que as mulheres buscam nos homens.
20. 10/05/1949	Frase inicial: “As mulheres são as maiores fãs de concursos.”	As mulheres têm mais interesse em concursos, cupons de desconto e em “pechinchar”.	Consumo	Mulheres
21. 17/05/1949	Pergunta inicial: “Os homens são arquivados aos 65 anos?”	Os homens passaram os últimos 10 ou 15 anos de suas vidas dependendo de alguém. É muito difícil que homens idosos tenham emprego ou que consigam acumular dinheiro para ter uma velhice confortável.	Trabalho	Homens
22. 24/05/1949	Pergunta inicial: “Suas medidas são aproximadas da média geral?”	Homem médio: prefere morenas, gosta de futebol, prefere estar barbeado e acha que a melhor qualidade da esposa é ser uma boa companheira.	Comportamento	Comparação entre homens e mulheres.

		Mulher média: Acha que come demais, prefere o casamento a uma carreira, gosta de “obedecer”, acha que o marido bebe demais e prefere homens barbeados.		
23. 31/05/1949	Frase inicial: “As secretárias modernas são melhores que as do passado.”	As secretárias são muito importantes para seus patrões. A mulher aparece sempre no papel de secretária e o homem como o chefe, aquele que cuida dos negócios.	Trabalho	Mulheres
24. 07/06/1949	Frase inicial: “Porque os homens discutem.”	Agressividade está ligada a imaturidade emocional.	Violência	Homens e mulheres.
25. 14/06/1949	Frase inicial: “Homens e mulheres contra as crianças.”	Casos de maus-tratos sofridos por crianças.	Maternidade e paternidade	Homens e mulheres
26. 26/06/1949	Pergunta inicial: “As donas de casa têm melhor vida do que as jovens empregadas?”	Pesquisas mostram que as mulheres que não trabalham fora são mais felizes do que as empregadas. Boa parte das mulheres larga o emprego para casar-se, já o contrário não acontece. Esta coluna menciona um caso de violência contra mulher.	Trabalho	Mulheres
27. 28/06/1949	Pergunta inicial: “A cor influencia homens e mulheres da mesma maneira?”	Quais as cores que homens e mulheres devem usar para atrair o sexo oposto. Relação – Mulheres-Branco-Casamento.	Comportamento	Homens e mulheres.
28. 05/07/1949	Pergunta inicial: “São as mulheres mais descuidadas que os homens?”	As mulheres têm mais facilidade para perder ou esquecer as coisas. Os homens gastam muito dinheiro para “ornamentá-las” e elas perdem várias de suas joias.	Comportamento	Mulheres
29. 12/07/1949	Pergunta inicial: “Quanto vale uma esposa?”	Mulher larga do seu emprego para se casar e assumir os serviços domésticos. Os gastos que alguns homens têm com suas mulheres não pagam todo o serviço doméstico que estas fazem por eles.	Casamento	Mulheres
30. 19/07/1949	A coluna inicia-se com uma pergunta, mas esta não está	Na China as mulheres estão proibidas de usar maquiagem pois a prioridade do país é produzir comida.	Consumo	Mulheres

	legível. Fala sobre cosméticos.	As mulheres movimentam a economia com a compra de cosméticos. “Estaremos seguros contra o comunismo enquanto as mulheres deste país puderem pintar-se à vontade”.		
31. 02/08/1949	Frase inicial: “As mulheres norte-americanas são as mais felizes do mundo.”	Comparação com as mulheres na União Soviética. As mulheres nos Estados Unidos têm mais expressão política, estão livres de trabalhos pesados e não são vistas como inferiores (o que acontece em quase toda a Europa).	Política	Mulheres
32. 08/09/1949	Frase inicial: “Este é sempre o mundo dos homens em certas coisas”	Privilégios femininos. As mulheres estão conquistando os direitos que eram só masculinos sem perder os seus privilégios femininos.	Privilégios	Mulheres
33. 16/08/1949	Frase inicial: “A bebida e as mulheres.”	Texto igual ao dia 12/04/1949		
34. 23/08/1949	Pergunta inicial: “São os norte-americanos dominados pelas mulheres?”	As mulheres, através da influência que exercem sobre os homens, comandam diversas questões econômicas e políticas. EUA descrito como um país em que as mulheres possuem muita liberdade.	Política	Mulheres
35. 30/08/1949	Frase inicial: “O problema da beleza feminina.”	A mulher se preocupa mais com a aparência do que o homem. O homem pode ser feio, a mulher é mais cobrada por sua beleza. A vantagem das mulheres é que com sua beleza, ela pode manipular os homens.	Aparência	Mulheres
36. 06/09/1949	Frase inicial: “Os dois sexos têm ciúme um do outro.”	Cartas que os leitores escreveram criticando a coluna. A primeira escrita por uma mulher dizendo que a coluna fala coisas ruins sobre as mulheres. A segunda carta de um homem que diz que autor fala mal dos homens para agradar as mulheres.	Comparação	Homens e mulheres
37. 13/09/1949	Frase inicial: “Deve o homem ter a mesma liberdade de vestir que a mulher.”	Os homens têm regras mais rígidas na hora de se vestir do que as mulheres. A coluna conta o caso de homem que foi preso por andar descalços.	Aparência	Homens

38. 20/09/1949	Pergunta inicial: “Que direitos têm os homens e as mulheres casados?”	Homens e mulheres que pensam só em si e não nos seus parceiros podem ficar sozinhos. “Os seus direitos terminam onde começa o nariz de sua esposa.” A coluna fala sobre casos de violência por causa de problemas domésticos.	Violência	Homens e mulheres
39. 27/09/1949	Pergunta inicial: “As mulheres imaginam mais do que os homens?”	A mulher por trabalhar em casa sozinha imagina mais. Além disso, a mulher é um ser muito mais emocional, por isso imagina mais também.	Comportamento	Mulheres (foco) e há uma comparação entre homens e mulheres
40. 04/10/1949	Pergunta: “Estarão as louras desaparecendo?”	As louras têm diminuído como “uma colher de leite em uma xícara de café”. A coluna chega a falar que o governo deveria interferir nesta questão da escassez de louras assim como interferiu nos búfalos.	Aparência	Mulheres
41. 11/10/1949	Pergunta inicial: “Devem os artigos masculinos ser vendidos por mulheres?”	Já que mesmo nas lojas masculinas a maioria das consumidoras são mulheres (pois são as esposas que compram roupas para seus maridos) é melhor que os vendedores sejam mulheres.	Consumo	Mulheres
42. 18/10/1949	Frase inicial: “As mulheres perdem o glamour em oito ocasiões”.	Oito situações em que as mulheres deixam de ser atraentes para os homens.	Aparência	Mulheres
43. 25/10/1949	Título: “Espírito de destruição”	A coluna fala sobre as pessoas que destroem coisas e lugares importante e fala do problema que isso é para a sociedade.	Violência	Homens e mulheres
44. 01/11/1949	Frase inicial: “A adoção dos costumes masculinos não torna as mulheres mais felizes.”	Várias mulheres seguem hábitos masculinos. Quando uma mulher, no esporte por exemplo, se aproxima do desempenho de um homem, ela é exaltada, quando um homem faz isso é ridicularizado. Mas no final mulheres que “vivem como mulheres” são mais felizes.	Comportamento	Mulheres
45. 08/11/1949	Pergunta inicial: “Quando um homem é menos atraente para as mulheres?”	Primeiro parágrafo: Relembra os oito pontos que tornam as mulheres menos glamorosas e reforça que é melhor seguir esses conselhos para não perder seu relacionamento.	Aparência	Homens

		Apenas depois cita sete pontos que tornam os homens menos atraente.		
46. 15/11/1949	Pergunta inicial: “Deve ser dividida entre a esposa e o marido as despesas com os filhos?”	Altas despesas que os filhos geram. No final dá um exemplo da Nigéria onde o pai recebe uma quantia para deixar a filha casar-se.	Paternidade	Homens e mulheres (principalmente homens)
47. 23/11/1949	Pergunta inicial: “As mulheres são tão bons médicos quanto os homens?”	Os homens tentam manter a profissão de médico masculina. As escolas de medicina reservam poucas vagas para as mulheres. O autor contesta este fato falando que as mulheres têm uma habilidade natural para isso.	Trabalho	Mulheres
48. 29/11/1949	Título: “Ainda as crianças”	Texto igual ao do dia 15/11/1949		
49. 06/12/1949	Questão inicial: “Podem as moças norte-americanas resistir a comparação com as estrangeiras?”	Soldados americanos comparam as mulheres norte-americanas com estrangeiras (inglesas e francesas). Apesar de reconhecerem várias características positivas nas estrangeiras, todos falam que querem se casar com norte-americanas.	Aparência	Mulheres
50. 13/12/1949	Questão inicial: “Tem homens e mulheres ideias diferentes sobre a beleza feminina?”	Não existem muitas mulheres bonitas andando pelas ruas. As mulheres conseguem ver mais beleza em outras mulheres do que os homens.	Aparência	Comparação entre homens e mulheres
51. 20/12/1949	Pergunta inicial: “Quem tem mais vantagem – O homem ou a mulher?”	Comparação em vários pontos sobre homens e mulheres.	Comparação	Comparação entre homens e mulheres
52. 27/12/1949	Título: “A resposta das esposas”	Coisas que as mulheres falam que irritam seus maridos.	Casamento	Mulheres
53. 03/01/1950		Texto igual ao do dia 15/11/1949 e 29/11/1949.		
54. 10/01/1950	Frase inicial: “As mulheres não são boas organizadoras”	As mulheres não foram feitas para o trabalho administrativo. Em clubes em que as mulheres se reúnem para falar sobre seus direitos, acabam falando sobre moda.	Comportamento	Mulheres
55. 17/01/1950	Frase inicial: “Qual será o nosso futuro”	Previsão de coisas óbvias.	Futuro	Sem definição. Mais para os homens.

56. 23/01/1950	Questão inicial: “É possível modificar o marido?”	As esposas sempre tentam modificar e corrigir seus maridos e isso faz com que homens sejam infelizes no casamento. Os homens querem que suas esposas permaneçam iguais.	Casamento	Mulher
57. 30/01/1950	Questão inicial: “A moral feminina é diferente da nossa?”	Os homens veem as mulheres como seres perfeitos. Uma mulher que adota hábitos masculinos tem 2x mais a perder do que os homens.	Comportamento	Mulher
58. 28/02/1950	Frase inicial: “Os homens são muito nervoso”	Os homens se preocupam com muitas coisas e não podem largar tudo e relaxar.	Comportamento	Homem
59. 07/03/1950	Frase inicial: “As mulheres falam muito ao telefone”	As mulheres falam mais ao telefone. Relação do telefone com relacionamentos amorosos. *Relato ou piada com violência.	Violência	Mulher
60. 14/03/1950	Frase inicial: “Muitos homens acreditam no amor à primeira vista.”	Os homens se apaixonam mais à primeira vista que as mulheres. Também se suicidam mais por amor.	Comportamento	Homem
61. 21/03/1950	Frase inicial: “As mulheres são mais grosseiras em público”	Comportamento grosseiro de mulheres em filas e transportes públicos.	Comportamento	Mulher
62. 28/03/1950	Questão inicial: “Por que você não precisa preocupar-se com dinheiro?”	Existem poucas chances de um homem e enriquecer e as chances são menores ainda para as mulheres. Homem enriquecer: Presidente da empresa em que trabalha. Mulher enriquecer: Casar com um homem rico.	Economia	Comparação entre homens e mulheres.
63. 04/04/1950	Frase inicial: “Os homens nunca serão perfeitos”	As mulheres buscam transformar seus maridos. A coluna fala sobre a infidelidade e mostra como algo que boa parte dos homens faz.	Casamento	Homens e mulheres.
64. 11/04/1950	Frase inicial: “As mulheres são mais sensíveis à influência do tempo”	As mulheres e seu bem-estar são modificados de acordo com o tempo e com o clima. * Relato de violência; imagem: um homem batendo em uma mulher.	Violência	Mulheres
65. 19/04/1950	Frase inicial: “Os homens detestam as mulheres muito enfeitadas.”	Porcentagens que mostram que os homens preferem as mulheres que se vestem de maneira mais simples.	Aparência	Mulheres

66. 26/04/1950	Frase inicial: "A simpatia é mais importante para as mulheres"	As mulheres precisam ser mais simpáticas e gentis que os homens (que podem ser mais frios).	Comportamento	Mulheres
67. 03/05/1949	Frase inicial: "Os homens se vestem para as mulheres."	As mulheres influenciam muito mais na forma do homem se vestir do que os homens influenciam as mulheres. As esposas escolhem muito mais as roupas do marido do que o contrário.	Aparência	Mulheres e homens.
68. 10/05/1950	Frase inicial: "Devem os homens ser embelezados"	Vaidade masculina. Lei que permite que os homens façam alguns penteados no cabelo. No entanto, as mulheres não se preocupam muito com a aparência dos homens.	Aparência	Homens
69. 17/05/1950	Frase inicial: "Os homens ajudam no lar"	Alguns homens se levantam sozinhos da cama e fazem suas próprias refeições. Isso é ajudar nos serviços de casa.	Trabalho doméstico	Homens
70. 24/05/1950	Questão inicial: "As mulheres casam por interesse?"	Quando as mulheres estão apaixonadas nada mais importa. As mulheres sentem o amor 8x mais intensamente que os homens. Mas as mulheres são naturalmente inseguras e somente sentem-se melhor em relação a isso quando se casam com um homem que lhes de segurança, inclusive financeira.	Casamento	Mulheres
71. 31/05/1950	Frase inicial: "A influência de certas leis nos homens e nas mulheres"	Leis em estados norte-americanos que restringem o contato entre homens e mulheres. *Definição do padrão de beleza masculino e feminino.	Aparência	Homens e mulheres
72. 07/06/1950	Frase inicial: "As sogras são piores que os sogros"	Em diversos casos, as sogras são as responsáveis pela infelicidade conjugal.	Casamento	Mulheres
73. 14/06/1950	Frase inicial: "Os homens não sabem fazer compras"	Os homens compram coisas desnecessárias, principalmente quando se distraem em uma loja cheia de vendedoras.	Comportamento	Homens